

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Esmael Vandelino da Silva

**BRASILEIROS EM MONTREAL: ANÁLISE GEOGRÁFICA DE UMA REDE
SOCIAL DA MIGRAÇÃO (2008 - 2021)**

Florianópolis

2022

Esmael Vandelino da Silva

**BRASILEIROS EM MONTREAL: ANÁLISE GEOGRÁFICA DE UMA REDE
SOCIAL DA MIGRAÇÃO (2008 - 2021)**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.
Orientador: Prof.^a Dr.^a Leila Christina Duarte Dias

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra

Silva, Esmael Vandelino da. Brasileiros em Montreal: análise geográfica de uma rede social da migração (2008 - 2021). Esmael Vandelino da Silva; orientadora, Prof.^a Dr.^a Leila Christina Duarte Dias, 2022.

170 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Geografia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. Análise de Redes Sociais. 3. Migração.
I. Dias, Prof.^a Dr.^a Leila Christina Duarte . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Geografia. III. Título.

Esmael Vandelino da Silva

**Brasileiros em Montreal: análise geográfica de uma rede social da migração
(2008 - 2021)**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Geografia” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Geografia.

Local: Florianópolis, 22 de dezembro de 2022



Documento assinado digitalmente
Lindberg Nascimento Junior
Data: 20/03/2023 23:21:23-0300
CPF: ***.596.139-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Dr. Lindberg Nascimento Junior
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
LEILA CHRISTINA DUARTE DIAS
Data: 20/03/2023 10:50:04-0300
CPF: ***.879.737-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.^a Dr.^a Leila Christina Duarte Dias
Orientador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
Jonatan Carvalho de Borba
Data: 20/03/2023 15:59:20-0300
CPF: ***.679.089-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Me. Jonatan Carvalho de Borba
Avaliador
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Documento assinado digitalmente
Maria Helena Lenzi
Data: 20/03/2023 15:50:26-0300
CPF: ***.233.599-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Lenzi
Avaliador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho àqueles que me abençoaram com a arte de interpretar o espaço e a sensibilidade de percebê-lo ao longo do tempo.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe presto meu primeiro agradecimento. Obrigado por me instruir que o estudo é o melhor caminho e por ter sido minha primeira professora.

A Prof.^a Joana D'Arc Portella Rocha e ao Ramiro Fagundes da Rosa, duas pessoas essenciais nesta caminhada. Sem vocês não existiria uma trajetória acadêmica na Geografia, meus mestres desde o Ensino Médio. Obrigado por terem iluminado meu pensamento e confiado que a universidade pública também era para mim.

A Universidade Federal de Santa Catarina, pela minha formação pública, gratuita e de qualidade. Saio com muito orgulho no peito, honrando cada experiência que vivi nesta instituição.

Agradeço em especial a minha orientadora Prof.^a Dra. Leila Christina Duarte Dias com quem pude amadurecer desde meu primeiro semestre na universidade. Sem dúvida uma das responsáveis por eu tanto amar a Geografia. Graças a você continuarei sendo comprometido a ser um geógrafo de excelência. Obrigado pelos conselhos, pela dedicação e todas as oportunidades que tive de ser seu aprendiz.

Aos meus mestres na Geografia, meu mais sincero agradecimento. Obrigado por investirem seu tempo e energia para nos lapidar enquanto Geógrafos. Foram anos de muito aprendizado com cada um de vocês.

A todos os meus amigos e colegas de curso, parte do sucesso da minha trajetória no curso tem um pouquinho de cada um. Não sairia da UFSC como sou sem as trocas e as conversas que agregaram muito. Os abraços me trouxeram conforto e as palavras me tranquilizaram para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos entrevistados desta pesquisa que confiaram a mim suas histórias, compartilhando comigo detalhes muito pessoais e etapas difíceis que foram vencidas em nome de um sonho. Sem vocês este trabalho não seria possível, presto o meu mais sincero agradecimento.

RESUMO

Neste trabalho nos dedicamos a analisar a migração de brasileiros em direção a região metropolitana de Montreal, na província de Quebec, Canadá. Utilizamos como metodologia a Análise de Redes Sociais partindo do princípio de que a migração acontece ancorada nos laços sociais que envolvem migrantes e não migrantes. Discutimos como o Canadá e Quebec construíram suas políticas de imigração, por caminhos distintos culminaram na afirmação da identidade quebequense e, posteriormente, na formulação de uma política imigratória específica. Além disso, observamos que a presença dos brasileiros na província se associa diretamente aos objetivos da política externa de Quebec que considera a imigração de trabalhadores qualificados e suas famílias como uma forma de superar os problemas demográficos e garantir a prosperidade econômica. A partir das 8 entrevistas e conclusões de estudos anteriores podemos dizer que a migração de brasileiros para Montreal é recente, pouco tradicional e principalmente familiar, que se ampliou juntamente com as ações governamentais de promoção da imigração e com a presença das redes sociais. Pudemos perceber que ao interagirem em rede os brasileiros tiveram acesso a informações e apoio mútuo nas diferentes etapas do projeto migratório, de modo que dificuldades e obstáculos puderam ser evitados ou facilmente solucionados. As experiências compartilhadas, as indicações de moradia e trabalho no destino, o exercício da cultura e o suporte na decisão de migrar são apenas algumas das formas de manifestação da rede como facilitadora. Pelo seu caráter recente a rede de brasileiros ainda é pouco organizada, sem uma instituição que represente os interesses da população imigrante, sendo os grupos em redes sociais, listas de e-mail, blogs e outros canais um importante recurso para este fim.

Palavras-chave: Brasileiros em Montreal. Análise de Redes Sociais. Imigração econômica.

ABSTRACT

In this work, we dedicate ourselves to analyzing the migration of Brazilians towards the metropolitan region of Montreal, in the province of Quebec, Canada. We used Social Network Analysis as a methodology based on the principle that migration happens based on social ties involving migrants and non-migrants. We discussed how Canada and Quebec built their immigration policies along different paths, culminating in the affirmation of Quebec's social identity and, later, in the formulation of a specific immigration policy. In addition, we observed that the presence of Brazilians in the province is directly associated with the objectives of Quebec's foreign policy, which considers the immigration of skilled workers and their families as a way to overcome demographic problems and guarantee economic prosperity. Based on the 8 interviews and conclusions of previous studies, we can say that the migration of Brazilians to Montreal is recent, untraditional and mainly familiar, and has increased given government actions to promote immigration and the presence of social networks. We were able to see that by interacting on a network, Brazilians have access to information and mutual support during the different stages of the migratory process, so that difficulties and obstacles can be avoided or easily solved. The shared experiences, the indications of housing and work at the destination, the exercise of culture, and support in the decision to migrate are just some of the ways in which the network expresses itself as a facilitator. Because of its recent nature, the Brazilian network is still poorly organized without an institution that represents the interests of the community, and social media groups, mailing lists, blogs, and other channels are an important resource for this purpose.

Keywords: Brazilians in Montreal. Social Network Analysis. Economic migration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Introdução do questionário publicada nos grupos de brasileiros no Facebook.

.....28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Número de imigrantes permanentes em Quebec entre 2015-2019, segundo a categoria de imigração (MIFI, 2020c).....	53
Quadro 2 - População brasileira em Quebec por status migratório no ano de 2016.	55
Quadro 3 - Número de brasileiros admitidos como residentes permanentes entre 1981 e 2016 (MIFI, 2019b).	56
Quadro 4 - Dados dos brasileiros entrevistados, 2022.....	60

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIQSP - Bureau d'Immigration du Québec à São Paulo

CMM - Communauté Métropolitaine de Montréal

CSQ - Certificat de Sélection du Québec

MEI - Ministère de l'Économie et de l'Innovation

MIDI - Ministère d'Immigration, Diversité et Inclusion du Québec

MIFI - Ministère de l'Immigration, de la Francisation et de l'Intégration

IOM - International Organization for Migration

RMR - Région Métropolitaine de Recensement

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	OBJETIVOS	18
1.1.1	Objetivo Geral.....	18
1.1.2	Objetivos Específicos	18
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
2.1	CONCEITOS E METODOLOGIA	19
2.1.1	MIGRAÇÃO	19
2.1.2	ANÁLISE DE REDES SOCIAIS	23
2.2	SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	26
2.3	AS ENTREVISTAS	28
3	A IMIGRAÇÃO CANADENSE E OS BRASILEIROS NO CANADÁ	31
3.1	DO FIM DO SÉCULO XIX ATÉ O FIM DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	33
3.2	DO PÓS-GUERRA ATÉ OS DIAS ATUAIS	35
3.3	OS BRASILEIROS NO CANADÁ	37
4	O QUEBEC E A EMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA A GRANDE MONTREAL	44
4.1	O QUEBEC NO CONTEXTO DA FEDERAÇÃO	45
4.2	AS POLÍTICAS IMIGRATÓRIAS DE QUEBEC	49
4.3	A IMIGRAÇÃO NO QUEBEC	52
4.3.1	Os brasileiros no Quebec	54
5	A REDE SOCIAL DE BRASILEIROS NA REGIÃO METROPOLITANA DE MONTREAL	60
5.1	ANTES DE MIGRAR: ORIGEM E DESTINO CONECTADOS EM REDE	0
5.1.1	As conexões entre Brasil e a Grande Montreal.....	1
5.1.2	Montreal como destino: a escolha dos entrevistados.....	3

5.1.3	Os caminhos no percurso migratório.....	5
5.2	BRASILEIROS E A INSERÇÃO NO DESTINO: OS RECURSOS ORIUNDOS DA REDE.....	7
5.2.1	Formas de circulação das informações.....	11
5.2.2	A solidariedade no contexto da rede.....	14
5.2.3	A noção do retorno.....	17
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22
	APÊNDICE A - Roteiro das entrevistas.....	30
	APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas.....	32

1 INTRODUÇÃO

A migração internacional é um fenômeno que resulta da união de diversos fatores específicos a cada nação. Os movimentos populacionais são qualificados por condicionantes socioeconômicas, históricas e culturais, e na migração internacional envolvem atributos singulares de cada nação. Isso implica dizer que cada fluxo difere em origem, destinação, indivíduos e tipologia, sendo necessário que o migrante supere obstáculos ao longo de todo o percurso migratório. Considerando a existência de obstáculos no caminho, poder contar com informações e suporte no destino seria uma forma para ter sucesso em seu projeto de mudança de país, tanto pelo auxílio direto como também pela disponibilidade de informações.

No caso dos brasileiros no Canadá a articulação entre indivíduos no percurso migratório possibilitou que mais migrantes pudessem se estabelecer, principalmente pela ajuda prestada pelos migrantes mais antigos aos mais recentes. O início deste movimento aconteceu pela utilização do país como um caminho para entrar nos Estados Unidos em um contexto que as restrições para a migração legal aumentaram consideravelmente. Foi com o reconhecimento do Canadá como um país de oportunidades que mais brasileiros decidiram se fixar, aumentando o fluxo ao longo das últimas duas décadas a ponto de totalizarem 29.315 (STATISTIQUE CANADA, 2017a). Os brasileiros se estabeleceram primeiro nos grandes centros econômicos, sendo os mais importantes, respectivamente, Toronto, Vancouver e Montreal.

Há duas décadas o fluxo passou a se ampliar em direção a Região Metropolitana de Montreal, na província de Quebec, fazendo parte de um padrão há muito tempo visto no Canadá. A escolha dos brasileiros pelos grandes centros urbanos tem relação com um movimento historicamente construído pelas idas e vindas de imigrantes de outras nacionalidades bem como a própria história de povoamento do Canadá. Neste contexto, os primeiros registros expressivos da presença de brasileiros datam do período intercensitário de 2006 até 2010 como o momento de maior destaque. Entre as províncias que recebem brasileiros, Quebec ocupa a terceira posição, ou seja, um destino pouco tradicional na migração de brasileiros no país.

Levando isso em conta, nos questionamos sobre o que fez dela um destino de interesse entre os brasileiros; mesmo que Montreal seja uma cidade conhecida não está na primeira posição da lista de destinos da emigração brasileira. Explicações predominantemente econômicas são utilizadas para tratar do porquê as pessoas migram, ora dito que seria pelo efeito de atração dos países mais desenvolvidos, ora pelo efeito de fuga dos países mais desprovidos. Para analisar este fluxo, causas essencialmente econômicas não dão conta de explicar sozinhas

a ampliação deste fluxo ao longo das últimas duas décadas, há que se considerar também a importância das políticas migratórias e as redes sociais. Sem excluir as causas socioeconômicas na análise, nos debruçamos sobre o tema com uma análise que considera a importância dos laços sociais entre as pessoas que migram.

Esta pesquisa se destina a uma análise da migração de brasileiros para Montreal, um fluxo que acontece, hipoteticamente, ancorado nos laços sociais. Os dados estatísticos indicam que este fluxo ainda não possui uma posição de destaque se comparado as principais comunidades de migrantes em Montreal, sendo escassas as informações que indicam quando e como o vínculo entre a origem e o destino resultaram neste movimento. Partimos da hipótese de que os brasileiros em direção à Montreal se unem e se associam em rede como uma forma de minimizar os problemas da migração, envolvendo indivíduos que estão em solo canadense e outros que ainda estão no Brasil. Dessa maneira, pretendemos analisar como os brasileiros que se destinam à Montreal se organizam na migração e o papel da rede neste plano.

Consideramos que, por meio da rede, o migrante pode contar com uma estrutura de apoio para o seu projeto de mudança conectando origem e destino, indivíduos e instituições nas diferentes etapas do processo. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa concentra-se nesta rede formada por laços sociais que envolvem familiares, amigos, conhecidos e conterrâneos em uma teia de papéis destinada a ação de migrar (MASSEY et. al.,1993). Por meio da rede o brasileiro pode ter acesso a recursos tangíveis (auxílio financeiro e empréstimos) e intangíveis (oportunidades, informações, ajuda mútua, dicas, etc.) que facilitariam o projeto migratório. Neste sentido, a rede é entendida como um ambiente de trocas que possibilitaria ao sujeito ter acesso facilitado a informações de moradia, trabalho e novos vínculos sociais, exemplos de alguns elementos essenciais para a inserção no destino, que nesta pesquisa é a metrópole de Montreal.

Para alcançar este objetivo, é necessário contextualizar o Canadá enquanto uma sociedade receptora de imigrantes, com princípios baseados na multiculturalidade que possibilitaram a chegada de mais brasileiros. Buscando alcançar este objetivo, iremos contextualizar a visão do país sobre a migração no primeiro capítulo compreendendo melhor o que difere o fluxo brasileiros em direção a Quebec – uma província francófona – dos fluxos para o restante do país. O Canadá, enquanto uma nação bilingue, expressa através de sua divisão territorial uma história de formação marcada por conflitos étnicos entre ingleses e franceses. Na busca por legitimar a sua identidade francófona, o Quebec se posicionou frente a federação e hoje logra de uma política migratória específica.

O caminho percorrido pelo governo provincial até conquistar a autonomia para reger as questões ligadas a imigração foi permeado por uma série de conflitos, mas possibilitou que a província pratique sua cultura e seja reconhecida por sua identidade nacional específica. No segundo capítulo buscamos apresentar o caminho de Quebec desde a conquista de seu território pela coroa britânica até a afirmação da sua identidade francófona, uma trajetória que elucida o caminho para a criação da política migratória própria. O resultado após diversos desentendimentos entre governo provincial e federal deu início a uma série de mudanças nas estruturas governamentais e nas instâncias da sociedade civil. Ao se posicionar frente a federação, o Quebec assumiu uma postura mais ativa na migração elaborando e colocando em pleno vigor sua política imigratória.

Com isso, o Quebec passou a selecionar e recrutar os seus imigrantes, investindo amplamente na difusão nos países de origem. A difusão da propaganda de Quebec no Brasil tornou o destino conhecido como um caminho para a realização do sonho de morar fora, ao se fazer presente o governo provincial por recrutar e selecionar mais trabalhadores qualificados. À medida que mais brasileiros foram para Quebec o fluxo passou a ser conhecido e mais indivíduos foram escolhendo a província como destino na migração. Unindo as oportunidades pelos programas de imigração e a ajuda mútua dos imigrantes anteriores, mais brasileiros puderam seguir com este plano.

Tanto para aqueles que ainda estão no Brasil como para os que já chegaram em solo canadense, a rede é vista como um valioso recurso. No terceiro capítulo, concentramos a análise na rede social buscando identificar como ela se manifesta e o auxílio que ela presta nas diferentes fases do percurso da migração. Citando alguns exemplos, informações sobre a vida no país de destino, a indicação de um trabalho e moradia, informações sobre visto ou empréstimos financeiros, seriam algumas das formas em que as trocas favorecem no percurso da migração. Considerando isso, a rede possibilita escolhas mais assertivas e auxilia na superação dos obstáculos da migração já que mais informações e recursos estão disponíveis para tal. Para isso, entrevistamos brasileiros que chegaram em Montreal há alguns anos e trilharam diferentes caminhos.

Construímos a nossa análise sobre o relato de oito brasileiros e brasileiras que residem em Montreal, além da análise bibliográfica dos estudiosos do tema. Por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas em ambiente remoto, pudemos ter acesso a informações que indicaram elementos para compreender a rede bem como os diferentes momentos que ela é acessada.

Analisamos os dados a partir das indicações feitas por Massey (1993), Tilly (1990), Soares (2002) autores clássicos no estudo de redes sociais, bem como utilizamos dos trabalhos anteriores sobre o tema de Accioly (2009), Pecini (2012), Kulaitis (2013), Almeida (2015), Castilho (2017) e Anchises (2018) para construir a nossa análise. É interessante notar no relato dos entrevistados que diversas informações e oportunidades são acessadas através da rede, observamos também que é através dela que os brasileiros podem reconhecer Montreal como uma possibilidade de realizar o sonho de “morar fora” descobrindo também qual o melhor caminho para realizá-lo. Pudemos analisar como a rede foi um componente definidor na superação de alguns desafios da migração.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar o fluxo migratório de brasileiros para a Região Metropolitana de Montreal/Quebec sob a perspectiva da Análise de Redes Sociais.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Descrever o Canadá enquanto uma sociedade receptora de imigrantes, com destaque para a migração de brasileiros;
- Pesquisar a relação entre as políticas migratórias de Quebec e a imigração de brasileiros para a Região Metropolitana de Montreal;
- Pesquisar a rede social de brasileiros na migração para a Região Metropolitana de Montreal.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar a rede migratória que conecta os imigrantes brasileiros à Montreal, para isso nos aproximamos do método da Análise de Redes Sociais e utilizamos uma perspectiva geográfica que vai além dos estudos socioeconômicos frequentemente associados à migração. Este princípio foi adotado após uma reflexão com base nas proposições de Castles (2010) contidas no artigo “Entendendo a migração global: uma perspectiva desde a transformação social”, onde a migração é tratada como um movimento social e histórico que faz parte da experiência humana. No artigo, o autor analisa os estudos recentes que tem estigmatizado a migração como um fenômeno posterior a problemas sociais, ambientais, políticos ou econômicos ao invés de considerá-la como um movimento também impulsionado pelas nações que recebem migrantes.

Para compreendermos melhor o movimento migratório de brasileiros adotamos uma análise qualitativa, utilizando as entrevistas como forma de obter os dados que pudessem enriquecer a pesquisa com a experiência vivida do imigrante brasileiro. Além disso, a pesquisa bibliográfica em outros trabalhos sobre redes sociais da migração, sobre comunidade de brasileiros em Montreal e mais os documentos e relatórios oficiais do governo canadense e da província de Quebec também auxiliaram na aproximação do objeto da pesquisa.

2.1 CONCEITOS E METODOLOGIA

2.1.1 MIGRAÇÃO

De modo geral podemos entender o fenômeno migratório como a própria história da humanidade. Fossem por razões comerciais, pela busca por riquezas, pela conquista de territórios ou pelo intercâmbio entre povoamentos podemos dizer que os deslocamentos populacionais escreveram a história. Grandes contingentes populacionais lutaram uns contra os outros para demarcar suas zonas de domínio e controle, sucessivas disputas de poder por meio da força bruta e/ou pelo poderio econômico foram embriões do que se entende hoje como os territórios dos Estados-nação. Consideramos como peça-chave esta discussão para compreender as questões ligadas a migração.

Apoiando-se nas análises de Spire (1999), Gislene Aparecida dos Santos traz em seu trabalho “Redes e Território: reflexões sobre migração” (SANTOS, 2005) uma síntese interessante sobre a migração. O conceito de migração como entendemos hoje está intimamente

ligado ao surgimento dos Estados-nação ocidental no final do século XIX, período em que as delimitações dos territórios passaram a ser de controle e proteção de um Estado único (SANTOS, 2005). Definindo os limites territoriais na separação de uma nação e outra também definia-se quem seriam os cidadãos. Aqueles que antes cruzavam territórios com certa facilidade passaram a ser alvo da atenção e de restrições.

Os trabalhos de Abdelmalek Sayad, referência nos estudos de migração, mostram que sendo a migração um movimento, ela pode ser entendida sob a luz de dois conceitos complementares: de emigração (saída) e de imigração (chegada); nesta perspectiva em ambos os países – de onde saiu e aonde chegou – o migrante deixa de ser considerado um cidadão (SAYAD, 2000). De modo simbólico, isso implica dizer que no contexto migratório o indivíduo ocupa duas posições ao mesmo tempo que conecta país de origem e de destino através da sua experiência migratória. Considerar tal princípio nos direciona a pensar a migração como um fenômeno complexo que abrange diversos contextos e problemáticas, mas que está carregado de atributos políticos da ordem da nação.

Um contexto de fragilidade política é evocado quando tratamos da migração, inerente a sua condição do sujeito para com os dois países que está conectado. Ao mesmo tempo que ele é um nacional ausente para o seu país de origem também é um não-nacional para o país que o acolhe (SAYAD, 2000). Considerando o político um atributo da nação, ao estar afastado do seu país natal o migrante encontra-se desprovido de boa parte dos direitos enquanto cidadão. Sendo assim, até converter seu status no país que o acolhe, o brasileiro teria que lidar com a ausência a certos direitos que possuía no Brasil acessíveis apenas aos nacionais no Canadá.

A condição de migrante evoca uma série de questões que são encaradas segundo múltiplas correntes teóricas. Pensando em diferentes respostas do “por que as pessoas migram?”, diversas teorias foram construídas para analisar o fenômeno. Em termos gerais, sobressaem explicações que tomam preceitos econômicos como definidores e outras que consideram aspectos sociais; há também as que preferem concentrar suas análises no país de destino e outras na identidade dos migrantes. O fato é que a abundância de abordagens no mínimo demonstra a profundidade do conceito e a sua importância ao longo dos últimos séculos.

Neste trabalho introduziremos algumas das correntes teóricas elaboradas para se pensar a imigração, de abordagens clássicas às contemporâneas. De acordo com Peixoto (2004), nos trabalhos ditos clássicos temos um grupo de referências originárias de diversas ciências sociais; já nos trabalhos sucessores predomina a abordagem de tipo “micro”, na qual a migração é

encarada como um processo racional de tomada de decisão; e também as de nível macro, que consideram a existência de forças que impelem a migração de modo estrutural.

Algumas das teorias mais frequentes seriam: o modelo *push-pull*, a macro e micro teoria neoclássica, novos economistas da migração, histórico-estrutural, mercado dual de trabalho, sistemas mundiais e análise de redes sociais (SOARES, 2002). Em cada uma delas se empregam conceitos, suposições e referencial inicial distintos entre si, mas que partem da consideração que para cada uma das hipóteses uma teoria é selecionada. Compreender um pouco sobre as teorias clássicas existentes nos auxilia a refletir o tema com maior profundidade.

Iniciando, apresentamos uma das teorias mais utilizadas pelos estudiosos da migração, a teoria *push-pull*. Englobando fatores econômicos, sociais e políticos a hipótese levantada nesta corrente considera que as causas da migração podem ser o elevado crescimento demográfico; a pobreza; o desequilíbrio da renda; a estagnação econômica; e a violação de direitos humanos (SOARES, 2002). Neste sentido, a migração seria uma resultante dos elementos que empurrariam (*push*) para outros destinos que contém fatores de atração (*pull*) de pessoas. Por considerar uma multiplicidade de fatores para análise esta teoria é frequentemente utilizada para analisar a migração internacional.

Já no caso das teorias neoclássicas são os aspectos econômicos que condicionam a migração internacional. Como apontam Massey et al. (1993), a economia neoclássica concentra-se nos diferenciais de salário e de emprego concebendo a migração como uma estratégia para maximização da renda. Nesta vertente, o custo da migração e o mercado de trabalho são utilizados para ponderar na hora da escolha entre país natal ou exterior. Além dela, outras abordagens também consideram a economia uma das principais categorias de análise da migração.

Para os novos economistas da migração, a decisão de migrar tem outras causas. Nela são considerados uma diversidade de mercados além do mercado de trabalho para ponderar a decisão de migrar. A migração é vista como uma estratégia tomada pela família para minimizar riscos para a renda familiar, ou para lidar com as restrições do capital nas atividades econômicas da família (MASSEY et al., 1993). Coletivamente os indivíduos atuam para reduzir os riscos e superar as falhas de diferentes mercados.

Fundamentalmente oposta as teorias anteriores é a teoria histórico-estrutural. Para esta corrente a migração é um fenômeno (relação ou processo) social que resulta das desigualdades regionais que surgem do espaço transformado, ou seja, como um rearranjo espacial das atividades produtivas (SOARES, 2002). Aqui a migração não é entendida como uma escolha

livre e autônoma do indivíduo, mas sim como emanção de estruturas societárias geograficamente delimitadas (SOARES, 2002). Neste sentido, a migração é analisada pelo viés comunitário que considera o movimento da força de trabalho.

Na teoria da mobilidade da força de trabalho, o centro de análise está na reprodução expandida da relação de capital e trabalho. De acordo com Soares (2002, p. 5), nesta corrente a migração é considerada como agente de transformação e entende o espaço como um conjunto de relações sociais. Nesta corrente os deslocamentos humanos são o resultado de estratégias capitalistas que levam a mobilidade forçada da mão-de-obra. Portanto, também não considera a migração como uma escolha autônoma do indivíduo e sim como um resultado de escolhas capitalistas.

Com fundamentos diferentes, as teorias dos sistemas mundiais e a teoria dual do mercado de trabalho buscam explicar a migração em níveis mais altos de agregação. Como aponta Massey et al. (1993), a primeira entende a migração como consequência natural da globalização econômica e da presença do mercado externo nas fronteiras nacionais; enquanto a segunda vincula a migração como uma necessidade das economias industriais modernas. Pelo viés dos sistemas mundiais a migração seria motivada pela presença do comércio estrangeiro ou das informações sobre a realidade de diferentes países nos de origem; no caso da teoria dual, seria a demanda permanente por trabalhadores estrangeiros. Ambas partindo de preceitos econômicos, mas há também as de cunho essencialmente social.

Além das abordagens já citadas, a teoria da análise de redes sociais é outra corrente de pensamento muito popular nos estudos de migração. Na perspectiva desta teoria, “a migração pode ser entendida como processo social, organizado por meio de redes forjadas por conexões interpessoais diárias, que caracterizam todos os grupos humanos”¹ (MASSEY et al., 1987). Como apontam os autores, as conexões interpessoais estão ancoradas em laços comuns de parentesco, amizade ou pelo contexto do trabalho. Para esta corrente é a teia de relações sociais que sustenta o movimento de pessoas, bens e informações entre os países.

Partindo do apanhado das teorias mais comuns podemos dizer que formular uma única teoria geral ainda está distante face à complexidade do tema e a singularidade de cada fluxo. A partir das contribuições de Castles (2010) podemos dizer que se observa nos estudos migratórios a falta de integração e síntese com diferentes teorias, a análise concentrada nos

¹ No original, “*International migration is an inherently social process that is organized through networks forged from everyday interpersonal connections that characterize all human groups*”. Tradução nossa.

determinantes da migração ou na integração dos migrantes e a existência significativa do viés vinculado com a agenda política.

O ponto de reflexão destacado pelo autor é que não podemos limitar a multiplicidade de temas a uma explicação única ou tratar a migração como um problema social, pois neste viés esvaziariamos de significado um movimento que tem transformado nações ao longo dos séculos. A resposta do “por que as pessoas migram?” não pode ser reduzida a um levantamento dos problemas que o migrante enfrentava no país de origem ou somente às vantagens e a qualificação do país de destino. Entendendo a migração como um fenômeno social, complexo em essência, somos desafiados a encará-la por um viés transversal na qual é preciso conjugar diferentes teorias e utilizá-las em conjunto.

A profundidade do tema torna inviável a formulação de uma teoria geral capaz de explicar sozinha por que as pessoas migram. Buscando alcançar respostas, disciplinas dos mais diferentes campos da ciência estudam a migração atualmente, tendo como um dos principais objetivos explicar as causas da migração (CASTLES, 2010; DE HASS, et al., 2019). O resultado são trabalhos distintos em hipótese, foco temático e nível de análise que produzem diferentes explicações. Portanto, mesmo com diversas teorias sendo formuladas nenhuma é capaz de solucionar sozinha este impasse.

2.1.2 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

Na perspectiva da análise de redes sociais, existem conceitos importantes que merecem ser apresentados. Por vezes os conceitos de rede social e rede pessoal são confundidos e tomados como sinônimas. Segundo Soares (2002), a rede social seria a manifestação de diversas redes pessoais cotidianas que são ancoradas nas categorias que definiremos mais adiante. Em síntese, rede social seria uma unidade maior que envolve as redes pessoais.

Quanto aos geógrafos e estudiosos do tema se faz necessário uma outra distinção, entre a rede migratória e a rede social. A rede migratória pode ser entendida como uma articulação de contextos sociais que tem como fim a ação de migrar, já a rede social consiste na junção de organizações, pessoas ou instituições por alguma relação (SOARES, 2002). Em outras palavras, a rede migratória é como uma rede de redes sociais em maior escala, agregando diversas redes sociais e possibilitando a criação de outras. Em vista disso, enquanto uma trata dos laços em escala menor a outra trata da conexão entre origem e destino na perspectiva de fluxo.

Diferentemente de entender a migração como a busca pelo equilíbrio geral, a análise de redes sociais a considera como um processo de difusão autosustentável de pessoas, bens e informações. As decisões individuais e coletivas fazem parte da decisão de migrar, mas também pressupõem que a migração é sistematicamente alterada pelos atos migratórios (MASSEY et al., 1993). Isso quer dizer que as futuras decisões serão tomadas considerando a rede de relações sociais. Nesta perspectiva, é a rede o foco de análise na qual os laços sociais cumprem um importante papel e indicam, inclusive, os limites da rede.

Os clássicos desta corrente teórica são os autores Massey et al (1987), Monica Boyd (1989) e Charles Tilly (1990). É unânime entre eles a teoria de que a migração internacional é um processo que acontece em escala, como uma estratégia de grupo influenciada pelo contexto das relações sociais. Com o uso da rede pelos migrantes o capital social daquele grupo se desenvolve, torna-se mais acessível para os próximos migrantes e, dessa forma, a referida se transforma em uma vertente propulsora para a própria migração internacional. As migrações futuras tendem a se tornar menos desafiadoras pela existência da rede, a integração ocorre mais rápido e o caminho é mais assertivo.

Desta maneira, à medida que mais indivíduos tem contato com a realidade no país de acolhida mais ela torna possível a migração de novos indivíduos pelas sucessivas trocas de favores, informações e bens. Um bom exemplo que elucida essa realidade é o recrutamento da mão de obra estrangeira que atrai trabalhadores qualificados de outros países pela escassez de mão-de-obra no destino.

Uma vez a migração iniciada, redes são formadas para apoiar o movimento em massa. Como comentam os autores, as motivações individuais, estratégias domésticas e estruturas da comunidade são alteradas para facilitar a migração considerando a mudança de país como parte da estratégia familiar (MASSEY et al., 1987). Nesta abordagem, o centro de análise não seriam os indivíduos isolados e suas famílias, mas sim conjuntos a ele ligados. Segundo Tilly (1990, p. 84), é no decurso da migração que a rede formada por parentes, amigos e colegas de trabalho acaba sendo um recurso para reduzir os riscos à renda, ao conforto e às possibilidades de satisfação nas relações sociais.

Nessa linha, é um dos pontos principais da teoria a consideração da existência de conexões pré-existentes entre origem e destino, passível de influenciar na decisão de migrar como também na experiência migratória. Os migrantes tendem a optar por locais onde existam vínculos previamente estabelecidos ou que se tenha conhecimento da realidade que o aguarda, sobretudo quando o retorno é mais difícil.

Tal realidade é entendida por Tilly (1990) como uma das várias manifestações dos constrangimentos provocados pela rede. Para ilustrar o significado deste constrangimento: é quando o migrante tende a considerar locais que pessoas próximas já vivem (migração anterior) e quando o país de origem já possui vínculos estabelecidos (acordos comerciais); ou também quando há o dever subentendido de se compartilhar informações e de fornecer ajuda aos membros da sua rede pessoal que desejam migrar (expectativa da reciprocidade). A interação constante entre o migrante e seus familiares, a troca de informações, a ajuda mútua, o envio de remessas, o retorno ao país para datas festivas, entre outras formas ampliam a rede à medida que ela é utilizada.

Nessa perspectiva o tempo modifica os entendimentos compartilhados e ressignifica o conceitos como: amizade, parentesco, ou paisano (conterrâneo, do mesmo país) dentro de uma comunidade de migrantes (MASSEY, 1987; TILLY, 1990). Assim, importa referir que as conexões assumem diferentes papéis à medida que evolui o percurso migratório. Com isso, a rede se define na cristalização dos novos entendimentos.

Nesse contexto, as redes migratórias conectam comunidades de envio a pontos de destino na sociedade de acolhimento que englobam não apenas migrantes. De acordo com Massey et al. (1987, p. 139),

As redes migratórias consistem de laços sociais que ligam comunidades expulsoras a pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços unem migrantes e não migrantes em uma teia complexa de papéis sociais e relações interpessoais complementares, mantidos por conjuntos informais de expectativas recíprocas e comportamentos prescritos. [...] Esses laços sociais não são criados pelo processo migratório, mas antes adaptados a ele, sendo reforçados, ao longo do tempo, através da experiência comum dos migrantes.

Uma vez que haja a negociação de relações dentro e por meio da rede é facultado aos migrantes o acesso a oportunidades de emprego, hospedagem, assistência financeira, entre outros. Além disso, é necessário considerar que a migração internacional está submetida a dois movimentos importantes: a fixação e o retorno. Como comentam os autores, os migrantes temporários estão submetidos a um processo inevitável de fixação e, entre aqueles que já se assentaram, há também um processo de migração de retorno (MASSEY et al., 1987). Os migrantes se estabelecem no país de destino ao adquirirem laços sociais e econômicos, mas também ao retornarem em períodos variados ao país de origem mantêm a rede ativa (MASSEY

et al., 1987). É importante considerar que o percurso migratório não se encerra na chegada do migrante no país de destino.

Analisando as explicações acima podemos levantar outras questões que a análise de redes sociais evoca. A esfera das motivações, a dimensão estrutural das escolhas, as informações que circulam na rede, a natureza dos laços sociais, as estratégias compartilhadas e outros temas são possíveis de serem analisados pelo viés da rede social. Tais elementos fazem parte do que se chama capital social, ou seja, uma possibilidade de mobilização de recursos escassos através de habilidades compartilhadas (FUSCO, 2007). Considerando isso, podemos dizer que são as relações baseadas na troca um dos principais fundamentos da rede social.

Uma vez que o migrante utiliza deste recurso, a lógica da ajuda mútua pressupõe que haja uma retribuição pelo favor prestado. O capital social não é um recurso gratuito, uma vez que se utilize os laços sociais da rede há uma expectativa que o favor prestado seja retribuído com outro favor ou pelo reconhecimento do que foi feito (FUSCO, 2007). Negando esse acordo implícito o migrante sofreria constrangimentos de sua própria rede pessoal, na qual a comunidade revisaria este laço para futuras trocas. Sendo assim, o migrante pode utilizar dos recursos da rede e ao fazê-lo concorda com os acordos implícitos nas relações.

Podemos refletir a rede não apenas como manifestação das relações interpessoais, mas também como um propulsor da migração. Permitindo maior circulação de informações e de pessoas a rede pode impulsionar a migração tanto quanto a oferta de trabalho (MASSEY et al., 1987; TILLY, 1990; FUSCO, 2000; 2002; SOARES, 2002). Através da rede, riscos podem ser minimizados e até evitados já que o conhecimento sobre a realidade no país de destino torna-se mais acessível e traz maior segurança na decisão de migrar. Saber que um conhecido migrou, quais dificuldades enfrentou e até mesmo quanto de capital foi empreendido possibilita ao potencial migrante construir um planejamento mais assertivo.

2.2 SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS

A escolha dos entrevistados resultou da aplicação de um questionário dirigido a brasileiros que residem em Montreal. As perguntas foram elaboradas após uma revisão bibliográfica complementar além daquela feita para a redação do projeto de pesquisa. Naquele momento, o objetivo foi obter informações que pudessem nortear a escolha dos candidatos à entrevista, tomando como princípio a situação legal dos migrantes dentro do contexto das possibilidades nos processos de migração existentes para o Quebec. São eles:

- Brasileiro(a) que já possui residência permanente no Quebec;
- Brasileiro (a) em processo de obtenção de residência permanente (candidatos que já aplicaram - ARRIMA ou PEQ);
- Brasileiro (a) recém-chegado à cidade de Montréal com intenção de migrar (visto de estudo ou trabalho).

A aplicação do questionário foi feita em dois grupos da rede social Facebook, o “Brasileiros em Montreal”, com aproximadamente 18 mil membros em janeiro de 2021; e o “Brasileiros em Montreal - Brésiliens à Montréal - Brazilians in Montreal”, com aproximadamente 27 mil membros em janeiro de 2021. Ambos os grupos eram os maiores e mais relevantes no momento da aplicação do questionário que ocorreu entre maio e junho de 2020. Importantes contribuições foram feitas pela comunidade nas publicações do questionário, que foram incorporadas na pesquisa após os alinhamentos com a orientação, são elas:

- Incluir os brasileiros que obtiveram a cidadania canadense como outro perfil de análise da pesquisa; e
- Considerar não somente a cidade de Montreal, mas a Região Metropolitana de Montreal como escala espacial de análise.

O questionário foi elaborado na ferramenta de formulários do Google que permite a obtenção de dados da forma que o criador desejar e com grande facilidade para o compartilhamento (figura 1). As questões do questionário buscavam coletar as seguintes informações: nome, idade, informações de contato, nível de qualificação, idiomas que fala, cidade que residia no Brasil antes de migrar, situação legal no Quebec, tempo de residência em Montreal, o tipo de vínculo com a cidade, interesse em participar da entrevista e os melhores horários para a vídeo chamada.

Figura 1 - Introdução do questionário publicada nos grupos de brasileiros no Facebook.

Brasileiros em Montreal: uma análise da territorialização de uma rede social da migração

Olá, como vai você? Espero que bem! Meu nome é Esmael Vandelino da Silva, estudante do bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, e estou interessado na sua história. Como trabalho de conclusão de curso me coloquei disposto a compreender a condição atual dos migrantes brasileiros que estão residindo na área metropolitana de Montreal. Esta pesquisa busca identificar a partir da perspectiva geográfica qual é a rede que conecta os brasileiros a Montreal, e como os territórios são criados a partir dela. Rede e território são dois conceitos queridos ao conhecimento geográfico e quando articulados são capazes de identificar as relações de poder, os conflitos e solidariedades, os atores, os aspectos existenciais e de identidade que envolvem determinado processo, neste caso a migração.

A proposta é discutir a migração por outro viés que não seja meramente o econômico, e sim considerando-a uma manifestação que compreende elementos multidimensionais e expresso através da política, da economia e da sociedade através de uma interação em rede. É compreendê-la como um movimento de mobilidade recorrente da experiência humana e que muitas vezes recebe uma conotação negativa sendo enquadrada como um problema.

Sabemos que a presença de brasileiros em Montreal tem como objetivo uma ampliação da qualidade de vida, de melhores condições sociais e que este sonho é repleto de expectativas construídas não somente por você. E, visando conhecer a fundo este processo, te convido a contar a sua história para que a partir dela eu analise este movimento que você faz parte.

Suas informações pessoais serão protegidas e os nomes trocados, o importante neste momento é compreender o processo. Agradeço a sua atenção e colaboração, espero conhecê-lo(a) em breve.

Elaboração: SILVA, E. V. (2022)

Para obter um maior número de respostas, foram feitas 3 publicações nos grupos citados com um intervalo aproximado de 2 semanas entre cada uma delas. Obtivemos 38 respostas, porém foi necessário o tratamento dos dados. Retiramos as respostas inválidas que tinham dados insuficientes, questionários preenchidos incorretamente ou então duplicados e aqueles que não tinham interesse em participar da entrevista síncrona. Dos 28 que restaram, escolhemos os entrevistados tomando alguns princípios eliminatórios aplicados a todos os perfis analisados na pesquisa. Iniciamos filtrando cada um dos quatro perfis e dentro de cada categoria analisamos: o tempo de residência em Montreal; a cidade que residia no Brasil, buscando ter representação para além das Regiões Sul e Sudeste; e o gênero do entrevistado, intencionando a representação dos gêneros possíveis. Inicialmente limitamos a análise para 2 entrevistados por perfil, deixando outros em espera caso algum imprevisto pudesse acontecer com as pessoas selecionadas. O motivo desta escolha se deu pela quantidade de trabalho necessária para a realização das entrevistas, tratamento dos dados e análise da rede social de cada caso; além do fato de não ser objetivo da pesquisa categorizar ou determinar a realidade de toda a comunidade de brasileiros na Região Metropolitana de Montreal ou da província de Quebec.

2.3 AS ENTREVISTAS

O contato com os candidatos aconteceu por e-mail. Do total, três não retornaram contato sendo necessário retornar à lista de espera dos candidatos pré-selecionados com perfil aproximado. As entrevistas foram realizadas em videoconferência através da plataforma Zoom e ocorreram entre a última quinzena de junho e a primeira quinzena de julho de 2020. Todas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados para que fosse possível realizar a transcrição completa.

Tentamos ao máximo transcrever o sentimento dos entrevistados, preservando suas expressões na fala e sua opinião pessoal mesmo que estivesse fora do tema da pergunta. Vale destacar que substituímos os nomes próprios por nomes aleatórios mantendo a informação sobre o gênero, tudo isso por conta da segurança dos entrevistados. Além disso, tomamos o cuidado de não divulgar informações pessoais no conteúdo da transcrição, inclusive de outros nomes.

Seguimos a metodologia de entrevista semiestruturada, partindo de perguntas previamente elaboradas para direcionar a entrevista síncrona. As perguntas, apresentadas no apêndice A, foram construídas a partir da revisão bibliográfica e com o suporte da orientação; além disso, contamos com o apoio de uma correspondente geógrafa que vive em Montreal (a qual foi muito importante para o roteiro de perguntas). Validamos as perguntas e a condução da entrevista em um teste que nos permitiu refinar o processo.

Algumas considerações são necessárias sobre as entrevistas: um candidato não compareceu e novamente houve a necessidade de substituição a partir da lista de espera, quando consideramos um candidato com perfil parecido; e um dos candidatos que se autodeclarou no questionário como residente permanente, na verdade já era considerado cidadão canadense. Tentamos contato com outros residentes permanentes para suprir a falta, mas não tivemos sucesso. A única solução seria aplicar novamente o questionário e selecionar novamente os candidatos, porém o trabalho a ser empenhado não traria resultados mais significativos do que as informações já coletadas nas demais entrevistas. Sendo assim, as entrevistas foram distribuídas entre os grupos da seguinte forma:

- Brasileiro(a) com cidadania canadense (3 entrevistas);
- Brasileiro(a) que já possui residência permanente no Quebec (1 entrevista);
- Brasileiro(a) em processo de obtenção de residência permanente (candidatos que já aplicaram - ARRIMA ou PEQ) (2 entrevistas);

- Brasileiro(a) recém-chegados à cidade de Montréal com intenção de migrar (visto de estudo ou trabalho) (2 entrevistas).

O recorte temporal desta pesquisa é resultado da análise dos relatos dos entrevistados. Considerando o ano de chegada em Montreal como ponto de corte, selecionamos o primeiro ano a partir do entrevistado mais antigo e o último ano por meio do entrevistado mais recente. Uma análise segundo estes parâmetros nos permitiu vincular a análise das entrevistas as últimas publicações, tanto de pesquisas anteriores como também de publicações oficiais. Outras formas de definir o recorte temporal diminuiriam a importância dos relatos dos entrevistados.

3 A IMIGRAÇÃO CANADENSE E OS BRASILEIROS NO CANADÁ

De acordo com o censo de 2016², a população canadense está estimada em 35,1 milhões de pessoas, concentrada predominantemente em quatro províncias. A primeira posição é ocupada pela província de Ontário, contabilizado sozinho 13,4 milhões (38,3%); em segundo o Quebec, com 8,1 milhões (22,7%); em terceiro a Colúmbia-Britânica, com 4,6 milhões (13,2%); e em quarto a província Alberta, estimada em 4 milhões (11,6%) (STATISTIQUE CANADÁ, 2017c). Essa estatística inclui o efetivo de imigrantes³ e cidadãos canadenses que foram admitidos até maio de 2016. O que se observa com isso é a presença, até os dias atuais, de um padrão que remonta ao contexto histórico de formação do Canadá.

Ainda hoje a repartição demográfica do Canadá segue a do século XIX, com Quebec e Ontário concentrando a maior parte da população canadense. Segundo dados do censo de 2016, 61,5% da população habitam nestas duas províncias, exemplificando, a proporção seria de três canadenses entre cinco (STATISTIQUE CANADÁ, 2017c). A antiga província do Canadá, hoje segmentada nestas duas províncias, continua sendo considerada o centro da população do país. Considera-se nesta colocação que o imigrante está contido nesta população com crescimento constante da sua participação no Canadá.

Neste retrato demográfico, a imigração é considerada como um importante recurso para o Canadá. Com estimativas recentes, os imigrantes correspondem a 7,5 milhões, ou seja, 21,9% da população canadense atual (STATISTIQUE CANADA, 2017a). A título de comparação, de 1951 a 1991 esta proporção se situava entre 14,7% e 16,1%; com aumento contínuo atingiu 19,8% no censo de 2006 e 20,6% no de 2011 (STATISTIQUE CANADA, 2017c). Este cenário pode ser entendido como um resultado das políticas de atração e seleção de imigrantes que, ao longo do tempo, foram definindo o país como um destino tradicional na imigração internacional. Considerando esta participação, o Canadá elenca um conjunto de objetivos com a imigração.

² Em 2021 foi realizado um novo censo da população pelo órgão oficial do governo, no entanto, os dados sobre a imigração foram disponibilizados de maneira sucinta apenas em outubro deste ano (STATISTIQUE CANADA, 2022). Adotamos o censo de 2016 como mais recente com dados disponíveis durante a análise deste trabalho.

³ Segundo definição do órgão responsável pelas estatísticas, são considerados imigrantes as pessoas que são, ou já foram, admitidos pelas autoridades de imigração. Designa uma pessoa que recebeu o direito de residir permanentemente no Canadá, excluindo desta classificação os residentes temporários, ou seja, os turistas, estudantes ou trabalhadores sem o status de residente permanente ou que obteve a cidadania canadense (STATISTIQUE CANADA, 2017b).

A imigração para o Canadá pode ser entendida sob a luz de três objetivos principais definidos em sua política imigratória atual. São eles: favorecer e promover o desenvolvimento econômico; reunir as famílias; e respeitar as obrigações internacionais prosseguindo com a tradição humanitária do Canadá⁴ (STATISTIQUE CANADA, 2017c). Na imigração, estes três objetivos podem ser subdivididos em 4 grandes categorias de imigrantes, e estas em diversos programas de imigração para perfis específicos ou para uma categoria específica.

Dos imigrantes admitidos pelo Canadá as categorias se dividem em: imigrantes econômicos, imigrantes por reagrupamento familiar, refugiados e todos os demais que não se enquadram nestas categorias. Segundo o órgão Statistique Canada (2017b), os imigrantes econômicos compreendem aqueles que foram selecionados pela sua capacidade de contribuir à economia canadense; os de reagrupamento familiar, compreendem aqueles apadrinhados por um parente cidadão canadense ou residente permanente; e os refugiados são aqueles que recebem o direito de permanecer por conta de perseguição política, religiosa, social, racista, ou pela sua nacionalidade no país de origem; e os outros imigrantes compreendem aqueles que foram admitidos em programas que estão fora daqueles que qualificam os anteriores. Cada um destes tipos apresenta números específicos nos censos e servem como base para o ajuste de políticas públicas e de imigração.

A maioria dos imigrantes recentes são da categoria econômica. Do total de 1,2 milhões de imigrantes admitidos entre 2011 e 2016, cerca de 60,3% correspondem ao componente econômico, 26,8% ao reagrupamento familiar e 11,6% são considerados refugiados (STATISTIQUE CANADA, 2017c). Os diferentes perfis têm em comum o direito de residir permanentemente no Canadá independente do programa de imigração em que foram aceitos.

Os tipos de imigração descritos pelas categorias são aqueles que permitem a obtenção do título de residente permanente, divididos em aproximadamente 60 programas de imigração. Esta é a condição que permite ao imigrante residir legalmente no Canadá e inclusive habilitá-lo a obtenção da cidadania canadense após atender os critérios necessários. Das 4 categorias gerais se subdividem programas de imigração provinciais e federais limitados a uma certa quantidade de inscrições por ano, alguns são pilotos em fase de teste outros são permanentes e podem ser destinados a grupos específicos dentro das categorias de admissão. Do conjunto de caminhos para migrar podemos entendê-los sob a luz de duas classes.

⁴ No original: « favoriser et promouvoir le développement économique, réunir les familles et respecter les obligations internationales et poursuivre la tradition humanitaire du Canada. » (STATISTIQUE CANADA, 2017c, tradução nossa).

Em termos gerais, a classe dos trabalhadores qualificados e dos programas provinciais e territoriais são os de maior destaque. Quanto aos trabalhadores qualificados⁵, são contemplados 48% dos imigrantes recentes admitidos entre 2011 e 2016, enquanto a classe dos programas provinciais e dos territórios contabiliza 27,3% dos imigrantes recentes (STATISTIQUE CANADA, 2017c). Neste conjunto de possibilidades a maioria deles é elaborado pelas províncias visando atender necessidades específicas. O retrato étnico-cultural do Canadá apresenta diversas nacionalidades, nesta lista o Brasil encontra-se distante de estar entre os mais importantes em número de efetivo.

As províncias de Ontário, Colúmbia-Britânica e Quebec continuam sendo o destino da maioria dos imigrantes no Canadá. Considerando toda a população imigrante, estas três províncias concentram 6,2 milhões, ou seja, 82,7% da imigração total (STATISTIQUE CANADA, 2017a). No interior das províncias a presença do imigrante possui um retrato heterogêneo; a imigração se concentra majoritariamente nas regiões metropolitanas. Esta concentração é resultado do contexto histórico da imigração canadense bem como do desenvolvimento urbano e industrial das regiões.

São nestas regiões que os imigrantes se deparam com um cenário de oportunidades quando se pensa em inserção no mercado de trabalho, grande quantidade de universidades, indústrias e empresas do mundo todo e, além disso, a existência das redes migratórias (ACCYOLI, 2009; CASTILHO, 2017; KULAITIS, 2013; ALMEIDA, 2015; PRÉVOST, 2011; SEGA, 2013). O contexto histórico da imigração canadense pode ser dividido em dois períodos, como veremos a seguir.

3.1 DO FIM DO SÉCULO XIX ATÉ O FIM DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Os eventos históricos resultantes das Grandes Guerras marcaram a imigração internacional e isso não seria diferente para o caso canadense. Segundo a análise de Almeida (2015) a imigração canadense pode ser dividida em dois períodos: o primeiro entre o fim do século XIX e o fim da Segunda Guerra Mundial, enquanto o segundo do Pós-Guerra até os dias atuais. Na interpretação da autora, o primeiro momento da imigração pode ser caracterizado

⁵ A proposta da imigração de trabalhadores qualificados é feita utilizando o sistema *Express Entry*, se subdividindo em 3 principais programas: *Federal Skilled Trade*, *Federal Skilled Worker* e *Canadian Experience Class* (CANADA, 2021b)

como racista e assimilacionista, enquanto o segundo como seletivo e pluralista, principalmente devido ao perfil de imigrante desejado e pelas políticas migratórias (ALMEIDA, 2015).

O primeiro período é por vezes definido como a época de ouro na imigração canadense. Naquele momento, os imigrantes mais requisitados eram aqueles que poderiam permanecer no campo e, em seguida, aqueles que trabalhariam nas estradas de ferro e nas indústrias manufatureiras (KULAITIS, 2013). No campo predominavam os imigrantes europeus e britânicos, enquanto os chineses dominavam a construção das ferrovias. A seleção dos imigrantes era principalmente pautada pelo país de origem e os critérios étnicos eram norteadores.

A integração do imigrante ao Canadá estava associada a critérios que visavam selecionar os candidatos com melhor possibilidade de assimilação. Esta assimilação era central no momento inicial da imigração e estava pautada na expectativa de contribuição do imigrante para o desenvolvimento do estado-nação e ao mesmo tempo garantir a sobrevivência da cultura e política de origem inglesa (KULAITIS, 2013). Neste contexto, a responsabilidade sobre a gestão da migração ficou sob controle do governo federal, em razão do custo elevado em planejamento, aplicação e investimentos necessários (ALMEIDA, 2015, p. 16).

Vale destacar que as políticas de imigração somente apareceram a partir de 1906. De acordo com o Kulaitis (2013, p. 33), foi somente a partir do “*Immigration Act of 1906*” que os primeiros elementos do controle de fronteiras passaram a existir de forma mais restritiva. Formaliza-se com esta lei os processos de deportação e atribuiu-se ao governo os poderes para realizar julgamentos arbitrários sobre a admissão de estrangeiros. O resultado desta política é a categorização dos imigrantes como “desejáveis ou “indesejáveis (KULAITIS, 2013, p. 33).

Com a guerra, os meios de transporte para chegar ao Canadá ficaram escassos e os países europeus também tinham a necessidade de soldados para o exército (CASTILHO, 2017). A época de abertura da imigração para o Canadá que tinha por objetivo atingir os agricultores com boas condições financeiras e os trabalhadores do campo deu lugar a um contexto de incertezas que levou a redefinição de prioridades e cuidados necessários (CASTILHO, 2017). Com a guerra finalizada e após o balanço migratório realizado pelo governo entra em cena outra lei que marcou a definição do que é o nacional e do não-nacional que precisa ser assimilado.

O período compreendido entre os anos de 1930 e 1980 foi marcado pela redefinição de critérios na imigração. Segundo Accioly (2009, p. 54), neste período as necessidades demográficas e econômicas do país demandavam que a imigração tivesse objetivos mais esclarecidos e que levasse em consideração as conjunturas internas e externas (ACCIOLY,

2009). O resultado disso foi a diminuição da imigração entre 1931 e 1945 em decorrência da crise econômica dos anos 1930 e da eclosão da Segunda Guerra Mundial (STATISTIQUE CANADA, 2017d). Adicionaram-se aos critérios anteriores a definição de quais países eram desejáveis.

3.2 DO PÓS-GUERRA ATÉ OS DIAS ATUAIS

O fim da Segunda Guerra Mundial marcou um novo período para a imigração canadense. Uma nova classe de imigrantes passava a receber atenção, fruto de uma complementação da Ordem de Conselho de 1931. Através dela foi encaminhada uma lista de interesses que indicavam o momento de uma nova política expansionista voltada aos trabalhadores capacitados (ACCIOLY, 2009). A categoria formada pelos empreendedores, profissionais liberais, domésticas e enfermeiras marcava um novo momento do progresso canadense que antes era destinado ao meio rural e agora intencionava o urbano-industrial (ACCIOLY, 2009). Mas ainda permaneciam os critérios étnicos que definiam as preferências na imigração.

Mesmo com a intenção de encorajar o crescimento demográfico com a imigração, a preocupação com o fortalecimento da identidade canadense era uma constante. Em decorrência desse fato, ainda em 1947 a preferência era por imigrantes ingleses, franceses e americanos (ACCIOLY, p. 54, 2009). Segundo a autora, a mudança neste período foi a readmissão dos imigrantes chineses que haviam sido listados como “indesejáveis” e a admissão de imigrantes negros que fossem oriundos das classes de preferência (ACCIOLY, p. 54, 2009). Uma mudança maior foi vista em 1952 com a priorização do critério econômico, definindo as bases do que posteriormente viria a se tornar o sistema de pontos na imigração.

O “*Immigration Act of 1952*” assinalou a consideração dos aspectos econômicos na seleção dos imigrantes. O contexto da maioria da população na época era de baixa qualificação. Objetivando a mudança deste cenário o governo federal iniciou uma mudança do perfil de imigrante ao longo dos anos 1960. Considerando que o caminho para o desenvolvimento seria apoiado na migração de qualificados, em 1966 o Canadá anunciava que não aceitaria mais as classes de agricultores (ACCIOLY, 2009). A urbanização e industrialização do país naquele momento demandavam novas necessidades para a migração.

A classe do perfil de imigrante qualificado se desenvolveu ao longo dos anos 1960, principalmente pela implantação do sistema de pontos. A necessidade crescente de mão de obra

qualificada nos centros urbanos e o baixo índice de recrutamento nos países europeus exigiram uma mudança nos critérios de seleção da política migratória (ALMEIDA, 2015). A solução encontrada era diversificar os países de origem, tendo critérios definidos para a seleção de candidatos. O resultado desta mudança foi o aumento no recrutamento com a participação de países que antes eram considerados como indesejáveis.

Com o sistema de pontos, a imigração de países latinos, africanos e asiáticos foi permitida e facilitada. O sistema foi inovador e aumentou o potencial de empregos para os imigrantes ao selecionar com base no nível de educação dos candidatos, no conhecimento das línguas oficiais, na experiência de trabalho, na idade ou no fato de ter ou não filhos (CASTILHO, 2017). As bases desta modalidade são determinadas pela necessidade do mercado de trabalho e a capacidade de inserção do futuro imigrante. Com o sistema passava a ser palpável também o nível de assimilação à sociedade canadense e a consideração da demanda particular de cada província.

O compromisso com a formulação de políticas migratórias adaptadas à realidade das províncias é afirmado com a “*Loi sur l’immigration*” de 1976. É a partir desta lei que é estabelecida a exigência de que o governo federal consulte as províncias antes mesmo de definir os volumes de imigração por ano e, além disso, que selecione os imigrantes que melhor irão se inserir a sociedade canadense (DIRKS, 2020). Destacamos que a província de Quebec não está incluída no sistema de pontos federal devido a sua herança histórica singular de colonização francesa e a dificuldade na sintonia no que diz respeito a imigração. Como veremos mais adiante, a província possui sua própria política migratória.

As políticas de povoamento do Canadá progrediram, desta vez concentradas em desenvolver políticas públicas de Bem-Estar Social para satisfazer as demandas de imigrantes e canadenses. De acordo com a autora (ACCIOLY, 2009), é possível afirmar que ao longo do século XX foram as políticas que contribuíram para a formação de “uma sociedade de alto nível educacional e poder de consumo”, sendo entendidas como um resultado das estratégias desenvolvidas pelo governo federal (ACCIOLY, 2009). Esta postura do governo canadense atesta o reconhecimento dos imigrantes qualificados, atribuindo a ele um papel essencial para o desenvolvimento da sociedade canadense. Tal reconhecimento ganhou força com a instituição do multiculturalismo no Canadá.

O multiculturalismo foi adotado como política oficial do país em 1971 como um reconhecimento frente à diversidade étnica e cultural presente. Tal medida significou um importante recurso para atribuir uma identidade nacional a esta sociedade formada por

canadenses e imigrantes de diversas etnias diferentes (ACCIOLY, 2009). Isso também contribuiu para a percepção do Canadá enquanto uma nação acolhedora de imigrantes. Com o exercício do multiculturalismo era reconhecida a coexistência de nativos e estrangeiros em harmonia.

A adoção do multiculturalismo também teve impacto na visão dos imigrantes sobre o país. Instaurado como uma resposta face a demanda de canadenses e imigrantes, o Canadá multicultural é visto como uma terra de oportunidades não somente pela economia desenvolvida, mas por compreender que há um caminho legal, aberto a imigração, onde a presença do imigrante além de reconhecida é desejada. Após o contexto do pós-guerra as atividades na imigração se tornaram mais frequentes.

Nesse quadro histórico, o fluxo imigratório de brasileiros passa a ter maior relevância entre os anos 1980 e 1990 em um momento em que a imigração de trabalhadores qualificados estava em destaque. Antes desse período o número de indivíduos era insuficiente para configurar um fluxo expressivo tendo sido iniciado a partir da relação com o fluxo de imigrantes ilegais em direção aos Estados Unidos (GOZA, 1999; 2004). No item seguinte analisaremos a evolução da presença de brasileiros no Canadá, apresentando o fluxo a partir da perspectiva de redes sociais.

3.3 OS BRASILEIROS NO CANADÁ

A comunidade de brasileiros no Canadá apresenta números consideráveis a partir dos anos 1980 e 1990, mas é desde os anos 1960 que se tem indícios da sua presença (STATISTIQUE CANADÁ, 2017^a). As pesquisas sobre a população brasileira no Canadá têm como principal referência a pesquisa de Franklin W. Goza (1994; 2004) que partiu de entrevistas realizadas em 450 domicílios na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais, no ano de 1989. O objetivo do estudo era compreender o fluxo de emigração que partia desta cidade em direção aos EUA.

A partir dos resultados, foi identificado que a cidade de Toronto era o local de destinação da maior parte dos imigrantes que estavam no Canadá. Utilizando a metodologia da Análise de Redes Sociais, o autor entrevistou 195 brasileiros em Toronto no ano de 1991, formulando explicações do que ficou definido por ele como o núcleo da rede migratória de brasileiros no Canadá.

De acordo com o autor, a não obrigatoriedade de visto foi uma condição facilitadora para a entrada de brasileiros no Canadá. Em um momento em que as restrições de acesso aos Estados Unidos se tornaram mais rigorosas, esta condição foi a principal razão dos brasileiros terem imigrado para o Canadá em meados dos anos 1980 (GOZA, 1994; 2004). Essa estratégia foi utilizada amplamente pelos brasileiros que estavam em Toronto até o Canadá mudar a legislação (GOZA, 1994). O desejo dos brasileiros pela imigração canadense não mudou, o que se alterou foi a estratégia utilizada para permanecer.

A legislação que passou a exigir visto aos brasileiros foi estabelecida em 1987. Até as limitações de visto aumentarem este se tornou um caminho atrativo para os brasileiros que queriam viver o “sonho americano”, utilizando o Canadá como porta de acesso indocumentada aos EUA (GOZA, 1994; 2004;). Ao passo que mais brasileiros percorriam este caminho, o destino de instalação passou a ser o Canadá já que mesmo não sendo os Estados Unidos ainda assim poderiam obter melhores condições de trabalho e, em contrapartida, viver em uma sociedade menos intolerante com a sua origem latina (GOZA, 1999; 2005). Desejando permanecer no Canadá os brasileiros necessitaram de outro recurso para não serem deportados agora que o visto era exigido.

Após as restrições de visto entrarem em vigor, a estratégia utilizada para entrar no país passou a ser uma anomalia política embasada na decisão da Suprema Corte Canadense de 1985. De acordo com Goza (1999; 2004), esta brecha consistia em garantir para aqueles que tivessem seu visto negado ou expirado o direito de reivindicar o status de refugiado em audiência oral na qual pudessem apresentar suas necessidades e apresentar a sua defesa. Com o andamento do processo até o fim do julgamento a permanência em solo canadense estava garantida. Os brasileiros que utilizaram este recurso podiam usufruir desta condição para construir um perfil para a imigração legal.

Ao alegar não poder retornar ao país, durante o percurso do julgamento o postulante a refugiado estaria elegível para permanecer e trabalhar no Canadá. Ao longo deste tempo, que poderia levar vários anos, os brasileiros que solicitaram refúgio poderiam também ter acesso ao Seguro Nacional de Saúde e a possibilidade de aprender o idioma alcançando melhores competências para se inscreverem no sistema de pontos canadense utilizado para a imigração legal (GOZA, 1999). Tal estratégia permitiu aos turistas brasileiros permanecerem no Canadá mesmo que sua entrada fosse negada ou que seu visto de turista estivesse expirado, configurando um caminho para a conversão ao status legal. Entretanto, nem todos os entrevistados na pesquisa do autor tiveram a mesma sorte e tiveram que retornar ao Brasil.

A maioria dos brasileiros não teve sucesso com este plano. Já em 1990, 5 anos após a decisão da Suprema Corte, o Canadá impôs regras mais restritas para este programa dificultando o reconhecimento do status de refugiado (GOZA, 1999; BARBOSA, 2012). Contudo, o Canadá já começava a aparecer no radar dos brasileiros e a rede social formada pelos imigrantes ilegais também passava a apresentar-se como uma importante condição de acesso à sociedade canadense.

Neste contexto migração sem documentos o contato com aqueles imigrantes que já haviam se estabelecido anteriormente constituiu um valioso recurso aos imigrantes. A permanência e a inserção à sociedade canadense e no mercado de trabalho foram facilitadas pelos laços da rede (GOZA, 1995; 2004; SEGA, 2013). Além da rede de brasileiros, a pesquisa também apresentou informações de que a comunidade de portugueses também foi um valioso recurso na inserção dos brasileiros no mercado de trabalho. O fato de poder utilizar o português para se comunicar em solo canadense, somado a uma origem cultural praticamente semelhante aproximava os brasileiros aos portugueses.

A cidade de Toronto, na principal metrópole da província de Ontário, foi o ponto inicial da formação da comunidade de brasileiros no Canadá. De acordo com a pesquisa de Goza, foi a partir da comunidade estabelecida em Toronto que outros destinos foram adotados pela comunidade brasileira no Canadá, sendo a província de Québec e a Columbia Britânica, respectivamente, as que apresentam valores mais expressivos ao longo dos anos até o presente (GOZA, 2004; STATISTIQUE CANADA, 1998; 2003; 2007; 2013; 2017a). Esta dispersão geográfica dos brasileiros no Canadá não é exclusiva, como dito anteriormente, segue uma lógica observada na imigração canadense como um todo.

Segundo as estimativas do órgão recenseador, foi no decorrer dos anos 1990 que o fluxo migratório de brasileiros para o Canadá ganhou maior expressividade para totalizar atualmente em 29.315 (STATISTIQUE CANADA, 2017a). Até 1990, aproximadamente 5.250 brasileiros haviam chegado no Canadá; no período de 1990 a 2000 mais 4.175 novos imigrantes haviam sido admitidos; e, entre 2006 a 2010 outros 8.085 brasileiros (STATISTIQUE CANADA, 2017a). O fluxo permaneceu constante ganhando expressividade ao longo do século XX, tendo a partir de 2006 um novo momento de maior expressividade. Podemos entender este aumento sob a luz de dois elementos importantes que se relacionam entre si e resultam na divulgação do Canadá como uma possibilidade.

Podemos atribuir dois fatores para o aumento do fluxo migratório visto acima: a ação das redes sociais formadas na migração e o sucesso das políticas migratórias canadenses de

recrutamento. As conexões entre os brasileiros no país de destino e as possibilidades de imigrar legalmente para o Canadá podem ser entendidos como as bases para a ampliação do fluxo de mais brasileiros no país (ALMEIDA, 2015). Os caminhos oferecidos pelo país estão conectados, em maior parte, ao interesse na obtenção de mão de obra qualificada e, da parte dos brasileiros, morar em um país com maiores possibilidades e qualidade de vida. Os brasileiros que vieram depois puderam contar com uma rede de suporte formada por aqueles que já conheciam a sociedade canadense, conferindo maior segurança e uma promoção da migração como uma oportunidade.

Segundo o órgão recenseador canadense, a população brasileira estaria estimada em 29.315 indivíduos com a predominância de duas categorias que se relacionam. O perfil de imigrantes brasileiros de maior destaque pertence a categoria econômica, proporcionalmente de todos os imigrantes brasileiros que chegaram no Canadá até 2016, 58,2% se refere a classe econômica, 28,9% ao reagrupamento familiar, 1,4% os refugiados e 1,3% aos outros imigrantes (STATISTIQUE CANADA, 2017a). Com isso, podemos interpretar que a imigração de brasileiros para o Canadá é predominantemente econômica, ou seja, formada por trabalhadores qualificados, empreendedores e investidores. A predominância de trabalhadores qualificados também é analisada em outras pesquisas, indicando que a migração de brasileiros é uma resposta ao apelo do Canadá pela força de trabalho imigrante.

Além dos resultados do censo, o resultado da pesquisa de Rodrigo Fessel Segá (2013) chega a mesma conclusão. Segundo o autor, atualmente a rede migratória de brasileiros em Toronto se dá principalmente pela presença de trabalhadores qualificados que se associa ao perfil desejado com as políticas migratórias. Na pesquisa foram realizadas 22 entrevistas com brasileiros que residiam em Toronto, a metodologia utilizada priorizou os imigrantes permanentes haja vista a condição sensível dos imigrantes ilegais e a dificuldade na obtenção de dados referentes a eles (SEGA, 2013). Mesmo que consideremos a predominância do fluxo de brasileiros legalmente admitidos é importante considerar que os brasileiros ilegais ainda se fazem presentes e esta distinção é vista no contexto da rede.

Para exemplificar, temos uma outra fonte de dados proveniente do Ministério das Relações Exteriores (MRE) que poderia englobar os imigrantes em diferentes status. No ano de 2021 o MRE estimou que em todo o Canadá havia o total de 121.950 brasileiros deste, 90.000 em Toronto, 15.000 em Vancouver, 12.000 em Montreal e 4.950 em Ottawa (MRE, 2021). Os dados trazidos pelo órgão demonstram que é possível que haja um grande número de imigrantes, alguns inclusive em status indocumentado, e ao mesmo tempo indicam a imprecisão

quanto ao efetivo presente no Canadá. O seu status na migração influencia no percurso da migração, sendo ele um aspecto importante para analisar a presença dos brasileiros.

A condição do imigrante influencia na decisão de quais estratégias adotar, principalmente na articulação com a rede. Isso quer dizer que as demandas de informação e suporte variam a depender do status legal, ou seja, o visto que o imigrante possui, a área profissional, o seu nível de conhecimento nos idiomas oficiais, o gênero e sua posição na rede social da migração (SEGA, 2013). É destacado pelo autor que a rede é acionada e utilizada pelos brasileiros segundo esses critérios e que as demandas variam entre os perfis. Por vezes ela é imprescindível para acessar e permanecer na sociedade canadense, no caso dos imigrantes ilegais, e em outras pode causar repulsa daqueles que não dependem dela.

Fazendo uma breve comparação, um outro ponto destacado pela pesquisa é esta distinção no uso da rede. A predominância das demandas de imigrantes ilegais é identificada logo na pesquisa de Goza (1994), porém o que Segal (2013) adiciona é que mesmo havendo um status legal isso não quer dizer que haja harmonia entre os brasileiros da rede. A repulsa de alguns imigrantes qualificados sobre a rede é observada na alegação de que através dela não tiveram boas oportunidades de trabalho, apenas havendo fartura de empregos informais e informações gerais sobre questões legais da imigração (SEGA, 2013). Faz-se necessário esta consideração para entender que a rede não é acessada por todos da mesma maneira e que está submetida ao perfil dos indivíduos que a compõem.

Mesmo havendo esta distinção, os imigrantes se associam em um interesse comum: permanecer em solo canadense. A busca pela recolocação profissional, a conversão do seu visto ou status legal, questões de moradia, direitos na imigração são demandas frequentes na rede. Em ambas as pesquisas citadas é observado que os imigrantes buscam da rede novos vínculos, a chamada “network”, que os conduzam a boas oportunidades de trabalho e habitação (GOZA, 1999; 2004; SEGA, 2013). Neste cenário, as trocas entre os membros da rede variam ao longo do tempo, são condicionadas pela necessidade do imigrante em solo canadense. Seja em relação aos temas citados acima ou também quando buscam manifestar a cultura brasileira, a rede se configura como um valioso recurso que pode ser acessado ainda no Brasil.

A rede social dos brasileiros de Toronto possui uma organização concentrada no ambiente web. Segundo Segal (2013), a principal forma de organização da rede migratória acontece através de blogs, listas de e-mails, grupos de discussão e, nas redes sociais online. É neste meio que o primeiro contato com a realidade de Toronto acontece e se amplia, por vezes sendo a melhor fonte de informações sobre o percurso migratório acessado ainda do Brasil

(SEGA, 2013). Com a internet, é facilitado o contato entre os brasileiros que ainda estavam na fase de planejamento com aqueles que já estavam no Canadá trazendo maior segurança e conhecimento sobre o percurso migratório e conseqüentemente facilitando a inserção e adaptação.

Podemos considerar que as conexões entre os brasileiros no país de origem e no de destino são um valioso recurso no percurso migratório. A rede, como forma de análise desta conexão, apresenta recursos que permitem compreender a importância dos vínculos na sustentação e ampliação do fluxo imigratório. A comunidade de brasileiros no Canadá ainda é pequena quando comparamos com os principais fluxos emigratórios, mas é observado que está em plena expansão. Neste contexto, a rede migratória cumpre um papel facilitador tanto na decisão de imigrar quanto na permanência já em solo canadense.

No que diz respeito aos dados do censo canadense, os números apresentados consideram grupos de imigrantes legalmente admitidos e que residem em permanência. No conjunto de dados do censo há uma distinção entre os permanentes e temporários, na primeira estão contidos os refugiados já aceitos no país, imigrantes econômicos, classe familiar, e os brasileiros que se tornaram cidadãos canadenses; e na segunda os trabalhadores estrangeiros temporários, estudantes internacionais, turistas e solicitantes de refúgio, entre alguns outros casos mais específicos (STATISTIQUE CANADA, 2017b). Além das subcategorias é preciso considerar a dificuldade de obtenção dos dados.

Quando se pensa na população brasileira no Canadá, adiciona-se a limitação dos dados à consideração sobre as nuances de perfis de visto. Vale destacar que as estimativas da totalidade dos brasileiros devem ser pensadas sob a ponderação da qualidade dos dados que está sujeita a fatores que dificultam a obtenção: seja o caso dos brasileiros ilegais; ou os casos que não responderam aos censos. Ainda assim, o censo permanece como a melhor fonte, mais atualizada, com maior descrição e metodologia definida, que permite a utilização de dados para as análises feitas no decorrer desta pesquisa. É necessário destacar que o fluxo de brasileiros para Quebec possui propriedades que o diferem dos demais.

A província de Quebec, como viemos analisando até aqui, é marcada pelas disputas com o governo federal, sobretudo quanto a imigração. O que será abordado no capítulo seguinte nos dará insumos para compreender como o fluxo de brasileiros para a Grande Montreal é atípico e principalmente impulsionado pelas políticas imigratórias que a província desenvolveu após os anos 1990. Além do mais, as conclusões de estudos recentes demonstram que esta imigração não pode ser reduzida a consideração de aspectos econômicos do Brasil como os únicos fatores

propulsores do fluxo. É necessário que se considere na interpretação deste fenômeno o papel do Estado (o Quebec) e o papel das redes sociais (as conexões entre os indivíduos).

4 O QUEBEC E A EMIGRAÇÃO BRASILEIRA PARA A GRANDE MONTREAL

A província de Quebec possui uma particularidade em relação ao Canadá devido a sua ocupação inicial. Entre o fim do século XVI e a segunda metade do século XVIII o território de Quebec pertencia a colônia chamada de *Nouvelle France* que esteve sob controle do império francês até o fim da Guerra dos Sete anos em 1763. Com o acordo de paz firmado em Paris após a derrota da França, as forças britânicas instauraram um governo militar em Quebec e forçaram a retirada das tropas e dos aristocratas franceses (FRAGA, 2013). O inglês foi estabelecido como língua principal e a província foi rebatizada como *Province of Québec*.

A história da relação bilateral entre província e federação é fundamental para entendermos o contexto de formulação da política migratória da província. Tal dualidade marcou a história de Quebec do final do século XIX até meados dos anos 1970 quando uma nova reflexão sobre a migração entrou em debate junto as pautas da Revolução Tranquila. A partir disso a migração passa a ser considerada como uma possibilidade para a redução dos problemas demográficos e econômicos. Como veremos adiante, as mudanças na estrutura política e administrativa do governo provincial conduziram para a formulação de uma política de imigração própria.

Logo após as primeiras transformações da Revolução Tranquila, o Quebec se dedicou a expandir seus interesses no exterior e, sobretudo, a desenvolver uma postura mais ativa na imigração. O processo de formulação da política imigratória foi marcado por diversos acordos com o governo federal, sendo o mais importante deles em 1991. O governo provincial adotou uma postura mais ativa que assinalou a autonomia da província em relação a imigração, evoluindo no planejamento da migração ao longo do tempo. Os resultados deste movimento são observados hoje com a seleção e inserção dos migrantes delineados pelas diretrizes da política migratória específica.

Basicamente, a imigração para a província é segmentada em duas categorias principais: permanente e temporária. A migração permanente está intimamente ligada aos objetivos da política imigratória, que são: garantir a vitalidade do francês, manter o dinamismo regional e aumentar a presença internacional da província; já os temporários compreendem estudantes e trabalhadores na província para resolver a necessidade imediata de mão-de-obra (MIDI, 2019a). O primeiro grupo se subdivide em três grandes categorias: imigração econômica, reagrupamento familiar e a imigração humanitária; enquanto o segundo compreende os

trabalhadores temporários e estudantes. Cada grupo contempla critérios definidos e está vinculado a um perfil de migrante específico.

4.1 O QUEBEC NO CONTEXTO DA FEDERAÇÃO

Como nos diz a história de Quebec, quando a província foi tomada pelo império britânico o inglês passou a ser a língua do comércio, da administração pública e da formulação das leis. Naquele contexto a coroa britânica se deparava com uma população que não era leal aos seus valores e que possuía natureza linguística, tradição e cultura distinta, principalmente pautada na fé católica (FRAGA, 2013). A proclamação real britânica que estabelecia a *Province of Québec*, não reconhecia qualquer direito político dos franco-canadenses e tinha como objetivo a assimilação de modo mais rápido possível já que a população francesa representava uma possível ameaça ao império britânico (FRAGA, 2013). Visando reduzir as chances de revoltas foi permitido a expressão dos hábitos, costumes e a consideração do direito civil francês.

Em 1774 foi decretado o Ato de Quebec, encorajando os franco-canadenses a se sentirem parte da colônia britânica. O ato legalizou a sobrevivência da população francesa e, além disso, marcou o início da fundação de uma identidade nacional com o reconhecimento, afirmação e legitimação da sua particularidade (FRAGA, 2013; PICHÉ, 2003). Além de aprovar o exercício dos costumes e tradição, o ato também permitiu que os franceses fossem submetidos ao direito civil francês (FRAGA, 2013). Tal ato foi importante na segmentação do território da colônia e, sobretudo, para o início do desenvolvimento de um nacionalismo distinto da porção inglesa do Canadá.

Como reconhecimento da particularidade dos dois grupos étnicos na província de Quebec, o território foi dividido em duas partes. Foi com o Ato Constitucional de 1791 que se segmentou a província em Alto Canadá (inglês) e Baixo Canadá (francês). O objetivo era separar através do território a população leal à coroa britânica, submetendo-os as leis e instituições inglesas; e a população francesa para que pudesse manter a legislação civil francesa e a religião católica (KULAITIS, 2013). A separação assinalou ainda mais a singularidade da província no contexto inglês do restante do Canadá, no qual a força dominante seguia com os ingleses.

A partir do ato, a população de Quebec possuía os fatores geográficos e políticos para justificar sua separação do Alto Canada, adicionando-se a isso culturais e a formação de uma

identidade nacional fruto da sua ocupação francesa. O nacionalismo da província que a difere da porção inglesa se funda, principalmente, em função dos conflitos étnicos e linguísticos que foram derivados da relação de forças entre os ingleses (PICHÉ, 2003). A dualidade inglês-francês resultou em diversos conflitos políticos e marcaram a história do Quebec durante o século XIX, influenciando também na adoção do regime de federação (PICHÉ, 2003). Considerando as demandas assimétricas da província, em 1841 se estabelece a Província do Canadá como uma resposta ao cenário separatista.

Foi o Ato de União de 1841 que marcou o início do Canadá enquanto federação. A justificativa da adoção deste modelo foi considerada como uma medida para garantir a permanência de Quebec à porção inglesa (FRAGA, 2013). Com o ato se deu origem a Província do Canadá como uma fusão das duas colônias. A imigração também era um tema que gerava descontentamento na província que perdurou até o século XX.

Até a política imigratória de Quebec entrar em vigor no ano de 1990, a responsabilidade sobre a gestão estava a cargo do governo federal. Ainda no final da Segunda Guerra a imigração para o Canadá estava direcionada aos imigrantes que seriam facilmente assimilados à cultura inglesa e que contribuíssem para a construção de um estado-nação que preservasse os valores e a cultura inglesa (KULAITIS, 2013). Tal situação era um problema para a assimilação dos imigrantes, já que a federação visava a inserção no meio anglófono mesmo se tratando de uma destinação a uma região tradicionalmente francófona. Em decorrência desta disparidade a população francófona apenas margeava a imigração.

Por conta disso, os perfis de imigrantes enviados à província eram incompatíveis com a sociedade francófona e não atendiam as necessidades demográficas e econômicas do momento. Os imigrantes recém-chegados tinham preferência pelo inglês e se estabeleciam principalmente em Montreal, sendo ela a comunidade anglófono economicamente dominante na província (KULAITIS, 2013). A imigração era uma inquietação por não atingir os objetivos da província e por colocar em risco a identidade francófona no contexto da federação. Portanto, era necessária uma revisão dos objetivos da província e o planejamento adequado para superar os desafios demográficos e econômicos.

A taxa de natalidade e a queda do peso demográfico da província frente à federação anunciavam a necessidade da participação de imigrantes. O peso demográfico da província esteve em queda desde a formação da federação em 1867, mas somente foi colocada em pauta a partir de 1940 (KULAITIS, 2013). Neste contexto, os embates entre governo federal e provincial se acirravam à medida que os discursos sobre a imigração na província cobravam

maior liberdade na escolha dos candidatos e nos termos da sua inserção. Considerando os problemas demográficos e as necessidades econômicas teve de ser reconhecido o papel do migrante, mas desta vez alinhado com os interesses provinciais.

A necessidade de conservar o francês pressupunha uma conversão linguística dos imigrantes para que fosse possível reforçar a identidade dos quebequenses. Reverter as pautas do governo federal foi importante para a afirmação da particularidade da província não apenas pelo seu território, mas também pela língua e cultura (KULAITIS, 2013). Considerando a população da província como uma minoria na federação era preciso que os critérios da seleção dos imigrantes fossem pautados na identidade e nos valores francófonos para que a sua integração à sociedade quebequense fosse satisfatória (KULAITIS, 2013). Em suma, a identidade quebequense se fundamenta no francês com importância reconhecida na forma de lei.

Conhecida também como “*La Charte de la Langue Française*”, a lei 101 decretada em 1977 exigiu uma adaptação de diversos meios da sociedade. Através dela o francês se tornou a língua normal e habitual no mercado de trabalho, no ensino, nas comunicações, no comércio, nos negócios e na vida cotidiana (QUÉBEC, 1977). A lei marcou uma transformação social e política ao restringir o uso do inglês como língua oficial, sendo este um dos resultados da Revolução Tranquila que promoveu importantes mudanças nas esferas administrativa e política. Através dela foi reconhecido institucionalmente o francês como um importante elemento de diferenciação no conjunto da federação, implicando também na formulação da política imigratória.

A Revolução Tranquila criou o cenário fértil para que a gestão migração pela província fosse possível. Esta revolução foi um período de transformação política e ideológica, caracterizado pela sensibilização à identidade francófona do Quebec frente a federação e pela diminuição da influência da igreja católica e seus valores (ALMEIDA, 2015). Tal evento não tem data precisa, sendo reconhecida a década de 1960 como o período de destaque das principais mudanças (PICHÉ, 2003). Considerando isso, pode-se dizer que este evento promoveu uma transformação significativa na postura com questões ligadas à imigração e aos serviços públicos.

Munido de um conjunto de reivindicações o Quebec também incorpora a exigência de maior autonomia para conduzir temas ligados a migração. As reivindicações tinham como objetivo exigir do governo federal uma maior soberania da província e assim colocar em prática as novas necessidades da sociedade quebequense; exemplificando uma delas: a seleção e

inserção dos imigrantes (PECINI, 2012; KULAITIS, 2013; ALMEIDA, 2015). A posição reivindicativa e ofensiva da província promoveu uma série de mudanças, sendo uma delas o reconhecimento do tema migração como um desafio na relação entre o Canadá e o Quebec (ALMEIDA, 2015). Os desafios para discutir a migração estão conectados diretamente com a história de ocupação da província, começando a mudar após a instituição da política migratória própria do Estado de Quebec.

Em síntese, esta revolução sacudiu a sociedade quebequense ao longo dos 20 anos seguintes, mudando também a forma como a imigração é encarada. Tal como aponta Pelletier⁶ (1992), o período da revolução ficou marcado por uma tradução política das mudanças sociais até então ocorridas, qualificando o Estado como principal agente de sua própria transformação social. Em decorrência disso é visto ao longo dos anos seguintes o desenvolvimento de um Estado com tripla orientação: democrático, administrativo e intervencionista. Em vista disso os temas ligados a imigração receberam maior atenção juntamente com as instituições públicas e serviços ofertados pelo governo.

Nos anos 1980 o Quebec se atenta a desenvolver seu próprio modelo de integração dado o crescimento da população imigrante. Naquele momento, a importância dos alófonos crescia e a escolha linguística dos imigrantes desequilibravam a equação linguística francês-inglês (PICHÉ, 2003). Os numerosos debates transpareceram diferentes visões quanto ao modelo de integração desejável do ponto de vista político. A ideologia que permanece em destaque é a da convergência cultural, nela é esperada uma postura do migrante que o aproxime da identidade baseada na francofonia.

Segundo Piché (2003), mesmo não havendo uma resposta definitiva para quem é de fato quebequense, o que é considerado como identidade neste nacionalismo regional é a língua. Fundamentado na francofonia este seria um símbolo de resistência ora ao modelo assimilacionista da política canadense ora a anglicização dos alófonos recém-chegados (PICHÉ, 2003). Com efeito, esta discussão está distante de ter fim e gera um grande descontentamento entre os imigrantes que escolhem se estabelecer na província. Com crescimento da presença dos imigrantes em Quebec torna-se inevitável lidar com os conflitos linguísticos e culturais e por isso foram elaboradas as diretrizes da política imigratória.

⁶ No original, “on peut la définir comme ‘la traduction politique de changements sociaux qui ébranlaient progressivement la société québécoise depuis deux décennies’. Et l’État québécois qui s’est développé à partir de 1960 selon une triple orientation démocratique, administrative et interventionniste se trouve au coeur même de cette traduction politique: tout en étant lui-même soumis à de profondes modifications, il a joué le rôle de moteur des transformations sociales survenues par la suite. » (PELLETIER, 1992, p. 18, tradução nossa)

4.2 AS POLÍTICAS IMIGRATÓRIAS DE QUEBEC

Considerado como um evento importante na imigração de Quebec o “*Accord Canada-Québec*” firmado em 1991 marcou o início da independência da província nas etapas mais importantes do processo migratório. Com o acordo, foi estabelecida a autonomia absoluta na seleção, admissão e integração, passando a ser o governo provincial o responsável por definir os números da imigração (QUÉBEC, 1991). O Quebec passa a agir como responsável pela gestão e planejamento na imigração como provedor dos direitos e, em contrapartida, o Canadá se compromete com uma compensação financeira para a execução dos serviços. Assim sendo, passaram a ser delineados os critérios da seleção e integração que priorizam os interesses da província que marcaram um novo período da imigração.

O acordo e a posterior política migratória reconheceram que o migrante seria um dos meios possíveis para recuperação econômica e demográfica, o que resultou mais adiante na ampliação dos fluxos migratórios para fontes não tradicionais. Com o dispositivo legal “Em Quebec para Construir juntos: Declaração política em matéria de imigração e integração”⁷, anunciado em 1991, são estabelecidos quatro objetivos principais para a política: a recuperação demográfica, a prosperidade econômica, a perenidade do francês e a abertura ao mundo. Por meio desta declaração o imigrante passou a ser considerado peça fundamental para o crescimento da província e o recrutamento se diversificou para fontes não tradicionais (MCCI, 1991; MIDI, 2019a). Sendo assim, o dualismo etnolinguístico foi progressivamente substituído pela relação triangular entre francófonos, anglófonos e alófonos, já que imigrantes antes considerados indesejáveis agora faziam parte do escopo da política externa.

Na imigração para Quebec o francês é considerado peça fundamental para integrar a sociedade quebequense. Após decretada a lei 101, como dito anteriormente, o francês passou a ser a língua oficial do Quebec e a francisação dos imigrantes um dos principais serviços de integração do Ministério de Imigração (KULAITIS, 2013). A francisação foi colocada em prática desde 1970, já que a língua pode ser considerada como um símbolo do quebequense. Assim, podemos dizer que o idioma é um elemento imprescindível para a seleção e recrutamento dos candidatos que na forma de lei se tornou um artifício para a sobrevivência da cultura.

⁷ No original, “*Au Quebec pour bâtir ensemble : Énoncé de Politique en matière d’Immigration et d’Intégration*” (MCCI, 1991, tradução nossa)

A convergência cultural na qual se baseia a política imigratória pressupõe uma adesão aos valores comuns de Quebec e se configura como a porta de acesso à sociedade quebequense, diferente do multiculturalismo do restante da nação. Aceitando imigrar o sujeito considera que haverá uma troca: de um lado o imigrante se compromete a aderência aos valores quebequenses, sobretudo ao francês, e de outro a província reconhece sua diferença cultural e sua identidade particular (ALMEIDA, 2015). A interculturalidade é o que apoia a idealização de uma sociedade de tradição e de cultura francófona, enquanto para o restante do Canadá é o multiculturalismo expresso pela coexistência de diversas identidades. Com esta diferença podemos dizer que através deste modelo de integração há uma preocupação maior à integração dos migrantes.

Ao longo do tempo o Quebec se dedicou a aprimorar os critérios para recrutar os imigrantes considerando aqueles que melhor se enquadram às necessidades da província. Um dos meios utilizados para auxiliar foram os “*Bureau d'Immigration du Québec (BIQ)*” como a representação dos interesses da província no exterior, sendo esta uma das principais estratégias de promoção da província. Além de serem um importante meio para as trocas comerciais os escritórios também atuaram como importantes difusores da política migratória, ampliando o recrutamento de mão de obra qualificada em países não tradicionais (ACCIOLY, 2009; PECINI, 2012; KULAITIS, 2013; ALMEIDA, 2015; CASTILHO, 2017). Em resumo, os escritórios são os responsáveis por fazer a ponte nas trocas externas, ampliando as relações comerciais, facilitando novos investimentos e apoiando no recrutamento de trabalhadores qualificados.

As estratégias adotadas na implementação da política através dos programas provinciais resultaram na ampliação da imigração da categoria econômica, alvo dos interesses da província pelo potencial econômico e demográfico resolutivo. Em termos quantitativos, até os anos 1990 a categoria econômica estava atrás dos refugiados e dos imigrantes oriundos da classe de reagrupamento familiar (ALMEIDA, 2015). Para isso, foram realizadas diversas ações de recrutamento e de promoção da província que reposicionaram a classe econômica como perfil alvo. Para promover a imigração o Ministério de Imigração utilizou palestras de informação e materiais publicitários nos países fonte de imigrantes.

A publicidade foi uma importante ferramenta de ampliação dos fluxos em direção à província, principalmente por meio de palestras informativas nas grandes capitais. Tal como apontam os estudos anteriores, as palestras de informação tinham como objetivo divulgar a sociedade quebequense e as possibilidades na imigração, mas acabavam por apresentar o

Quebec como uma garantia de boa vida (PECINI, 2012; KULAITIS, 2013; ALMEIDA, 2015; CASTILHO, 2017). Nas palestras eram abordados temas como os valores culturais; a comparação de temas como violência, educação, saúde e oportunidades; e os programas de imigração possíveis. Com efeito, foi por intermédio das palestras que se propagou a política imigratória no Brasil quando muitos brasileiros conheceram a província e se engajaram na ideia de viver no Canadá.

Os resultados da política imigratória se associa diretamente com os apontamentos de Gislene Aparecida dos Santos em seu artigo sobre redes sociais e a migração (SANTOS, 2005). Neste artigo, a autora elenca os principais pontos da metodologia de redes sociais e a apresenta o conceito de migração por um viés centrado nas escolhas individuais, vinculando pesquisas anteriores e ressaltando pontos importantes. Além de destacar os aspectos centrais nos estudos de redes sociais da migração, a autora acrescenta a importância de se considerar as políticas migratórias na difusão e ampliação dos fluxos. Tal consideração é valiosa no caso dos brasileiros em Quebec, na qual colocamos as decisões políticas em posição de destaque.

Na intenção de atingir os objetivos da política imigratória o governo recruta imigrantes diretamente na origem e aproveita estudantes e trabalhadores que estão em seu território na condição temporária. O Quebec criou diversos programas para facilitar a obtenção da residência permanente; para este fim o Programa Regular de Trabalhadores Qualificados (PRTQ) e o Programa de Experiência Quebequense (PEQ)⁸ constituem os principais programas. O primeiro deles permite a seleção ainda fora do Canadá, já o segundo admite após uma vivência de estudo ou trabalho. Estes programas podem ser considerados os principais meios de acesso a residência permanente e tem diferentes propostas.

Nos dois casos o candidato é submetido a uma análise de pontos que considera diversos aspectos. Para o PRTQ o candidato é analisado quanto: à formação acadêmica, experiência profissional, idade, conhecimento dos idiomas, família e filhos, bem como as condições financeiras; enquanto no PEQ os mesmos princípios são analisados, mas consideram dois perfis: os que trabalharam e os que foram diplomados na província (MIDI, 2016). O diferencial entre os dois programas é a priorização daqueles que estiveram por algum tempo na província, considerando que apresentam melhor integração do que aqueles que foram recrutados na origem. Através destes programas o Quebec difunde a sua política imigratória dentro e fora de

⁸ No original “*Programme régulier des travailleurs qualifiés (PRTQ)*” e “*Programme de l’expérience québécoise (PEQ)*” (MIFI, 2019a).

suas fronteiras ao facilitar o recrutamento dos trabalhadores e estudantes internacionais e de suas famílias, refinando a sua forma de atuação.

A questão migratória foi evoluindo ao longo do tempo e culminou na aplicação de uma nova política imigratória após 25 anos do acordo com o governo federal. No ano de 2018 entrou em vigor a lei da imigração de Quebec, através do documento “Juntos, nós somos o Quebec: política quebequense de imigração, de participação e de inclusão”⁹, quando são ratificados os preceitos anteriores e considerada a questão da integração dos imigrantes como prioridade (MIDI, 2016). Por meio das quatro premissas da lei é salientada: a importância da participação do migrante para prosperidade econômica e vitalidade do francês, a preocupação com a sua inclusão e a devida conformidade com os princípios e valores como uma responsabilidade de todos. Considerando o caminho percorrido desde a Revolução Tranquila podemos entender a nova lei como um desfecho de sucessivos conflitos na gestão da migração entre a esfera federal e provincial.

Assim sendo, consideramos que o percurso histórico na relação da província com os temas imigração e nacionalismo foi marcado por dois momentos. No primeiro, uma busca pelo reconhecimento na dualidade linguística inglês-francês; e, no segundo, a preocupação quanto a anglicização e a convergência cultural dos alófonos após o aumento dos imigrantes selecionados (PICHÉ, 2003). Para a província o imigrante se tornou um ator importante dotado de atributos mensuráveis, quantificáveis e com contribuição favorável ao desenvolvimento econômico da província e a sobrevivência do francês. A província desenvolveu diversos caminhos possíveis para auxiliar nestes objetivos, bem como evoluiu na sua política migratória ao longo do tempo.

Neste sentido, o que se observou é a consideração do perfil do imigrante qualificado como um importante recurso oriundo da imigração para o desenvolvimento econômico. Além de ser a mão-de-obra especializada é incentivado que os migrantes desta categoria migrem com suas famílias, fixando residência e escolhendo Quebec como a sua nova casa. É importante para a província que aqueles indivíduos selecionados e com experiência em Quebec decidam ficar com suas famílias ou que busquem seus pares no país de origem

4.3 A IMIGRAÇÃO NO QUEBEC

⁹ No original, “*Ensemble, nous sommes le Québec: politique québécoise en matière d’immigration, de participation et d’inclusion*” (MIDI, 2016, tradução nossa).

Independente da condição, se permanente ou temporária, em algum momento aquele que deseja se estabelecer em Quebec terá de se submeter aos sistemas de pontos do Quebec. Uma vez que o candidato tenha a pontuação necessária estará apto a receber o “Certificado de Seleção do Quebec (CSQ)”¹⁰, passo necessário para os que desejam se estabelecer de maneira permanente e alcançaram uma pontuação que cumpra os pré-requisitos. Após o recebimento do CSQ o candidato deverá solicitar ao governo federal sua residência permanente, se submetendo a uma análise dos antecedentes criminais e a comprovação médica. Logo, conseguir o CSQ é o primeiro passo no caminho da residência permanente e assim poder trazer mais segurança e estabilidade ao percurso migratório que a condição de residente evoca.

Podemos dizer que a migração econômica é a principal forma de viver no Quebec atualmente. Analisando os dados do período intercensitário de 2015-2019 vemos que a migração econômica lidera as demais categorias de migrantes (29.190), seguida pelo reagrupamento familiar (12.285) e após os refugiados e demais categorias associadas (8.832) (MIDI, 2019a, p. 23).

Quadro 1 - Número de imigrantes permanentes em Quebec entre 2015-2019, segundo a categoria de imigração (MIFI, 2020c).

Categoria de imigração	Número de imigrantes	em %
Imigração econômica	144.092	58,5
Reagrupamento familiar	55.723	22,6
Refugiados e pessoas em situação semelhante	42.274	17,2
Outros imigrantes	4.212	1,7
Conjunto da imigração permanente (total)	246.301	100

Elaboração: SILVA, E. V. (2022).

O destaque no efetivo da imigração econômica demonstra o sucesso da política migratória no que diz respeito a inserção de qualificados na sociedade. Segmentando um pouco mais a análise, podemos dizer que 82,5% dos residentes permanentes da província se concentram em quatro classes. Os trabalhadores qualificados (47,6%), os cônjuges e parceiros de relacionamento (17,8%), os executivos (9%) e os refugiados patrocinados (8%), são as

¹⁰ No original, “*Certificat de Sélection du Québec*”.

principais classes de imigrantes que receberam o título de residente permanente entre 2015 e 2019 (MIFI, 2020c). A seleção de imigrantes da classe econômica está intimamente ligada a migração de familiares, inclusive como um ponto diferencial. Ao longo do tempo a província vem elaborando diversos caminhos possíveis para adensar uma população economicamente ativa e qualificada com múltiplas possibilidades a depender do perfil do migrante.

Visando atingir este objetivo, o Quebec aproveita a mão-de-obra qualificada de estudantes e trabalhadores temporários que estão em seu território e tem aumentado ao longo dos últimos cinco anos. Segundo o MIDI (2019a), em 2014 a proporção de estudantes ou trabalhadores no total da imigração era de 24% aumentando para 57% em 2018, sendo possível associar o aumento como um dos resultados do “Programa de Experiência Quebequense”. Esta foi uma forma que a província encontrou para recrutar os migrantes temporários em seu território e assim ampliar o número de migrantes qualificados que já se integraram. Pela facilidade de acesso a residência permanente este programa teve sucesso e hoje é um dos principais meios para aqueles que desejam migrar.

O perfil dos brasileiros que estão presentes na província está alinhado à tendência da migração como um todo, para obter o status permanente eles também utilizaram destes caminhos citados. A depender da forma de ingresso escolhida pelo migrante a trajetória vivenciada por cada um é singular, principalmente determinada pelo visto que o migrante fora aceito para residir no Quebec. No escopo do PRTQ, por exemplo, o brasileiro já sai do Brasil com a residência permanente podendo trabalhar onde desejar; já no PEQ é necessário que o migrante cumpra um certo tempo trabalhando ou estudando na província para somente depois disso conseguir o título de residente.

4.3.1 Os brasileiros no Quebec

Foi no contexto das trocas entre Brasil e Canadá que a relação entre Quebec e o Brasil teve início. As relações entre Brasil e Quebec apenas começaram a se ampliar a partir de 1990 com as cooperações econômicas, científicas e culturais sendo firmadas uma após a outra (BARBOSA, 2012; ALMEIDA, 2015). No início do século XXI a dinâmica migratória passou a se fazer presente de maneira mais acentuada nas ações externas da política migratória de Quebec, e o Brasil foi um dos alvos desta mudança. Podemos dizer que as parcerias entre origem e destino se ampliaram a ponto da migração para Quebec ser um plano conhecido entre os brasileiros para viver no Canadá.

Há um diferencial importante na sociedade brasileira que atraiu a atenção da província quando comparada a de outros países da América do Sul. O governo de Quebec ao realizar pesquisas na Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai avaliou a integração social e econômica de imigrantes originários da América Latina (ACCIOLY, 2009). Os resultados obtidos indicaram maiores vantagens de expansão para o Brasil pelos seguintes motivos: o Brasil é o país da América Latina que possui a maior rede de escolas da Aliança Francesa (63 no total); possui um grande número de qualificados ainda em idade ativa e com experiência profissional na área; e, além disso, é comentado entre os autores que brasileiros não tendem a formar guetos (ACCIOLY, 2009; KULAITIS, 2013; ALMEIDA, 2015). Tais fatores relacionados a demanda da província e a necessidade de selecionar trabalhadores qualificados configuraram o Brasil como uma grande chance de sucesso.

O principal motivo que fez do Brasil uma das principais fontes de imigrantes latinos foi a transferência do Escritório de Imigração de Quebec. A transferência de Buenos Aires para São Paulo aconteceu no ano de 2008, principalmente em decorrência das novas estratégias da política externa e pelo aumento do número de brasileiros interessados na província (ACCIOLY, 2009). Enquanto o recrutamento de argentinos reduzia, os brasileiros aumentavam exponencialmente sua presença. Os resultados da transferência do BIQ para São Paulo podem ser demonstrados com o aumento do número de residentes permanentes no período de atuação entre 2008 e 2012 (quadro 2).

A comunidade de brasileiros está em plena expansão. Segundo o censo de 2016 o total está estimado em 8.345 indivíduos que predominam no status permanente. Considerando cidadãos, residentes permanentes e temporários, a grande maioria dos brasileiros possuem status permanente ou que já obtiveram a cidadania como pode ser visto no quadro 2 (MIFI, 2019b). No quadro 3 são apresentados o número de admissões em status permanente entre 2006 e 2016, podendo ser interpretados como 10 anos de expansão do fluxo. O recrutamento e a seleção na origem podem ser entendidos como etapas importantes para a ampliação do fluxo de brasileiros, principalmente representado pela presença do escritório de imigração em 2008 conforme demonstra o quadro 3.

Quadro 2 – População brasileira em Quebec por status migratório no ano de 2016.

Status na migração	Total	Total em %
Cidadão canadense	2.785	33,4
Residente permanente	4.555	54,6

Residente temporário	1.010	12,1
Total	8.345	100

Fonte: Statistique Canada, Recensement de 2016 (MIFI, 2019b)
Elaboração: SILVA, E. V. (2022)

Quadro 3 - Número de brasileiros admitidos como residentes permanentes entre 1981 e 2016 (MIFI, 2019b).

Período	Total	Em %
Antes de 1981	240	5,3
1981-1990	290	6,4
1991-2000	405	8,9
2001-2005	345	7,6
2006-2010	1.490	32,7
2011-2016	1.790	39,3

Fonte: Statistique Canada, Recensement de 2016 (MIFI, 2019b)
Elaboração: SILVA, E. V. (2022)

Os dados do censo de 2016 nos permitem considerar que os brasileiros têm uma inclinação à inserção em meio urbano. Cerca de 8 000 imigrantes estão localizados dentro das nomeadas “*Région Métropolitaine de Recensement*”¹¹ (RMR) que compõem a província, um valor correspondente a 96% da população total em Quebec, que se subdividem-se principalmente entre Montreal e pouco mais de 15% na capital de Quebec (MIDI, 2019b). De fato, são as áreas metropolitanas as mais procuradas pelos brasileiros, seja por questões econômicas ou pela presença das redes sociais (SEGA, 2013). Tal consideração demonstra a importância da região para compreender o fluxo de brasileiros na província.

Um dos primeiros trabalhos a analisar a presença de brasileiros na província de Quebec foi o de Tatiana de Almeida Accioly (2009). A autora dedica sua análise aos resultados da política imigratória dos EUA e da província de Quebec, na qual é identificado o interesse na mão-de-obra qualificada de brasileiros (ACCIOLY, 2009). Para a autora, a presença de brasileiros aumentou à medida que as ações da política imigratória encontravam no Brasil uma fonte favorável de imigrantes qualificados. Sendo assim, é constatado pela autora que a

¹¹ Nas estatísticas nacionais o termo “*Région Métropolitaine de Recensement (RMR)*” é utilizado para indicar a relação urbana enquanto concentração de população e agrupamento de municípios para fins estatísticos. Na definição do termo, uma RMR deve possuir uma população total de ao menos 100 000 habitantes, devendo conter em seu núcleo mais de 50 000 habitantes (STATISTIQUE CANADA, 2017b).

presença de brasileiros em Quebec tem a ver com o alinhamento com a política imigratória e suas exigências.

Buscando identificar o papel dos vínculos, a pesquisa de Prévost (2011) foi pioneira na análise de redes sociais para o caso dos brasileiros em Quebec. O resultado que a autora obteve ilustra como a rede formada por membros de uma comunidade de mesma origem, unidos pela intenção de imigrar, mostrou-se como um componente favorável à atração e à instalação duradoura de novos imigrantes no local de chegada (PRÉVOST, 2011). Além disso, ilustra a importância dos vínculos entre casais brasileiros no percurso migratório. Aprofundando um pouco mais sobre as conexões da rede a autora traz os relatos e demonstra o que circula entre os nós da rede.

Pouco tempo depois, o trabalho de Arthur Custódio Pecini (2012) direcionou sua pesquisa para uma análise etnográfica da migração de brasileiros para Quebec, concentrando-se principalmente na análise das políticas imigratórias. Na pesquisa o autor entrevistou os brasileiros ainda no Brasil e outros em Quebec, descreveu e relatou como é a experiência no percurso migratório e as etapas que o compreendem. Ao examinar as diversas etapas que o brasileiro percorre até ser um residente permanente em Quebec o autor identifica que as ações do governo provincial foram essenciais para a ampliação do fluxo, sendo uma delas as palestras de informação. Também é mencionada a criação dos ambientes virtuais como o começo da organização das redes sociais na migração.

Um outro trabalho traz relatos relevantes para adentrarmos um pouco nas motivações dos brasileiros para imigrar. A partir do trabalho de Fraga (2013) podemos compreender que a circulação da mão-de-obra qualificada de brasileiros em Quebec é motivada por questões centrais que envolvem: a busca pelo bem-viver, os problemas de segurança pública, a baixa qualidade de vida urbana e as relações trabalhistas precárias no Brasil. A baixa qualidade dos serviços públicos de saúde, educação e mobilidade urbana, bem como a jornada de trabalho extensa são frequentemente relatados nos depoimentos recolhidos pelo autor. Podemos entender que ao atenderem o chamado das políticas imigratórias da província, os brasileiros buscam as qualidades de uma sociedade desenvolvida.

Outra referência essencial para pensar o tema é a tese de Fernando Kulaitis (2013) que analisa a importância do francês como elemento da identidade da província. Nesta pesquisa, o autor analisa as ações do governo de Quebec para a promoção externa sem perder de vista aquilo que a difere do restante do Canadá. O autor comenta que o “*fait français*” - conceito mencionado com frequência pela mídia e nos documentos oficiais – é considerado um elemento

principal para a identidade cultural (KULAITIS, 2013). Através da análise do autor, é possível compreender porque os brasileiros foram para Quebec, o percurso utilizado e um pouco da experiência migratória.

Segundo o autor, os brasileiros responderam ao chamado da província para a migração de trabalhadores qualificados. Após apresentar o contexto histórico e o que define a política migratória de Quebec, Kulaitis (2013) defende a adequação do brasileiro ao perfil de imigrante desejado pela província, inclusive as condicionantes do aumento do fluxo de brasileiros. Segundo o autor, o fluxo de brasileiros para Quebec se ampliou à medida que as ações do governo de Quebec se tornaram mais presentes no Brasil através do escritório de imigração (KULAITIS, 2013). O interesse do brasileiro na mudança de país e sua adequação ao “*fait français*”, configuram atualmente o brasileiro como um dos principais perfis de interesse da província.

A pesquisa de Érika Pereira de Almeida (2015) explora a noção de diáspora e com profundidade a migração de brasileiros na província. Segundo ela, as principais características deste fluxo se referem a destinação, seu caráter recente e a categoria de imigrantes a qual eles pertencem (ALMEIDA, 2015). Neste trabalho, a autora explica as condicionantes do fluxo e elenca os detalhes da migração do movimento de brasileiros que partiram para uma destinação não tradicional. Sendo assim, os brasileiros em Quebec são qualificados como uma diáspora recente e pouco organizada.

Vale destacar que a busca por melhores condições de vida coloca o dinheiro em segundo plano em detrimento de outras prioridades e da qualidade de vida. Castilho (2017) analisa o fluxo de brasileiros para Montreal através do conceito de imigração “*lifestyle*” e demonstra que a maioria dos entrevistados relata como os elementos determinantes na por Montreal: o desejo de conhecer outras culturas, de tentar uma nova forma de vida, de trabalhar e usar o dinheiro para o prazer e não a aquisição de bens materiais. O termo utilizado para qualificar os brasileiros em Montreal é utilizado para descrever fluxos onde os elementos necessários para a sobrevivência já haviam sido adquiridos (CASTILHO, 2017). No caso dos brasileiros é o pertencimento à classe média tradicional que os aproxima da realidade de países desenvolvidos quanto ao acesso a bens e serviços.

Considerando a inexistência de uma associação destinada aos imigrantes brasileiros, outras estratégias são utilizadas para a organização da comunidade. Em um trabalho mais recente, Nara Anchises (2018) analisou a utilização de um grupo da rede social Facebook pelos imigrantes recém-chegados em Montreal. O grupo analisado pela autora demonstrou que os

brasileiros em contexto migratório o utilizam como uma forma complementar de obter informações sobre a sociedade quebequense (ANCHISES, 2018). A principal vantagem seria o de ser uma fonte de informação paralela em complementação às fontes oficiais, bem como na percepção da sociedade quebequense.

Consideramos as pesquisas mencionadas como fontes inestimáveis para a realização deste trabalho, um verdadeiro direcionamento para a interpretação das entrevistas. Na análise bibliográfica pudemos compreender atributos específicos do fluxo, tais como: os atores, os períodos, o papel das relações sociais, as trocas entre migrantes e as problemáticas do movimento. Tais atributos nos aproximaram da compreensão sobre esta rede social da migração que ousamos analisar a partir da perspectiva geográfica com alicerces na Análise de Redes Sociais. Além disso, levantaram uma série de possibilidades de análise que não conseguiremos abordar neste trabalho.

No próximo capítulo iremos abordar o conteúdo das 8 entrevistas, tratando diretamente da rede social da migração. O objetivo do capítulo é cruzar resultados de pesquisas anteriores com a experiência dos entrevistados, buscando identificar como a rede se manifesta ao longo do percurso migratório. Como dito anteriormente, dada a complexidade que a Análise de Redes Sociais remete, nossa abordagem geográfica apresenta-se como uma aproximação que não objetiva estabelecer regras gerais ou definições rígidas. No entanto, permite-nos compreender o fluxo e, inclusive, traçar paralelos e associações que evocam padrões estruturais.

5 A REDE SOCIAL DE BRASILEIROS NA REGIÃO METROPOLITANA DE MONTREAL

O fluxo de brasileiros em direção a Montreal pode ser considerado um movimento emigratório recente. Embora o Canadá já esteja na rota das emigrações brasileiras ainda é recente o fluxo de brasileiros em Montreal, estando diretamente associado ao interesse de Quebec em atrair os imigrantes qualificados e a presença das redes sociais. Devido ao caráter recente do fenômeno, unir-se uns aos outros é um meio para que o percurso migratório seja mais estratégico e seguro. As trocas de informações, bens e ajuda mútua entre os brasileiros, tal como apontam as entrevistas, possibilitam que o percurso da imigração tivesse melhor resultado do que entre aqueles que não acessaram a rede.

Sem mencionar a política imigratória são poucas as conexões históricas entre Brasil e Quebec que seriam capazes de justificar sozinhas o fluxo de brasileiros que migram para Montreal, o que ressalta o Estado como importante ator. Partindo da análise de pesquisas anteriores, é mencionado com frequência que foram através das ações de promoção do governo provincial que se teve um aumento considerável da chegada de mais brasileiros (PECINI, 2012; KULAITIS, 2013; ALMEIDA, 2015; CASTILHO, 2017). Tais ações envolveram um forte apelo publicitário na difusão da migração como uma possibilidade de mudança de vida face às dificuldades enfrentadas no Brasil, principalmente pautada na migração econômica. Contudo, isso somente seria um caminho viável para aqueles que faziam parte do perfil de interesse da província, preferencialmente, alinhados a política imigratória.

Este fluxo de destino atípico, se refletirmos sobre a migração de brasileiros para o Canadá, é constituído principalmente de migrantes da classe econômica. Podemos observar pelo perfil dos oito entrevistados desta pesquisa um alinhamento com diversos programas que se destinam a esta categoria. Interessante notar que, mesmo alguns deles não sendo aplicantes principais, ainda sim foram recrutados pela sua qualificação profissional. Esta é uma questão frequentemente comentada nas pesquisas anteriores que mesmo sendo recrutados pelo currículo poucos exerceram sua profissão em Montreal.

Partindo da base conceitual de redes sociais, podemos dizer que tais conexões que se formam ainda no país de origem são um diferencial durante a migração. Como dito anteriormente, tais laços estariam ancorados à relações de parentesco, amizade próxima, ao contexto de trabalho e por partirem de uma mesma origem, sendo eles considerados uma fonte de possibilidades. Seguindo as instruções e/ou partilhando de um planejamento comum a

chances de sucesso são maiores pelo nível de preparo do indivíduo, bem como pela presença de uma rede de apoio para enfrentar as adversidades inerentes ao fenômeno. Nesta perspectiva, as trocas entre os migrantes são entendidas como um dos principais propulsores do fluxo, que evoluem ao longo do tempo e concedem suporte aos novos migrantes.

Buscamos organizar este capítulo ancorados nesta lógica, a rede que se manifesta nas trajetórias individuais dos entrevistados conectando Brasil e Montreal. No primeiro tópico analisaremos a articulação dos brasileiros em rede ainda na origem, buscando indicar atores e contextos que auxiliaram na decisão de migrar e na escolha por Montreal, recursos estes acessíveis através da rede. No segundo tópico analisaremos a importância da rede de relações no destino, quando o brasileiro encontra-se em um novo território e precisa lidar com os desafios de adaptação e inserção no destino. Sempre que possível procuramos elucidar os atributos desta teia de papéis sociais nas trajetórias individuais dos entrevistados.

No quadro 4 apresentamos o perfil dos entrevistados desta pesquisa. Neste grupo: 5 entrevistados são homens e 3 mulheres; dos 8 apenas um deles não possuía formação acadêmica quando fora selecionado para Quebec; estão na faixa etária entre 28 e 47 anos, considerada ativa; chegaram em Montreal entre 2008 e 2019, período de aumento da comunidade de brasileiros em Quebec; e apenas um dos entrevistados não vem do eixo Sul-Sudeste. Mesmo que os entrevistados componham um pequeno grupo é necessário considerar tais características demográficas para as análises presentes neste capítulo.

Quadro 4 – Dados dos brasileiros entrevistados (2022).

Nº ENTREVISTA	NOME	IDADE	GÊNERO	ORIGEM	ANO DE CHEGADA	CATEGORIA	FORMAÇÃO NO BRASIL
1	Heitor	47	M	Descalvado, SP	2008	Brasileiro(a) que obteve cidadania canadense	Doutorado em Física Computacional
2	Diego	37	M	Jacarei, SP	2008	Brasileiro(a) que obteve cidadania canadense	Nenhuma formação mencionada
3	Ana	36	F	Florianópolis, SC	2010	Brasileiro(a) que obteve cidadania canadense	Mestrado em Geografia
4	João	32	M	São Paulo, SP	2015	Brasileiro(a) em processo de obtenção de residência permanente (candidatos que já aplicaram - ARRIMA ou PEQ)	Graduação em Direito
5	Lucas	30	M	Campinas, SP	2018	Brasileiro(a) com visto de trabalho ou estudo que tem interesse em migrar	Mestrado em Matemática
6	Gustavo	34	M	Florianópolis, SC	2018	Brasileiro(a) com residência permanente	Doutorado em Linguística
7	Láís	28	F	Recife, PE	2019	Brasileiro(a) com visto de trabalho ou estudo que tem interesse em migrar	Graduação em Letras Inglês
8	Maria	28	F	Curitiba, PR	2019	Brasileiro(a) em processo de obtenção de residência permanente (candidatos que já aplicaram - ARRIMA ou PEQ)	Graduação em Administração

Elaboração: SILVA, E. V. (2022).

5.1 ANTES DE MIGRAR: ORIGEM E DESTINO CONECTADOS EM REDE

Em Quebec os brasileiros concentram-se principalmente nas regiões metropolitanas, sendo apenas 4,1% os migrantes que vivem fora delas. É na Região Metropolitana de Montreal o ponto de maior concentração de brasileiros na província, totalizando aproximadamente 77,2% dos brasileiros que chegam; e destes, principalmente na cidade de Montreal 85,9% (MIFI, 2019b). A primeira escolha daqueles que chegam acaba sendo os centros econômicos onde a oferta de trabalho, acesso a serviços e popularidade é mais abundante, um padrão histórico observado nas principais metrópoles canadenses. Além disso, é frequente que os brasileiros procurem estes locais, seja pelas comodidades de um centro urbano como também pela presença de outros migrantes (FUSCO, 2007; SEGA, 2013).

Na cidade de Montreal, centro da metrópole, os entrevistados escolheram como moradia bairros que estão entre os mais populosos de Montreal, reproduzindo um padrão desde o Brasil. Dos 8 entrevistados que vivem na região metropolitana, 7 vivem na ilha e apenas 1 vive na periferia (Longueuil); concentrando-se no grande centro urbano temos o total de 40,2% da população brasileira em Montreal. Nesta lista Plateau-Mont-Royal (12,7%), Ville Marie (9,9%), Verdun (9,0%) e Villeray–Saint-Michel–Parc-Extension (8,6%) aparecem como bairros de residência dos entrevistados (MIFI, 2019). Cruzando com os dados do censo podemos perceber o padrão de preferência dos migrantes pelos grandes centros da cidade, um padrão observado inclusive na população total da cidade.

Ainda não se tem dados suficientes para precisar o porquê de certos padrões nas cidades de origem dos migrantes, como também não se sabe quando as relações entre Brasil e Quebec tiveram início. Uma hipótese que podemos formular a partir das referências está nos interesses comerciais das duas nações, pelo comércio entre eles e pelo fato da transferência do Escritório de Imigração de Quebec para São Paulo em 2008. É junto com esta mudança de estratégia na política externa, como dito anteriormente, que é registrado um aumento da população brasileira.

Este evento marca um ciclo de mudanças no fluxo migratório que vinha a passos lentos e com pouca presença de brasileiros (Heitor, 47 anos). Como veremos adiante, é observado um paralelo entre as ações governamentais, instituições de ensino, público e privado, bem como relações comerciais entre os governos que possibilitaram o crescimento do contingente de brasileiros. Além destes fatores, a interação entre os brasileiros também foi uma importante forma de promoção da imigração como uma oportunidade aos brasileiros.

Veremos também como os contatos e interações dos migrantes com outros membros da rede foi de grande valia para a decisão de migrar. Nestes casos, a migração não era uma via adotada para fugir do país natal, mas sim uma possibilidade de ascensão na carreira e de melhor qualidade de vida. Na decisão de migrar vários fatores são colocados sob análise, inclusive o perfil de Montreal.

No caso de Montreal, a questão linguística é um importante elemento da decisão sobre a metrópole já que é nesta região a maior concentração da comunidade anglófona. Em Montreal, o brasileiro tem a possibilidade de utilizar o inglês como opção no trabalho, no comércio e na vida social, mas sem desconsiderar o uso indispensável do francês.

Nas seções seguintes iremos analisar quais as argumentações que poderiam explicar a presença dos brasileiros em Montreal e também do seu aumento nos últimos 14 anos. Elementos econômicos são importantes na análise, mas o papel das instituições se sobressai destacando o papel do Estado na manutenção do fluxo. Através deste resultado podemos compreender que a ampliação do fluxo na verdade foi o resultado de um projeto conjugado entre ações governamentais e interesses individuais

5.1.1 As conexões entre Brasil e a Grande Montreal

No conjunto das províncias canadenses é o Quebec que ocupa posição de destaque nas exportações brasileiras, um elemento a mais para entender o interesse da província no Brasil. Segundo o Ministério da Economia e Inovação (2018), em 2017 o total comercializado representava 44,5% do volume das trocas entre Brasil e do Canadá, o que configura o Brasil como o principal parceiro na América Latina ocupando a 10ª posição em todo o mundo (MEI, 2018). O interesse comercial da província no Brasil tem posicionado o Quebec como uma parceria importante, com resultados que também englobam o aumento do fluxo migratório. As possibilidades de negócios com o Brasil também podem ser consideradas como fatores para a permanência do escritório de imigração.

Além de ter sucesso no aumento do volume de imigração, a presença do escritório do governo de Quebec no Brasil também atraiu a atenção de empreendedores interessados em investir no Brasil e vice-versa. Na primeira década de atuação, o BIQSP atendeu por volta de 300 empresas de Quebec interessadas no Brasil e realizou cerca de 50 missões comerciais em Quebec (AUN, 2018). Nestes 10 anos de atuação do BIQSP é possível interpretar o

estreitamento dos laços entre origem e destino como um resultado do sucesso da política externa da província que também o qualifica como um destino para a emigração brasileira. Além de atuar como ponte na relação econômica entre Brasil e Quebec o escritório foi um importante ator na promoção da imigração.

O BIQSP atuou fortemente na difusão da migração como uma oportunidade de mudança de vida. Segundo 4 entrevistados de nossa pesquisa, a palestra servia para explicar o processo de imigração, apresentar a cultura e a sociedade de Quebec, mencionar sobre os parâmetros de seleção, e tirar dúvidas relativas a migração. Dentro destes casos ir à palestra de informações do governo de Quebec era uma das primeiras etapas no processo migratório, na qual as informações obtidas permitiam aos brasileiros conhecerem melhor o percurso até se estabelecerem. As palestras constituem um importante recurso na fase pré-migratória onde era possível conhecer outros candidatos, ampliar as redes de contato e encontrar apoio mútuo.

Citando um dos casos, a possibilidade da migração veio a conhecimento da Ana por um amigo de graduação. Ana mencionou que foi através da indicação de um colega de universidade que ficou sabendo sobre a palestra de informação do governo, ela e seu ex-companheiro seguiram nas etapas necessárias junto ao BIQSP e aplicaram para a residência permanente (Ana, 36 anos). Segundo ela, participar das palestras permitiu ter maior conhecimento sobre Quebec e, ao mesmo tempo, conhecer outros brasileiros no mesmo contexto. As palestras do BIQSP além de transmitir informações sobre a província também possibilitava a ampliação das conexões sociais.

Além do BIQSP, as parcerias firmadas entre universidades brasileiras e do Quebec conectam origem e destino ao fazer intercâmbios por meio da ciência e, ao mesmo tempo, são uma porta de acesso dos brasileiros à sociedade quebequense. No caso do Lucas, o que trouxe Montreal para o radar de possibilidades quando ele pensou em estudar fora foi ter sabido da trajetória de sua antiga companheira na McGill (Lucas, 30 anos). Mesmo que outros elementos façam parte da tomada de decisão, saber de outro brasileiro a realidade no local de destino facilita a análise dos riscos e possibilidades.

Além disso, as parcerias da província com universidades e escolas de idiomas no Brasil também podem ser consideradas como elementos importantes no percurso migratório. Com o início das atividades do governo de Quebec no Brasil muitas parcerias foram firmadas buscando ampliar e difundir as possibilidades de estudo e profissionalização que a província oferecia. O resultado de ações da política externa em diversos países resultou em uma evolução marcante nas permissões de estudo e trabalhadores temporários em mais que o dobro entre 2009 e 2018,

sendo a mais marcante em todo o cenário da migração para a província (MIDI, 2019a). Através dos programas de estudo em diferentes níveis de qualificação o brasileiro pode conhecer a realidade da vida em Montreal e usufruir das facilidades dos programas de imigração.

As instituições de ensino de idiomas também podem ser entendidas como uma importante conexão, atuando no contexto pré-migratório como uma ponte para Quebec. Um exemplo é o relato de Diego que teve contato com o marketing da imigração e participou das palestras de informação do BIQSP nos espaços da Aliança Francesa (Diego, 2020). Seja quando são apresentados diferentes aspectos das nações francófonas ou também em ações conjuntas com o BIQSP as escolas facilitam o entendimento da cultura, do mercado de trabalho bem como permitem que conexões sociais aconteçam. Desta forma, as escolas de idioma são uma importante representação da conexão entre origem e destino à medida que auxiliam na compreensão da cultura da sociedade e dos temas ligados a migração.

Podemos dizer também que as próprias escolas de idiomas alinham entendimentos e preparam o aluno para a migração ao passo que estão conectadas com a cidade de destino. Exemplificando com o caso da escola Centre Québec, Almeida comenta que lá eram ministradas palestras de informação do BIQSP que tinham o intuito de transmitir aspectos objetivos e subjetivos da migração (ALMEIDA, 2015). Além de servir como uma facilitadora para a realidade no Quebec, através dela circulam conhecimentos relativos a migração que agregam no percurso migratório. Diante disso podemos compreender as ações da escola à luz da política imigratória, sendo um importante agente propulsor da imigração.

5.1.2 Montreal como destino: a escolha dos entrevistados

Desde o país de origem a rede se manifesta como um recurso que concede suporte para a tomada de decisão na migração. Como foi visto nos relatos desta pesquisa, é também por meio destas trocas que o brasileiro também pode ter conhecimento da migração como uma possibilidade e a ser motivado a seguir adiante com o projeto. Além disso, poder contar com a experiência de outros seria uma oportunidade de acessar a realidade no destino e assim decidir com mais assertividade se migrar é uma opção viável bem como o melhor caminho a seguir. Os relatos dos entrevistados trazem importantes contribuições para entender como as informações que permeiam a rede são valiosas na decisão de migrar.

Este foi o caso do Diego que descobriu a possibilidade de migrar para Quebec a partir de uma conversa no curso de francês na Wizard. Diego tem 37 anos e no momento da entrevista contabilizava 12 anos de residência em Montreal. Ele conta que ficou sabendo de Quebec quando um colega de sala comentou ser a imigração o motivo de estar fazendo o curso (Diego, 37 anos). Logo que saiu desta escola, Diego procurou a Aliança Francesa para continuar os estudos e lá teve contato com o tema outra vez ao encontrar um panfleto que dizia “você quer imigrar para o Canadá francês?”. Disposto a seguir com o plano, Diego buscou mais informações sobre a migração na internet e no BIQSP.

O caso da Laís é bem exemplar, ela possui um visto de estudo e reside em Montreal desde 2018. A ideia de migrar veio através de um casal de amigos de longa data que eram vizinhos do apartamento da família no Recife,

Então, esse meu casal de amigos é o Bruno e a Márcia, a Márcia veio estudando e Bruno veio com o visto de trabalho atrelado ao dela. Foram eles que inspiraram todo mundo. Ela estuda na LaSalle, faz computação. Meu irmão se empolgou e convenceu a esposa dele, fez a mesma coisa. Minha cunhada veio para fazer curso de moda aqui e meu irmão trabalhando. Eu ainda estava fazendo o curso, então esperei me formar e quando me formei no mesmo ano vim para cá (Laís 28 anos).

A decisão da Laís em migrar teve como suporte o casal de amigos que tinha contato e o irmão que decidiu migrar antes. Além de trazer a possibilidade de migrar para o Quebec o casal de vizinhos também foi um recurso para definir a estratégia a ser utilizada pela família da entrevistada (Laís, 28 anos). Embora neste sentido a rede possa ser uma vantagem há que se considerar também os constrangimentos que ocorrem pela sua existência. Ainda com o relato da entrevistada é interessante observar como a decisão de migrar para Quebec foi uma estratégia familiar.

No caso da Laís, morar em Montreal não era sua escolha inicial, mas constrangida pelos seus laços familiares seus interesses pessoais tiveram de ser redefinidos em função do projeto da família. Tal como aponta a entrevistada na citação abaixo, seu interesse inicial era Vancouver, mas as negociações com os pais levaram-na a escolher Montreal

Porque na verdade eu sou louca por Vancouver, eu queria. Quando eu voltei de Vancouver, disse “eu quero voltar pra Vancouver”. Eu botei na cabeça que queria ir para o Canadá, mas aí ficou financeiramente muito difícil. Bruno e Márcia foram para o Quebec, estava tudo bem lá, tudo dando certo, aí o Antônio endoidou também, meu irmão né “eu também vou para lá”. Encheu o saco. Eu dizia: “mas eu quero ir pra Vancouver”, mas minha mãe disse “você vai pra Quebec porque seu irmão está lá”. Aí, fazer o que né? Não tenho dinheiro.

A opção adotada como uma estratégia familiar pode ser entendida como um constrangimento da rede. Neste exemplo, para evitar riscos, reduzir custos e trazer segurança para a família no Brasil o destino deve que ser alterado. O constrangimento, na análise de redes, se refere a uma mudança das preferências pessoais, padrões de comportamento e opiniões individuais pela interação com a rede (FAZITO, 2010). Por pertencer à rede, o migrante teria uma importante fonte de recursos para auxiliá-lo na trajetória, mas ao mesmo tempo pressupõe uma adequação as normas e códigos de conduta subjetivos que fazem parte da rede.

Diferente do caso anterior, o relato da Maria demonstra uma rede pessoal ainda mais desenvolvida. Antes de mudar para o Canadá a entrevistada já tinha familiares que viviam em Montreal: uma prima casada com um canadense, outro primo que está estudando enquanto a esposa trabalha, e outra prima aguardando a residência permanente (Maria, 28 anos). Além destes, há também a presença de pessoas de outra parte da família que já vivem há muitos anos em Quebec, inclusive com filhos no Canadá. Contudo, ainda que os familiares estivessem estabelecidos, a decisão inicial da entrevistada era Calgary, na província de Alberta.

Foi devido a presença de diversos familiares em Montreal e as conversas com eles que a fizeram reconsiderar a decisão de morar em Calgary. Nas palavras da entrevistada,

Na época em que o meu processo estava rolando em Calgary para eu ser aceita lá eu recebi a minha prima que mora aqui [em Montreal] com o marido dela que é canadense, lá em Curitiba. A gente conversou muito, foi uma combinação de coisas: o fato da importância da família e [que] a gente tinha um bebê pequeno. O marido dela também trabalha em uma área similar ao que meu marido fazia no Brasil. Foram alguns pontos que começaram a pesar para a gente, na verdade foi mais um convite para abrimos a cabeça para o Quebec. Quando eu fiz isso, começamos a fazer a pesquisa e ver como eram os custos de vida aqui, e a gente viu que comparando Montreal com Calgary era muito mais acessível (Maria, 28 anos).

O contato com a realidade que a aguardava em Montreal bem como a presença de uma rede de apoio fez com que o destino fosse alterado. As informações e a ajuda mútua, disponíveis no interior das redes, são também motivos principais para a decisão de migrar.

5.1.3 Os caminhos no percurso migratório

Dentre os brasileiros que migraram através do BIQSP é comum no relato dos entrevistados a questão da facilidade na seleção e no recrutamento. No período em que o escritório de imigração esteve ativo em São Paulo a migração era facilitada e as exigências

menos rígidas se comparadas aos programas de imigração atuais. Podemos observar isso através do relato de uma entrevistada,

[...] eu e meu ex-marido viemos como profissionais, viemos com CSQ [*Certificat de Sélection du Québec*] na mão os dois, já estávamos a caminho da cidadania e já podíamos arrumar emprego. Hoje em dia não é mais assim. (Ana, 36 anos)

As exigências para a seleção no Brasil envolviam qualificação profissional, conhecimento no idioma e da cultura de Quebec e uma reserva financeira para os primeiros meses de instalação. Nas palavras do Diego,

O processo era mais fácil, eles não exigiam nível universitário, o francês que eles exigiam era 100h e não precisava passar por nenhuma prova como eles pedem hoje. Eu vi a possibilidade porque no começo eu tinha essa ideia de querer morar no Canadá, querer morar em Quebec não tinha esse objetivo fixo (Diego, 37 anos).

Embora houvesse uma lista de pré-requisitos eles eram maiores na teoria do que na prática, uma vez que o candidato demonstrasse competências profissionais e um mínimo conhecimento no idioma. Como diz Ana (36 anos), “era outro tempo, era uma grande janela aberta que eu não sei se voltaria”.

Nesta opção de visto a escolha do programa acontece pelo alinhamento do perfil do migrante e também pela consideração do caminho de maior possibilidade de sucesso, ou seja, aquele que terá um caminho possível até a residência permanente. Levando em conta a rede como um diferencial, o caso do João (32 anos) descrito abaixo exemplifica bem como o relato da trajetória de um brasileiro o levou a encontrar uma ótima oportunidade para migrar.

Teve uma entrevista com um rapaz brasileiro, que é professor no College Dawson, ela [a ex-companheira] assistiu o vídeo e falou “acho que é possível a gente ir estudando ao invés de tentar imigrar trabalhando, e aí estudando a gente até tem mais chance de arranjar emprego porque pelo menos você fez os estudos lá”. E foi bem isso que a gente fez. [...] eu lembro que quando a gente fez não tinha muita gente que tinha feito. Era quase que uma novidade sobre um novo jeito de chegar no Canadá. E é um jeito que também é muito bom para casal né, porque permite que uma pessoa estude e a outra trabalha ao mesmo tempo. Porque se não chega a ser quase proibitivo por conta do custo, é muito caro você vir aqui sozinho estudar e trabalhar (João, 32 anos).

Durante a pesquisa do migrante sobre os programas disponíveis torna-se um valioso recurso o compartilhamento da trajetória de outros brasileiros mesmo que estes não tenham um vínculo direto. Tal como o João, é unânime entre os entrevistados o uso da internet para encontrar informações sobre como migrar, auxiliando na formulação da melhor estratégia de formas diferentes para cada caminho citado. Assim como ele os demais entrevistados também fizeram o mesmo, buscaram histórias de sucesso e informações de como se preparar.

Diferentemente da seleção feita pelo BIQSP, a migração através dos programas de imigração necessita de uma estratégia específica. A seleção pelo escritório de imigração garantia o Certificado de Seleção do Quebec desde o Brasil, ou seja, concedendo o status permanente antes de chegar em Montreal. De uma forma mais burocrática, os programas provinciais exigem que o migrante trabalhe ou estude por algum tempo, e somente após preencher os pré-requisitos poderá aplicar para a residência permanente.

Como dito anteriormente, as ações de difusão do BIQSP se configuravam como uma porta de entrada ao projeto migratório de Quebec. Entre os entrevistados desta pesquisa 4 participaram das palestras (Ana, Diego, Gustavo e João), e mencionaram a importância da participação para a decisão de migrar. Os entrevistados saem da palestra com informações sobre o processo de aplicação, conhecendo um pouco mais da realidade da província e com novas conexões de brasileiros que tem o mesmo plano de migrar.

No caso da Ana, ao frequentar o BIQSP ela tomou conhecimento de outros brasileiros que também almejavam viver no Quebec. Estar naquele contexto possibilitou a conexão com outros brasileiros que futuramente se encontraram em Quebec (Ana, 36 anos).

5.2 BRASILEIROS E A INSERÇÃO NO DESTINO: OS RECURSOS ORIUNDOS DA REDE

As ações do governo quebequense através da política migratória nos permitem categorizar a imigração de brasileiros em dois grupos. Apoiando-nos nas análises de Kulaitis (2013), Almeida (2015) e Castilho (2017), bem como nas entrevistas, observamos que a imigração de brasileiros para Montreal se dá em duas vias principais: como resultado das ações do BIQSP e pelos novos programas provinciais de imigração. A inserção no destino acontece de formas diferentes a depender do status legal, do período de chegada e do acesso a rede. Nos primeiros momentos em Montreal podemos dizer que o status migratório do brasileiro tem grande importância influenciando, inclusive, o caminho até a residência permanente.

Em cada via utilizada são necessários diferentes pré-requisitos e estratégias de adaptação específicas. Por exemplo, quando o recrutamento acontece no país de origem o título de residente permanente é concedido ao indivíduo ainda no Brasil, enquanto pelos programas provinciais de estudo e trabalho o processo leva mais tempo e exige permanência em solo quebequense. Isso quer dizer que o acesso a alguns serviços de saúde, educação, segurança social e oportunidades de trabalho apenas estão disponíveis de modo acessível e diferenciado para aqueles que já alcançaram o status de permanente. Com o fim de se integrar melhor em Quebec tal ponto é considerado quando os brasileiros formulam o projeto da migração, escolhendo o caminho legal com maior possibilidade de sucesso.

No plano ideal, uma vez que o migrante obtém o visto sua inserção no mercado de trabalho está garantida, afinal ele foi aceito pelo governo federal com sua formação e experiência profissional reconhecida, certo? Na verdade, não funciona bem assim, em solo canadense é exigido do migrante a experiência canadense e a vinculação a uma ordem (em alguns casos). Se houver uma ordem que regulamenta a profissão – por exemplo, é o caso da área da saúde, engenharia e direito – é necessário que haja uma certificação para exercer a profissão. Equivalência de diploma, estágio, concursos, sem comentar o investimento financeiro, impedem o migrante de trabalhar na sua área de formação.

Nos diferentes caminhos citados e nas etapas que os compreendem até alcançar a residência permanente ou a cidadania canadense percebemos que a rede é acessada por todos. Quanto maior a insegurança sobre o fluxo mais são necessárias interações com a rede para que o migrante tenha um percurso de sucesso. Considerando isso, o relato de outros migrantes que trilharam o caminho, as dicas e oportunidades que são oriundos deste contato auxiliam desde o processo de decidir migrar até a inserção no destino.

Partindo da premissa da rede, analisaremos os dados dos entrevistados buscando entender como a rede se amplia à medida que as interações sociais acontecem, sua existência configura-se como um recurso para os brasileiros que se fixam em Montreal. De uma forma interligada, os laços sociais tornam-se uma fonte de recursos tangíveis (envio de remessas e empréstimos) e intangíveis (oportunidades, moradia, doações, ajuda mútua etc.) que auxiliam nas diferentes fases do projeto migratório (SOARES, 2002).

Observamos nos relatos dos entrevistados que estavam com visto de estudo uma estratégia familiar para dar sustentação ao projeto. Nos relatos de João, Laís e Maria é comentada a associação entre parentes para sustentar o projeto financeiramente, seja de forma direta como é o caso da Laís e de sua cunhada que receberam o curso em um *college* como

presente; ou indireta, como o caso do João, que vendeu seu carro para o sogro e assim pôde pagar seus estudos. Nos dois exemplos a estratégia familiar foi fundamental para a sustentar o projeto financeiramente. A ausência de recursos como esse é sentida e comentada por Ana e Diego, demonstrando o privilégio daqueles que podem dispor deste recurso em sua rede de suporte. Seja pelo recrutamento na origem ou pelo programa provincial, é necessário que o migrante comprove que tenha condições de se sustentar no Quebec, sendo fundamentais os recursos financeiros para conseguir o visto.

Ao migrar, o indivíduo recorre aos laços familiares para compartilhar os perigos e dificuldades da vida, como também compartilha informações e auxilia aqueles que tem a mesma vontade de migrar ou que já estão fora do país (MASSEY, 1987; TILLY, 1990). Com isso, a rede facilita a ampliação do fluxo migratório a medida que o torna mais conhecido, seguro e assertivo por meio do compartilhamento de experiências individuais e pela rede de entajuda.

Pelo caminho dos programas de imigração de Quebec, o processo de seleção acontece de modo diferente e tem critérios de seleção mais rigorosos. Geralmente, o primeiro passo envolve uma oportunidade de trabalho ou um curso de nível superior que pudesse conceder um visto temporário de trabalho ou estudo. Para conseguir o visto temporário o brasileiro precisa comprovar o alinhamento com os pré-requisitos de cada programa, sendo a maioria deles: qualificação profissional, competência no idioma e condições financeiras para se sustentar (QUEBEC, 2021). Diferente do caso dos brasileiros recrutados na origem, o caminho por meio dos programas de imigrantes qualificados torna-se mais complexo.

Os dois programas se associam em uma problemática logo na chegada em Montreal. Mesmo que o brasileiro tenha sua formação e experiência profissional reconhecida ele enfrenta complicações para conseguir o primeiro emprego, sobretudo quando a profissão está submetida a uma ordem profissional. Para exercer a profissão no Canadá o brasileiro precisa entrar com um pedido de validação do currículo, realizar uma prova, além de estágio e possível formação complementar. Tal processo é custoso e envolve grande investimento financeiro e de tempo, na maioria das vezes levando a desistência do processo.

Mesmo nos casos em que não há ordem profissional, o brasileiro mal chega a realizar entrevista. A entrevistada Ana relata justamente este desafio, levando-o a retornar aos estudos para ter um diploma canadense.

“Quando cheguei aqui tentei procurar emprego como geógrafa, não sabia exatamente o que faziam os geógrafos aqui mas aí falei "ah, vou mandar o meu currículo e ver o que acontece" nunca recebi uma resposta. Primeiro porque meu nível de francês era muito baixo, eu não era fluente. Na verdade, eu não falava quase nada, pensei em abandonar tudo e fazer o curso de chef, virar cozinheira. Depois abandonei isso e voltei a estudar, eu comecei a fazer um mestrado aqui na área de geomática, que é o que eu queria fazer quando terminei o mestrado na UFSC. Eu acho que a principal coisa que faltou foi não ter uma rede de contatos, não conhecendo ninguém é muito difícil arrumar um emprego aqui.” (Ana, 36 anos).

Infelizmente relatos como este são bem comuns, fazendo com que muitos migrantes desistam de sua área e mudem completamente. Foi assim com Gustavo, João, Laís e Maria que mudaram completamente sua área de trabalho.

A conversão profissional acaba sendo uma estratégia utilizada para a inserção no mercado de trabalho. Aqueles que podem se especializar mantendo a sua área, como foi o caso da Ana, conseguem utilizar sua formação do Brasil e complementar com um diploma canadense. No entanto, muitos optam por recomeçar e por vezes adotam empregos que não aproveitam nada da sua formação, como é o caso do Gustavo que é doutor em linguística e agora trabalha como atendente; ou da Laís, que é graduada em letras e agora é cuidadora de crianças.

Para driblar essa condição, uma estratégia utilizada é o curso técnico em um *college*, como um caminho para conseguir um diploma canadense com menos custo. João, Laís e Maria seguiram este caminho e investiram em um curso técnico, no entanto, somente João estava melhor posicionado no mercado de trabalho no momento da entrevista.

Foi interessante notar que no caso do Heitor, doutor em física computacional, não existiram muito obstáculos. Ele demonstra em seu relato que teve um caminho profissional muito tranquilo, com todas as suas certificações reconhecidas. Diferente das formações tradicionais que exigem a vinculação em uma ordem profissional, no caso da área de tecnologia não existem ordens profissionais. A inserção profissional do Heitor foi a melhor entre todos os entrevistados, sendo ele o único a se inserir rapidamente sem a necessidade de reconversão profissional ou então de mais qualificações.

Veremos nos tópicos a seguir algumas das diferentes nuances ocultas no percurso imigratório, revelados a partir das experiências individuais. Os recursos oriundos da rede foram capazes de conduzir o migrante por outros caminhos, minimizando custos, acelerando

processos e trazendo uma série de benefícios. Pudemos observar que, de fato, contar com o apoio (financeiro ou não) durante a migração é um diferencial marcante.

5.2.1 Formas de circulação das informações

Neste tópico analisaremos como a ajuda mútua no contexto da comunidade de brasileiros foi importante nas suas trajetórias. Nas mais diferentes etapas do percurso, as relações sociais demonstraram ser fonte de importantes recursos para o projeto de migrar, até mesmo entre os vínculos não tão fortes quanto familiares ou amigos de longa data. Tal como pode ser visto no relato da Maria abaixo, a solidariedade entre os migrantes mesmo que desconhecidos.

Quando nós estávamos incertos sobre vir para cá ou não, a minha prima no processo dela de tentar convencer a gente a vir para cá [Montreal]. Ela passou meu telefone para uma amiga dela que tinha um estilo de vida um pouco similar ao nosso, que tinha filha pequena e também não falava o francês. Eu troquei muito com ela e me ajudou a ver que era possível (Maria, 28 anos).

O contato com outros brasileiros em condição similar a sua permitiu que a entrevistada tivesse um panorama mais realista do que a aguardava no destino. Considerando todas as informações a que teve contato, decidir morar em Montreal tornava-se o caminho com maior probabilidade de sucesso.

Também é visto no relato do Heitor a importância das conexões com outros migrantes e inclusive de nativos. Ter a possibilidade de conhecer o contexto que aguarda o migrante atribui maior segurança na decisão de migrar. Segundo o relato do Heitor, ter conhecido vários brasileiros que emigraram para Montreal e nativos permitiu que ele tivesse conhecimento do que o aguardava (Heitor, 47 anos). Com este recurso, ele pôde tirar suas dúvidas sobre como é a vida em Montreal e assim melhor se preparar para a migração. As relações próximas que o candidato possa ter o auxiliam de inúmeras formas no destino.

Podemos dizer que a presença de contatos no destino permite ao migrante uma decisão mais assertiva e uma gama de possibilidades de inserção no destino. Nos três casos citados até

agora, foi possível observar o apoio à inserção logo nos primeiros momentos de instalação, propiciados pelas conexões da rede:

Nossa, a gente teve uma chegada muito privilegiada aqui. Eu cheguei e a minha prima já tinha alugado um apartamento para mim, já tinha achado uma creche para a minha filha. Várias amigas dela tinham doado uma cama, mesa, coisas assim para a gente. Chegamos e ficamos 30 dias na casa da minha prima até o apartamento que a gente ia entrar se liberar. Nesse quesito de moradia a gente recebeu bastante ajuda desse núcleo e de outros brasileiros também que ela [a prima] já tinha amizade (Maria, 28 anos)

Meu irmão já estava aqui há um ano, eu vim para morar com ele. [...] Casa pronta, quarto separado, minha cama feita. Era só chegar, tomar banho e dormir. E a gente tem também um monte de casal de amigos também de Recife que moravam no nosso prédio e que eu conheço desde que eu tinha doze anos de idade. [...] A gente já chegou com um sistema de suporte, o que é uma vantagem. Foi ótimo, eu tive um começo muito bom (Lais, 28 anos).

[...] quando eu cheguei aqui eu fui trabalhar inicialmente com um amigo meu que estava em Toronto. Ele tinha uma empresa de consultoria e dava consultoria de informática para empresas do Canadá e dos Estados Unidos, quando eu cheguei ele disse "eu vou te contratar para você ter a famosa experiência canadense" (Heitor, 47 anos).

Com uma rede pessoal consolidada, as etapas do percurso migratório podem ser facilitadas, tanto por ter acesso a informações quanto pela ajuda mútua entre os membros da rede. Os relatos acima demonstram que as conexões sociais são um recurso importante no percurso migratório, por vezes facilitando a inserção e concedendo maior acesso a informações.

Do contrário, a ausência de uma rede de conexões também é sentida no percurso migratório. Este é o caso, por exemplo, de dois entrevistados que chegaram em Montreal anos antes e não tinham uma rede de apoio.

Meu filho nasceu 3 meses depois que eu cheguei. [...] Depois que ele nasceu eu não tinha lugar numa creche e tinha que esperar ele ter seis meses para ele ir e eu poder fazer alguma coisa. Nesse período não tinha o que fazer, não tinha ajuda. Poderia ter algum grupo comunitário, mas eu não conhecia. Não procurei também, não tinha conhecimento de nada que estava acontecendo. [...] Teve a questão de ter filho pequeno mais a condição de estar em outro país. Eu também tive depressão pós-parto e não tinha a minha família. Foram várias coisas no percurso e também de

frustração profissional que acabou puxando[...] não é fácil. Principalmente sobre a saúde mental, a questão falta de ter uma rede de suporte e também o frio (Ana, 36 anos).

No caso do Heitor, desde a universidade ele já tinha conhecidos no Canadá. Antes de migrar, o entrevistado já tinha contato com pesquisadores e professores que já eram considerados cidadãos canadenses que possibilitaram-no ter uma melhor compreensão da realidade no Canadá (Heitor, 47 anos). Quando o migrante possui conexões sociais com indivíduos que estão ou já estiveram no Quebec pode contar com o apoio durante o seu percurso migratório. Conhecendo a realidade que o aguarda no destino o migrante pode ser mais bem preparado para enfrentar os desafios e pode contar com o apoio de quem vivenciou o processo ou que conhece muito bem a realidade no destino.

Os brasileiros em Quebec ainda são um grupo de imigrantes pouco visível na sociedade de acolhida e carecem de instituições que os representem. Na pesquisa de Almeida (2015), os brasileiros em Quebec se organizam de forma rudimentar utilizando principalmente as redes sociais online como forma de articulação nas fases pré e pós migratória (ALMEIDA, 2015). De acordo com ela, pela inexistência de uma organização específica voltada aos brasileiros outras instituições são utilizadas como forma de obter apoio na inserção à sociedade de Quebec. Dessa maneira, os imigrantes recorrem ao seu capital social e a rede de outros imigrantes para conseguir ter acesso a possibilidades nas diferentes fases do percurso migratório

A principal forma de circulação das informações é pela internet, utilizada como principal forma das trocas entre origem e destino. Considerando nossas entrevistas e as observações de outros pesquisadores podemos dizer que a comunidade de brasileiros em Montreal ainda é desorganizada (PRÉVOST, 2011; ALMEIDA, 2015; CASTILHO, 2017; ANCHISES, 2018). Pela ausência de uma entidade que represente os brasileiros enquanto comunidade migrante é a internet a sua principal forma de organização de mais brasileiros em todo o percurso da migração. Além das redes sociais, as instituições religiosas e de ensino cumprem um importante papel neste fim.

No caso das instituições religiosas podemos encará-las como uma forma de organização rudimentar da comunidade. No exercício da fé os brasileiros usufruem das vantagens que as conexões sociais com aqueles que compartilham de uma mesma crença religiosa podem oferecer (ALMEIDA, 2015). No contexto religioso, conexões interpessoais e de confiança se criam tendo como base uma mesma ética religiosa possibilitando o acesso a recursos

importantes para o processo migratório diretamente com quem já vivenciou o processo. Nas igrejas e centros espíritas presentes em Montreal, o brasileiro pode exercer sua fé como no Brasil e ainda criar laços com conterrâneos e com outros migrantes e nativos.

Para lidar com a ausência de uma organização oficial de brasileiros voltada a questões de imigração o brasileiro recorre a experiências compartilhadas de outros migrantes para construir seu projeto. Como uma alternativa e medida estratégica, os migrantes usam da internet (sites, listas de e-mail, blogs, e grupos nas redes sociais) para se conectar com outros brasileiros presentes em Montreal (ALMEIDA, 2015; ANSHISES, 2018). Além disso, é por meio da internet que o brasileiro mantém contato com os familiares e amigos que estão no Brasil, sendo ela um recurso para vencer a distância cultural e emocional do país de origem. Neste ponto de vista, servindo para definir o melhor caminho a seguir, para superar desafios no destino, como para lidar com a falta e a saudade.

Dessa forma, as comunidades online atuam como uma ferramenta útil na organização do fluxo. É com isso que o migrante mobiliza seu capital social e o desenvolve à medida que entra em contato com outros em contexto migratório (ALMEIDA, 2015; ANCHISES, 2018). Estas redes se tornaram também um registro das informações que servem de base de dados e estão sob atualização frequente. Com o uso, as perguntas e respostas passaram a ser consideradas como uma fonte paralela e complementar as fontes oficiais (ANCHISES, 2018).

O que circula nos grupos envolve questões do cotidiano em Montreal, mas também é repleta de informações sobre a imigração. Além de servir como uma plataforma de anúncios de locações, vendas de objetos usados, doações, também auxilia para recomendações de serviços, conselhos, experiências sobre a vida em Montreal (ANCHISES, 2018).

Para Almeida (2015), os brasileiros no Quebec são uma diáspora que utiliza de novas tecnologias de informação e de comunicação como um meio de organização, mesmo que informal; de exercício da solidariedade no meio do grupo, em uma dinâmica de ajuda mútua e como um meio de manter os links com o país de origem

5.2.2 A solidariedade no contexto da rede

Ao se conectar a outros brasileiros em Montreal, uma série de benefícios e possibilidades se apresentam ao migrante por meio da rede. Desde a troca de informações sobre a vida na cidade, a doação de objetos ou até mesmo indicações de trabalho e moradia são elementos que auxiliam os recém-chegados. Aquele que reside em Montreal pode fornecer

informações importantes e indicações sobre a vida no destino quando relata sua experiência, os desafios e como foram superados já em solo canadense. Uma vez que o brasileiro desembarca em Montreal ele busca contatos para compreender e pôr em prática estratégias de sobrevivência no destino.

Ter uma indicação para trabalho e moradia é um diferencial que ajuda na inserção. Segundo comentam os entrevistados Ana, Heitor, João, Laís e Maria a amizade com outros brasileiros rendeu mais do que momentos de compartilhar a cultura, deles surgiram: oportunidades de trabalho, indicações de moradia, novas amizades e favores com ambas as partes sendo beneficiadas. Há também aqueles que tem a interação mínima, como é o caso do Gustavo e Lucas, que se restringe a publicações nos grupos de redes sociais e a indicações de locais e serviços. Nestes relatos, os entrevistados mencionam preferirem certo distanciamento dos brasileiros, inclusive comentam já ter saído do Brasil desejando interagir com nativos e migrantes de outras nacionalidades.

De modo contrário, entrevistados como a Ana, Diego, João, Heitor, Laís e Maria gostam de estar na companhia de outros brasileiros. Mantendo, inclusive, hábitos que possuíam no Brasil como o churrasco e o futebol. Os entrevistados mencionam não ser frequente, mas sempre que possível eles se reúnem com outros brasileiros e demais imigrantes. Como podemos observar, não é unânime entre os brasileiros o mesmo posicionamento, como conterrâneos a maioria deles preferem exercitar a sua cultura e o idioma bem como se entrelaçam nas questões ligadas a migração.

Assim que chegaram no Quebec alguns deles, tais como a João, Laís e Maria puderam contar com recursos que auxiliaram na sua integração, seja pela indicação de trabalho, moradia ou educação. Identificamos nesta análise que a solidariedade entre os brasileiros foi de fato um elemento importante na trajetória de alguns brasileiros, inclusive com importância similar a família. O relato de Laís exemplifica um pouco sobre a ajuda mútua entre os brasileiros, sobretudo em momentos de grande fragilidade emocional e psicológica.

Olha, eu criei uma família aqui, viu. Eu passei por um perrengue muito grande. A minha cunhada me expulsou de casa. [...] Aí Graças a Deus eu tenho um casal de amigos, onde fiquei morando durante um mês, já estava procurando lugar para sair. E aí meus amigos foram me buscar, eu já os conhecia faziam anos, fiquei com eles tipo família. A gente tem um grupinho da faculdade, todo mundo fica lá conversando, se junta, faz reunião em casa... E do grupo, claro que existem as pessoas que a gente tem mais conexão né, que no meu caso é a Karina, Patrícia, Marcelo, Andressa, Raquel, Luana (Laís, 28).

Vale destacar que, como originários de um mesmo país, os brasileiros em diáspora compartilham a língua, a cultura e os valores comuns, muitas vezes as mesmas aspirações familiares e profissionais com o processo migratório (PRÉVOST, 2011). Seja pela transferência de informações, pela acomodação, pela ajuda material ou, sobretudo, pelo suporte afetivo, as redes de suporte e apoio são importantes recursos no percurso migratório¹² (PRÉVOST, 2011). A cada novo desafio é iniciada uma busca de informações entre os membros da rede. A partir dela, os brasileiros tem acessos a dicas, conselhos e, inclusive, apoio afetivo ou material tais como o caso citado acima.

Dentre os mais diversos fins, os temas mais citados se referiam a questões de moradia e trabalho. Para citar alguns casos, Ana comentou sobre uma brasileira contratada para um posto na área de formação a partir de uma indicação sua; a Maria comentou sobre o primeiro emprego de seu marido que veio por indicação da vizinha brasileira (Maria, 28 anos); João comentou sobre o grupo de futebol de brasileiros que sempre tem oportunidades de trabalho divulgadas e da brasileira que o ajudou a encontrar moradia; entre outros. O que pode ser visto é a circulação de recursos intangíveis que primeiramente parecem não fazer diferença, mas que na prática essenciais para o sucesso do projeto migratório. A troca com aqueles que ainda se encontram no país de origem também é uma vantagem na formulação do projeto.

Quanto à propagação do fluxo na origem, pudemos observar que em alguns casos tais laços auxiliaram os brasileiros na migração. Segundo Diego, foi a partir das suas dicas e do seu incentivo que hoje outros dois brasileiros decidiram migrar; de outra maneira, a presença de Laís e sua família em Montreal foi o resultado das dicas do casal de vizinhos que viviam no mesmo prédio em Recife. Nos casos relatados percebemos diretamente como o compartilhamento de informações da migração auxilia no fluxo. No entanto, devemos considerar que o principal ambiente de ajuda mútua ocorre na internet por meio dos grupos e blogs.

A solidariedade entre os brasileiros no contexto migratório, expressa pela ajuda mútua, está condicionada ao grau de vínculo. Sem criar conexões sociais, mesmo que em ambiente virtual, o sujeito deixa de acessar a rede e assim não desfruta de recursos oriundos das interações

¹² "No original, "À cet égard, les propos recueillis auprès des quatre autres couples brésiliens rencontrés font écho à cette situation et démontrent à quel point les membres du réseau ethnique fournissent une aide précieuse aux nouveaux arrivants, que ce soit au niveau du transfert de l'information, de l'accompagnement, du soutien matériel, et surtout du soutien affectif." (PRÉVOST, 2011, p. 3, tradução nossa).

sociais. Em outras palavras, a interação entre a comunidade de brasileiros está condicionada às vontades individuais e a abertura do pequeno grupo.

Ser conterrâneo não significa que o migrante irá consolidar um vínculo próximo, mas possibilita ao menos a troca de informações do cotidiano. Por vezes é uma decisão racional não participar de encontros da comunidade em Montreal, mas o que se observa é que mesmo aqueles que escolhem não se relacionar com brasileiros acabam mantendo certo grau de interação nos grupos virtuais.

Mesmo considerando a entreatada dos migrantes brasileiros em Quebec vale a pena destacar que nem sempre há um interesse em se relacionar. O relato do Heitor traz uma noção a respeito disso,

[...] parece que o brasileiro quando está no exterior quer se desapegar dos outros brasileiros, não sei se é só a minha impressão. Eu não sei por que isso acontece com os brasileiros, eu já vi casos que as pessoas escutam outros brasileiros e quando a pessoa fala português eles fingem que não entendem a língua e vão embora. (Heitor, 47 anos)

Talvez seja por uma lógica assim que inexistem associações comunitárias formadas por brasileiros e destinadas a auxiliar os brasileiros recém-chegados. Vale uma reflexão a respeito desta perspectiva.

5.2.3 A noção do retorno

Tomando como referência a definição de Sayad (2000), o retorno seria um dos elementos constitutivos da condição do migrante. Segundo o autor, o migrante quando fora da sua nação é observado enquanto uma presença provisória aos olhos dos nacionais, independentemente de estar estabelecido de forma permanente. Tal lógica advém do fato de que o migrante não é considerado como um nacional, mesmo que ele tenha se tornado cidadão. Afinal, sempre será imigrante no país que o recebe e emigrante de sua origem. Tal concepção mantém o sujeito amarrado a ideia de retorno, mesmo que ele não intencione retornar.

Pensando na ideia de retorno questionamos os entrevistados sobre a possibilidade de voltar a viver no Brasil. De forma unânime todos relataram estar muito bem vivendo na sociedade canadense, a maioria interessados em fixar residência, sendo apenas Lucas o que deseja migrar para outro lugar após os estudos. Tomando como exemplo Laís, mesmo com uma série de problemas de adaptação e saúde ela deseja ficar no Canada, para ela é preferível mudar

de província a mudar de país. Mesmo que o retorno definitivo não seja uma pauta presente entre os entrevistados, é frequente a existência de viagens para visitas em épocas de festas de final de ano e férias.

Nos casos como do Heitor e da Ana, ambos com 12 anos de residência em Montreal, a ideia do retorno é como se fosse uma nova migração. Nas palavras da Ana tal associação fica bem exemplificada “As pessoas que não são muito próximas desconhecem que não há para onde voltar, alguns dizem ‘não passou muito tempo? Tá na hora de voltar!’. Aí você explica que não tem para onde voltar. Até se eu voltasse eu não saberia para qual cidade iria, trabalhar onde...” (Ana, 36 anos). Pensar o retorno no caso dos brasileiros envolve considerar o status legal e o que conecta o migrante a sua origem. Neste fluxo o objetivo não é apenas de acumular patrimônio, mas sim de estabelecer residência de modo permanente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos a emigração de brasileiros para a província de Quebec a realidade é diferente do restante do Canadá, mesmo o país sendo considerado um destino tradicional. Interessados em viver no Canada e alinhados à política migratória provincial, os brasileiros reagiram à chamada e aproveitaram as oportunidades para imigrar legalmente. O fluxo de brasileiros para Quebec é formado por indivíduos que apresentam capital social e cultural requeridos pela política migratória pertencentes, em sua maioria, a classe econômica. Neste fluxo há o predomínio de imigrantes regulares com elevada qualificação profissional que foram recrutados ainda no país de origem ou que utilizaram dos programas provinciais de Quebec.

A presença do Escritório de Imigração em São Paulo pode ser considerada como fato importante para o aumento da emigração de brasileiros para Quebec, inclusive marcando um período da migração. Entre 2008 e 2018 o governo se empenhou para difundir a política imigratória no exterior, os meios utilizados foram: as palestras de informação, propagandas em jornais, programas de televisão, revistas, nas escolas de idiomas e pela internet. A partir deste período foi a implementação de novos programas provinciais que estimulou diversas parcerias comerciais e institucionais, aumentando o interesse dos brasileiros e repercutindo no recrutamento de trabalhadores qualificados. Antes deste período mal se conhecia sobre a província e, após ele, observa-se uma evolução gradual.

Observamos a partir das mudanças significativas geradas pelas alterações na política imigratória, dois perfis muito distintos na migração baseados na condição de visto. No período entre 2008 e 2018, o predomínio do recrutamento na origem, com trabalhadores qualificados que chegaram em Montreal com a residência permanente em mãos. Já no período de 2018 em diante, o predomínio dos programas provinciais, tais como o PEQ e similares, oferecem atalhos aos migrantes com visto de trabalho e estudo para permanecerem no Quebec de modo permanente. Em ambos os casos, a condição de visto implica na reformulação de estratégias para permanecer legalmente no país, interferindo assim no processo migratório. Considerando isso, indicamos uma periodização nos estudos sobre o tema cabendo revisões deste trabalho e dos anteriores face às mudanças na política imigratória.

Podemos dizer que este fluxo de brasileiros ainda é recente, pouco tradicional e principalmente familiar. Observamos o alinhamento do perfil do brasileiro residente em Montreal ao desejado nas políticas de imigração, bem como identificamos que as trocas entre os migrantes são um elemento de grande valia para que o fluxo se mantenha e amplie. Antes

das ações de promoção da imigração entrarem em vigor eram poucos brasileiros que residiam em Montreal. Neste sentido, o suporte prestado por migrantes e nativos, sejam eles conhecidos ou desconhecidos, foram um diferencial importante na trajetória de todos os entrevistados.

De formas distintas, no caminho de cada entrevistado podemos dizer que a rede social da migração possibilitou o acesso a recursos essenciais no destino. As remessas financeiras entre origem e destino para financiar os custos com estudo e moradia, as informações sobre a sociedade quebequense, as oportunidades de trabalho e moradia, as dicas de carreira, são alguns dos recursos que foram acessados pelos entrevistados através da rede. No projeto migratório sai na frente aqueles que dispõem de contatos e tem uma rede mais estruturada para acolhê-los no destino, o que se configura como um divisor de águas na experiência da migração.

Nesta pesquisa não identificamos a existência de instituições comunitárias de brasileiros para brasileiros que tratem apenas dos temas ligados a migração. Na ausência dela, instituições religiosas, outros grupos comunitários de lusófonos, escolas de idiomas, grupos culturais e as comunidades virtuais cumprem um papel de auxiliar os recém-chegados a enfrentar os desafios a adaptação. Embora o consulado esteja presente para representar os brasileiros sua função não ultrapassa questões administrativas. Isso nos permite dizer que a organização da comunidade dos brasileiros ainda é rudimentar, cabendo futuramente realizar uma nova análise para identificar mudanças neste padrão.

Pelo fato recente do fluxo, os brasileiros recorrem com frequência às informações disponíveis na internet para o planejamento da imigração, sendo esta a principal forma de organização da comunidade. As informações oriundas da trajetória de outros brasileiros permitem ao indivíduo conhecer o destino, que ele interaja com outros, que tenha acesso a dicas e assim perceba melhores estratégias para a sua integração dado o fato que inexistem associações comunitárias voltadas somente para estas questões. Neste sentido a internet se configura como o principal ambiente de trocas entre a comunidade migrante e não-migrante, conectando origem e destino. É através deste recurso que os brasileiros constroem novos vínculos no destino e mantêm os seus na origem.

De modo geral, o indivíduo busca desde a origem compreender o destino para tomar uma melhor decisão sobre a migração. É com relatos, dicas e tendo acesso a informações por parte de outros brasileiros que o migrante formula sua estratégia; chegando na metrópole, o contato com outros brasileiros seria uma forma de obter indicações de trabalho, moradia, de construir novos vínculos, de manifestar a sua cultura e identidade. Após estar inserido e adaptado é observado um gesto de reciprocidade para com aqueles que tem o interesse em

migrar, prestando auxílio aos curiosos e recém-chegados em Montreal. No mais, a rede seria uma forma de exercício da cultura e de conexão com a origem, alimentada pelas idas e vindas dos migrantes.

Longe de parecer uma migração com garantia de sucesso, vale destacar que está presente nos relatos dos entrevistados o sentimento de frustração. Entre o momento da saída até alcançar a residência permanente (ou ainda a cidadania canadense) existem uma série de obstáculos que o brasileiro precisa ultrapassar. De modo mais marcante a inserção profissional e a conversão cultural em nome da francofonia, exigem do migrante uma adaptação das estratégias e por vezes condicionam o migrante a uma reconversão profissional. Em mais da metade dos entrevistados (5) foi necessário um retorno aos estudos para obtenção do diploma canadense.

Em um caso específico chamou a nossa atenção: as formações em áreas tecnológicas têm maior aceitação no mercado, independente da origem do diploma. No caso do Heitor – que é doutor em física computacional – observamos uma inserção profissional rápida e muito efetiva, com todas as qualificações reconhecidas. Diferente das profissões mais comuns, as formações ligadas a tecnologia da informação não possuem ordens profissionais, ou seja, eximindo o migrante de uma série de testes difíceis e de valor elevado.

Ainda que o acesso a rede seja um diferencial na migração ela não pode ser enquadrada como pré-requisito na execução do projeto ou como a forma absoluta de interação da comunidade. Cada caso é específico, embora haja recursos oriundos da noção de solidariedade, não é uma exigência que haja participação na comunidade. Por exemplo, para alguns dos entrevistados manter-se atrelado à comunidade é sinal de apego ao Brasil, podendo inclusive gerar um sentimento de repulsa e necessidade de distanciamento. Por acharem estar formando guetos, é que alguns dos entrevistados se distanciam da comunidade preferindo não interagir com a rede.

Os resultados da pesquisa deixam algumas dúvidas para futuros interessados sobre o tema. O emprego da metodologia de redes sociais foi limitado quando se pensa em todo seu ferramental matemático, mas nos permitiu encontrar atores e avaliar a interação entre eles na rede. Concentrando-se na análise de redes egocentradas, buscamos compreender como os brasileiros acessam a rede e interagem em comunidade, sendo assim, não era nosso escopo a possibilidade de análise do predomínio de certos perfis na população total, bem como os principais pontos de saída no Brasil e o padrão por trás deles.

Além disso, dado o volume das informações oriundas das entrevistas, identificamos questões valiosas que poderão ser tratadas em próximas abordagens. As questões de gênero na

migração, dada a sua complexidade e profundidade de interpretação, não foram tratadas nesta pesquisa. Reconhecemos que essa e outras questões que foram levantadas pelos entrevistados não foram incorporadas a análise pela extensão que alcançaria este trabalho. Ao invés de tratar um pouco de tudo, decidimos por tratar de poucos com um pouco mais de profundidade.

Fica como indicação para futuros pesquisadores o debate de temas que se associam a migração. O papel do gênero; a mobilidade da força produtiva; a noção do nacionalismo; cidadania e retorno; os imigrantes ilegais; a territorialização dos brasileiros; a comunidade total de brasileiros; novos fluxos migratórios a partir da rede Brasil-Montreal; entre outros. Além das novas abordagens, ressaltamos a necessidade de retornar a mesma análise em momentos futuros dado ao fato que observamos uma mudança significativa no fluxo migratório após as revisões da política imigratória da província.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCIOLY, Tatiana de Almeida. **A circulação internacional de mão-de-obra qualificada na atualidade: políticas imigratórias dos Estados Unidos e Canadá e o Escritório de Imigração do Quebec, em São Paulo**. 158f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em : < http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_4af584c18c44a4b345689e6b04489243>. Acesso em: 22 fev. 2021.

ALMEIDA, Erika Pereira de. **L'immigration brésilienne au Québec : une diaspora sélectionnée en territoire francophone**. 366 f. Tese (Doutorado) - Université Paris Descartes, Centre population & Développement, École doctorale Sciences humaines et sociales : cultures, individus, sociétés. Paris, 2015. Disponível em : < <http://www.theses.fr/2015USPCB191>>. Acesso em 02 mar. 2021.

BARBOSA, Rosana. **Brasil-Canadá: ligações migratórias nos séculos XIX e XX**. Revista Interfaces Brasil/Canada, v. 12, n. 1, p. 183-200, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/7211>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

AUN, Thaís. **Províncias - Quebec**. Câmara de Comércio Brasil-Canadá (Ccbc), Revista CCBC, São Paulo, ed. 75, p. 22-32, nov./dez., 2018. Disponível em: <<https://ccbc.org.br/wp-content/uploads/2020/06/CCBC-75.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2022.

CANADA. **Loi Constitutionnelle de 1867**. Canadá, 1867. Disponível em : <<https://laws-lois.justice.gc.ca/fra/const/page-1.html>> . Acesso em 24 ago. 2021.

CASTLES, Stephen. **Entendendo a migração global: uma perspectiva desde a transformação social**. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 18, n. 35, 2010. Disponível em: <<http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/227>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

CASTILHO, Carla Simon. **La migration brésilienne lifestyle à Montréal**. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Université de Montréal, Faculté des arts et des sciences, Maître en Études internationales. Montréal, 2017. Disponível em:

<<https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/handle/1866/19064>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

COMMUNAUTÉ MÉTROPOLITAINE DE MONTRÉAL (CMM). À propos, 2021. Apresentação da organização. Disponível em: <<https://cmm.qc.ca/a-propos/>>. Acesso em: 15 set. 2021.

DE HAAS, Hein; MILLER, Mark J.; CASTLES, Stephen. **The age of migration: International population movements in the modern world**. Editora: Bloomsbury Publishing, Londres, 2019.

DIRKS, Gerald E.. **Politique d'immigration au Canada**. l'Encyclopédie Canadienne, Historica Canada, 2020. Disponível em : <www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/politique-dimmigration-1>. Acesso em: 02 ago. 2022.

FAZITO, Dimitri. **A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade**. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto/MG, 2002. Anais eletrônicos. Disponível em: <<https://abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/download/1094/1058>>. Acesso em: 19/06/2021.

FRAGA, Marcus Vinicius. **O Canadá na rota das migrações internacionais: brasileiros em Quebec**. 257 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3510>>. Acesso em 24 fev. 2021.

FUSCO, Wilson. **Capital Social e Dinâmica Migratória: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidos**. Textos NEPO, v. 52, p. 9-83, 2007. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/scripts/textos_nepo_52.php>. Acesso em 24 fev. 2021.

GOZA, Franklin. **Brazilian immigration to North America**. Revista Brasileira de Estudos de População, v.9, n. 1, p. 65-82. Campinas, 1994. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/11134048_Brazilian_migration_to_North_America>. Acesso em 17 ago. 2021.

_____. **Immigrant social networks: The Brazilian case**. In: Annual Meeting of the American Sociological Association. São Francisco, 2004. Disponível em: <<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.563.1324&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 07 mar 2021.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). **Migration and migrants: A global overview**. In: World Migration Report 2020. Genebra, 2020. Disponível em: <<https://www.un-ilibrary.org/content/books/9789290687894s003-c001>>. Acesso em: 08 ago. 2022.

KULAITIS, Fernando. **Imigração e fait français: processo e percurso migratório de brasileiros para a Província do Québec (Canadá), 1990-2012**. 287 f. Tese (Doutorado) em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Curitiba, 2013. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/29968>>. Acesso em 22 fev. 2021.

MASSEY, Douglas S. et al. **Return to Aztlan: The Social Process of International Migration from Western Mexico**. Los Angeles: University of California Press, 1987. 335p.

MASSEY, Douglas S. et al. Theories of international migration: a review and appraisal. **Population and Development Review**, v.1, n.1, set. 1993.

MINISTÈRE DES COMMUNAUTÉS CULTURELLES ET DE L'IMMIGRATION (MCCI). **Au québec pour bâtir ensemble : énoncé de politique en matière d'immigration et d'intégration**. Quebec, 1991. Disponível em : <https://cdn-contenu.quebec.ca/cdn-contenu/adm/min/immigration/publications-adm/politiques/PO_batir_ensemble_MIDI.pdf?1545085015>. Acesso em: 09 ago. 2021.

MINISTÈRE DE L'ÉCONOMIE ET DE L'INNOVATION (MEI). **Note abrégée sur le commerce Québec-Brésil.** Québec, 2018. Disponible em : <<https://www.economie.gouv.qc.ca/bibliotheques/economie-commerce/notes-sur-leconomie-et-le-commerce/amerique/note-abreege-sur-le-commerce-quebec-bresil/#c59662>>. Acesso em 02 ago. 2022.

MINISTÈRE DE L'IMMIGRATION, DE LA DIVERSITÉ ET DE 'INCLUSION (MIDI). **Ensemble, nous sommes le québec: Politique Québécoise en matière d'Immigration, de Participation et d'Inclusion.** Québec, 2016. Disponible em: <https://cdn-contenu.quebec.ca/cdn-contenu/adm/min/immigration/publications-adm/politiques/PO_ensemble_quebec_MIDI.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

MINISTÈRE DE L'IMMIGRATION, DE LA FRANCISATION ET DE L'INTÉGRATION (MIFI). **La planification de l'immigration au Québec pour la période 2020-2022.** Québec, 2019a. Disponible em: <http://www.mifi.gouv.qc.ca/publications/fr/planification/BRO_Consultation_PlanificationImmigration.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

_____. **Portrait Statistique : population d'origine ethnique brésilienne au Québec en 2016.** Québec, 2019b. Disponible em: <http://www.quebecinterculturel.gouv.qc.ca/publications/fr/diversite-ethnoculturelle/2016/STA_Bresilienne_Portrait2016.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

_____. **Population immigrée dans les Régions Métropolitaines de Recensement du Québec, recensement 2016.** Québec, 2020a. Disponible em: <http://www.mifi.gouv.qc.ca/publications/fr/recherches-statistiques/PUB_PopImmigree_RMR_2016.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

_____. **L'immigration temporaire au Québec, 2014-2019.** Québec, 2020b. Disponible em: <http://www.mifi.gouv.qc.ca/publications/fr/recherches-statistiques/Portraits_Immigration_Temporaire_2014_2019.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2022.

_____. **Tableaux de l'immigration permanente au Québec**. Québec, 2020c. Disponível em: <<http://www.mifi.gouv.qc.ca/publications/fr/recherches-statistiques/Immigration-Quebec-2015-2019.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2022.

MINISTÉRIOS DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Comunidade Brasileira no Exterior: estimativas referentes ao ano de 2020. 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/arquivos/ComunidadeBrasileira2020.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2022.

PECINI, Arthur Custódio. **Brasileiros no Québec: uma análise etnográfica da aplicação de políticas imigratórias e políticas públicas voltadas para os imigrantes “trabalhadores qualificados”**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Niterói, 2012. 175 p.. Disponível em: <<http://ppgantropologia.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/16/2016/07/ARTHUR-CUST%C3%93DIO-PECINI.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

PICHÉ, Victor. **Un siècle d'immigration au Québec: de la peur à l'ouverture**. In: La Démographie Québécoise: Enjeux Du XXI Siècle, eds. Céline Le Bourdais and Victor Piché. Montreal, 2003. 319 f. Disponível em: <<https://books.openedition.org/pum/23988>>. Acesso em: 01 set. 2021.

PRÉVOST, Claudia. **De Curitiba à Québec : quelle est l'influence des réseaux ethniques? Vivre Ensemble**. Bulletin de liaison pastorale interculturelle. Centre justice et foi, v.18, n. 62, jun./set. 2011. Disponível em: <<https://cjf.qc.ca/vivre-ensemble/webzine/article/de-curitiba-a-quebec-quelle-est-linfluence-des-reseaux-ethniques/>>. Acesso em 24 fev. 2021.

QUÉBEC. **Charte de la Langue Française**. Québec, 1977. Disponível em : <<http://legisquebec.gouv.qc.ca/fr/ShowDoc/cs/C-11>>. Acesso em: 01 set. 2021.

_____. **Accord Canada-Québec relatif à l'Immigration et à l'Admission temporaire des aubains**. Québec, 1991. Disponível em:

<https://cdn-contenu.quebec.ca/cdn-contenu/adm/min/immigration/publications-adm/accord/AC_canada_quebec_immigration_MIDI.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

_____. Programmes d'immigration pour les travailleurs qualifiés. Québec, 2021. Disponível em : <<https://www.quebec.ca/immigration/programmes-immigration>>. Acesso em 06 out. 2022.

QUÉBEC INTERNACIONAL. Página inicial. Quebec, 2021. Disponível em: <<https://www.quebecinternational.ca/en>>. Acesso em: 09 jul. 2022.

SANTOS, Gislene A. **Redes e território: reflexões sobre a migração**. In: DIAS, Leila C.D; SILVEIRA, Rogério L.L. da. Redes, sociedades e territórios. Ed. Edunisc, 2005, p. 51-78.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. Revista Travessia, São Paulo, número especial, p. 3-32, jan. 2000. Disponível em: <<https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/issue/view/54/n.%20Especial%20%282000%29>>. Acesso em: 23 set. 2022.

SEGA, Rodrigo Fessel. **Projeto Canadá: seletividades e redes de imigrantes brasileiros qualificados em Toronto**. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. São Carlos, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6758>>. Acesso em 08 mar 2021.

STATISTIQUE CANADA. **Recensement de la population de 2016 – Immigration et diversité ethnoculturelle**. Canadá, 2017a Disponível em: <<https://www12.statcan.gc.ca/datasets/Index-fra.cfm?Temporal=2017&Theme=120&VNAMEF=&GA=-1&S=0>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

STATISTIQUE CANADA.. **Dictionnaire, Recensement de 2016**. Canadá, 2017b. Disponível em: <<https://www12.statcan.gc.ca/census-recensement/2016/ref/dict/index-fra.cfm>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

STATISTIQUE CANADA. **Immigration et diversité ethnoculturelle : faits saillants du Recensement de 2016**. Canadá, 2017c. Disponível em: <<https://www12.statcan.gc.ca/census-recensement/2016/dp-pd/hlt-fst/imm/index-fra.cfm>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

STATISTIQUE CANADA. **Bienvenue au Canada – 150 ans d'immigration**. Canadá, 2017d. Vídeo. Disponível em: <<https://www.statcan.gc.ca/fra/rb/video/recensement2016-immigration>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

STATISTIQUE CANADA. **Produits du Recensement de la population de 2021 selon les types : immigration, lieu de naissance et citoyenneté**. Canadá, 2022. Disponível em: <<https://www12.statcan.gc.ca/census-recensement/2021/rt-td/immigration-fra.cfm>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

VILLE DE MONTRÉAL. Service du Développement Économique. **Profil sociodémographique, recensement 2016**. Montreal, 2018. Disponível em: <http://ville.montreal.qc.ca/pls/portal/docs/PAGE/MTL_STATS_FR/MEDIA/DOCUMENTS/

_____ . Service du Développement Économique. Les différentes limites géographiques de la région montréalaise. Montreal, 2017. Disponível em: <http://ville.montreal.qc.ca/pls/portal/docs/PAGE/MTL_STATS_FR/MEDIA/DOCUMENTS/RMR2016.PDF>. Acesso em: 15 set. 2021.

WATTS, Ronald L. Institut des relations intergouvernementales. **Comparaison des régimes fédéraux**. Queen's University, École des études en politiques publiques. Kingston, 2002. Disponível em : <<https://www.queensu.ca/iigr/sites/webpublish.queensu.ca.iigrwww/files/files/pub/archive/books/ComparaisonDesRegimesFederaux-Watts.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Em qual bairro da região metropolitana de Montréal você mora?
2. Você já havia feito alguma viagem internacional antes de cogitar a possibilidade do Canadá?
3. Possui algum familiar ou conhecido no Quebec? Se sim, qual o status legal (residente permanente ou residente temporário)?
4. Você veio sozinho para Montréal? Saiu empregado do Brasil? Veio acompanhado pela família, cônjuge e filhos ou amigos? Seu cônjuge veio com visto de estudo ou trabalho?
5. Você teve auxílio de alguma empresa no processo de aplicação do visto? Se sim, qual era a instituição?
6. Você teve apoio dos seus familiares para realizar este sonho? Conhece casos de sucesso de outros brasileiros?
7. Quais são os vínculos que você mantém com o Brasil? Deixou propriedades ou negócios para trás? Você recebe ou manda auxílio para a sua família? Algum deles já lhe visitou? Eles demonstraram interesse em se mudar para estar com você?
6. Como você ficou sabendo desta possibilidade de ir para o Quebec? O que motivou seu interesse na migração? Quais as suas fontes de informação no início desta jornada? Por que você escolheu residir no Quebec e na região metropolitana de Montreal e não ir para um outro país?
7. No início do processo de imigração, o que a imigração no Quebec te oferecia que você não poderia ter no Brasil?
8. Você já teve conhecimento ou participou de palestras ou seleções de trabalhadores qualificados do governo do Québec no Brasil antes de migrar?
9. Quais eram seus objetivos ao chegar na cidade? Veio a estudo, trabalho, turismo, etc?
10. Qual a sua modalidade de visto utilizada para entrar no país? Estudo, trabalho, turismo ou já saiu do Brasil como residente permanente?
11. Como foi o seu processo migratório? Qual foi a sua estratégia para migrar? Quais os conflitos e solidariedades vivenciadas ao longo de toda a jornada? Quais foram os desafios que você enfrentou? Teve algum auxílio para solucioná-los?
12. Qual foi a sua trajetória até chegar em Montréal? Teve algum destino anterior? Por quais cidades você passou?

13. Como foi seu processo de adaptação ao chegar na cidade? Sentiu familiaridade com os costumes e hábitos? E quais foram as dificuldades vivenciadas?
14. Você já teve alguma experiência de preconceito ao Quebec ligado a sua nacionalidade, cor de pele, sotaque ou língua na qual você se exprime na sua vida cotidiana?
15. Você trabalha no seu domínio e nível de estudos? Você voltou a estudar depois da imigração para poder trabalhar no seu domínio de estudos após imigração? Você conseguiu apoio do governo ou de algum organismo para conquistar seus objetivos profissionais?
16. Você veio com uma reserva financeira? Se sim, por quanto tempo ela o manteve?
17. Possui contato com outros brasileiros em Montréal? Qual o nível do vínculo que vocês construíram?
18. Houve auxílio de outros brasileiros ou quebequenses para a sua adaptação como auxiliar na network, em oportunidades de trabalho, eventos ou encontros?
19. Você já prestou auxílio a outros brasileiros recém-chegados ou que tem o interesse em migrar? Ou também a outros brasileiros que estão há tanto tempo quanto você?
20. Você sabe da existência de alguma associação voluntária de brasileiros (banco alimentar, clube para busca de trabalho, associações culturais, etc.)? Se sim, conhece os trabalhos que ela desenvolve? Você utiliza o serviço dessa associação ou de outros organismos (banco alimentar, clube para busca de trabalho, associações culturais, etc.)?
21. Você tem conhecimento da existência ou já aplicou para o processo de solicitação de residência permanente ou cidadania? Em qual fase você está? Teve auxílio de outros brasileiros ou instituições ao longo do processo?
22. Você pensa em voltar ao Brasil? Se sim, por qual razão?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**Entrevista nº1 - Heitor, 47 anos (realizada em 14/07/2020)**

Cidade de origem: Descalvado, SP

Formação acadêmica no Brasil: Doutorado em Física Computacional

Nível de qualificação: Doutorado completo

Situação legal no Quebec: Brasileiro(a) que obteve cidadania canadense

Tempo de residência em Montreal: 12 anos e 5 meses

Idioma(s): Inglês, francês, espanhol e italiano

Em qual bairro da região metropolitana de Montreal você mora? Eu moro na região administrativa de Ville Marie, que fica no centro de Montreal ao lado do metrô Atwater.

12 anos atrás antes de ter considerado a possibilidade de ir para Montreal você já havia feito alguma viagem internacional? Sim, eu já tinha ido para os Estados Unidos. Foi minha primeira viagem quando eu tinha 20 anos. Eu tinha ido para Itália também, para participar de um congresso. Também para a Finlândia. Mas a ideia de ir para o Canadá eu já tinha desde os 16 anos mais ou menos, mas naquela época eu não poderia sair do Brasil. Decidi terminar meus estudos primeiro, fiz meu doutorado e quando eu terminei já fazia dois anos que estava nesse processo e recebi meu visto. Logo em seguida passei mais dois anos trabalhando após o doutorado e depois vim para cá. O único arrependimento é não ter vindo antes porque realmente muda bastante, para melhor.

Você já possuía familiares ou conhecidos no Quebec quando considerou essa possibilidade? Fazia muito tempo que eu já possuía contatos no Canadá inteiro, desde Vancouver a Halifax passando por Calgary e Edmonton, de leste à oeste do Canadá. Conheci vários brasileiros que tinham emigrado para Montreal, inclusive professores e pesquisadores que estavam trabalhando na área deles, eu achei muito interessante. Naquela época o que eu achava interessante e hoje eu continuo achando é essa mistura que tem aqui especificamente em Montreal que é uma cidade fora da curva, tanto no Quebec quanto no resto do Canadá. Ela tem as duas coisas, um pouco da cultura francesa e um pouco da cultura anglo-saxã inglesa que dá esse mix muito interessante. Aqui você consegue navegar nas duas culturas de uma maneira

muito interessante, mesmo que muitos quebequenses não gostem disso. Eles queriam que Montreal fosse 100% francesa, mas não tem como mudar a história dessa cidade, ela teve uma participação muito grande de irlandeses e ingleses que vieram para cá. É uma história diferente das cidades do resto do Québec, se você pega um carro, sai de Montreal e anda 10 minutos é francês, ninguém vai falar "bonjour, hi" é só "bonjour". Isso que eu gosto daqui, de verdade ela é a única cidade bilíngue do Canadá. Mesmo a cidade de Ottawa, que é a capital burocraticamente bilíngue, bilíngue nos departamentos do governo, mas na rua é inglês. Aqui não, se você quiser ir a um teatro francês você vai, se quer ir a um em inglês você vai, cinema... tudo. É realmente bilíngue. Ela é uma cidade internacional de verdade, muito cosmopolita e isso é fantástico. Diferente de Toronto que para mim é uma Nova York pequenininha como uma extensão americana, tanto que tem pessoas que vêm de fora e notam essa diferença. Isso me atraiu.

Quando você teve contato com essas pessoas elas já eram cidadãos canadenses ou tinham residência permanente na época? Sim, na época que eu conversei eles já estavam aqui há bastante tempo já. Tenho um amigo que já está aqui há mais de 20 anos, é professor. Eles me passam coisas muito boas daqui. Eu lembro que esse meu amigo me falou algo assim "Montreal é uma cidade perfeita em termos de tamanho, ela não é nem muito grande nem muito pequena" não é gigantesca e caótica como São Paulo, mas ela grande. Apesar que em alguns bairros de Montreal você sente como se estivesse no interior, são tão tranquilos, não tem nada. Meio da tarde você sai na rua e parece que você está em alguma cidade do interior. Uma coisa que eu acho interessante aqui também - andando na rua você vê muito disso - aqui do lado eles estão demolindo um conjunto de casas antigas e têm aquela estrutura de 100 anos que você olha a fachada antiga. Eles demoliram a parte de dentro, mas a fachada permanece, eles vão fazer um prédio ali mas vão manter a fachada, ou seja, essa coisa de preservar mesmo que você saiba que é algo artificial mas está ali aquela fachada de 100 anos que eles irão reformar como era e o prédio vai subir ali. Você não perde, depois com o prédio você vai passar ali na frente e ver "poxa, há 100 anos tinha essa casa aqui e hoje é um prédio", a fachada tá ali ainda. Você não destrói totalmente a identidade. Isso eu acho muito bacana.

Você foi para Quebec acompanhado da família, já era casado? Não, na verdade eu namorava quando eu estava no Brasil e ela não quis vir por que era muito apegada a família dela. A gente terminou se separando por conta disso. Era um sonho que eu tinha desde

adolescente e ela sabia disso, mas achava que eu nunca viria pra cá. Eu já estava fazendo o meu processo, aí eu vim. Cheguei aqui sozinho, fiz meu processo de imigração sozinho. Agora que você falou de casais, eu conheci vários casais de brasileiros que fizeram o processo e separaram aqui por vários motivos. O que eu percebi desses casais é que apenas um do casal queria vir, esse que queria fazia a cabeça do outro e como estão casados você vai. Só que quando você chega aqui o começo não é um mar de rosas inicialmente, pode ser, mas geralmente não é. Então até você achar um emprego mais ou menos como você tinha no Brasil as coisas podem demorar um pouco e muitas vezes as pessoas não aguentavam esperar esse tempo para melhorar, muitas vezes ficando desesperados, e falando "meu nível de vida caiu muito aqui, eu vou embora"... "não falo a língua..." Lembro que na época eu participava de um grupo de imigração para o Canadá e tinha um casado do Rio de Janeiro que imigraram para Toronto, eles tinham uma qualidade de vida no Brasil algum deles trabalhava em uma multinacional e por causa da violência eles decidiram se mudar. Chegaram em Toronto, acho que ficaram três ou quatro anos, depois de quatro anos resolveram voltar para o Rio de Janeiro. O que eles falaram foi o seguinte: "no Rio de Janeiro eu tenho três empregadas em casa, aqui eu não tenho nenhuma" imagina. É o tipo de perfil que não vai se adaptar não só no Canadá como em nenhum lugar. Aqui você pode ter uma empregada doméstica, mas terá que pagar 40 dólares a hora, imagina pagar 460 reais por um dia para uma empregada no Brasil, ninguém paga. Eles tem esses luxos no Brasil à custa de escravizar pessoas pagando uma miséria, a distância social no Brasil é incrível uns mais pobres outros ainda mais ricos e eles exploram essas pessoas. Aqui não, qualquer trabalho é bem remunerado. Você vai chamar um eletricista e ele te cobra 100 dólares só para vir até a sua casa, só para chegar e falar "oi". Aqui eu brinco que para todas as profissões tem que haver uma ordem "tem a ordem dos faxineiros do Quebec", eu brinco porque tudo tem ordem aqui. Se for eletricista tem que estar registrado, tem que ter estudado, não é como no Brasil que a profissão passa de pai para filho. "Ah meu tio foi eletricista e me ensinou" isso não existe aqui. Tanto é que há um seguro que eles tem que fazer. Se sua casa pega fogo ele tem um seguro que cobre isso. No Brasil isso pega fogo e você paga.

Você estava decidido que era Quebec, qual local você desejava? Era Canadá na verdade. Assim, eu tenho passaporte italiano também desde que eu era adolescente, fui para a Itália e fiz programa de intercâmbio lá. Mas eu verifiquei enquanto estava que não só a Itália como a Europa no geral ainda existe um racismo velado contra as pessoas que não são de lá. Eles fazem um pouco de vista grossa para imigrantes. Mesmo que você seja descendente, eu

tenho passaporte e falo italiano, mas mesmo assim eles não te consideram italiano. Eles não te consideram italiano, eles te consideram como brasileiro de origem italiana. Eles chamam de "*oriundi*" essas pessoas que estão a um degrau abaixo do italiano nato que a família está lá há dois mil anos, depois tem os descendentes e depois tem o resto que são os imigrantes que vão para lá. Se eu casasse com uma italiana meus filhos seriam mestiços na Itália. Então tem esse preconceito forte e aqui no Canadá uma coisa que eu percebi é que como todo mundo aqui não é daqui, a não ser os *first nations* - os indígenas do Norte - que já estavam aqui quando os colonizadores chegaram. Ninguém era daqui, não tem um canadense que há mil anos mora em Montreal, não existe isso aqui. É essa diferença em como eles tratam o migrante. Claro, aqui também existe racismo, mas eu achei em menor escala do que na Europa e eu achei a aceitação do estrangeiro mais tranquila aqui, principalmente nas grandes cidades talvez no interior seja mais complicada.

E você já percebeu alguma situação de preconceito ligada a sua nacionalidade? Eu nunca percebi nada comigo, de maneira nenhuma. Se aconteceu eu não percebi, mesmo no meu meio de trabalho. Eu sou uma pessoa muito curiosa, quando cheguei aqui já quis aprender melhor o francês, quis falar, hoje falo inglês e francês bem legal consigo conversar com qualquer pessoa. Eles gostam desse tipo de coisa, o respeito, mesmo que eles tenham essa coisa velada contra você "você não é daqui você é brasileiro", mas a partir do momento que você fala como eles falam e que você usa o mesmo sotaque e as expressões deles você meio que quebra isso. Eles têm essa coisa que ajuda nesse processo, não significa que vão te aceitar 100%, mas melhora bastante.

Hoje você trabalha na sua área de formação? Conseguiu se colocar no mercado? Sim, eu trabalho. Fiz meu doutorado em *e-learning*, que é em educação a distância com inteligência artificial, e quando eu cheguei aqui eu fui trabalhar inicialmente com um amigo meu que estava em Toronto. Ele tinha uma empresa de consultoria e dava consultoria de informática para empresas do Canadá e dos Estados Unidos, quando eu cheguei ele disse "eu vou te contratar para você ter a famosa experiência canadense" você já deve ter ouvido falar dessa experiência. Quando eu cheguei ele me contratou para dar cursos aqui no Canadá e nos Estados Unidos, eu fui dar cursos em empresas na área de informática e programação, isso me deu a experiência canadense. Três meses depois eu vi uma vaga que era para trabalhar com tecnologias educacionais em um *college* e ser o coordenador dessa área porque a pessoa que

era o titular da vaga tinha ido para outro *college* mais próximo da casa dele e tirou uma licença remunerada de 2 anos. Eles me explicaram que por dois anos eu iria substituir o lugar dessa pessoa e quando ela voltar, se ela voltar, você terá que sair. Perfeito, ia ser uma experiência fantástica independente se fosse por dois anos ou um ano, passei na entrevista e fui contratado. A entrevista foi bilíngue, inglês e francês, mesmo eu trabalhando no *college* em inglês.

Nessa época você já dominava as duas línguas? Já tinha estudado no Brasil, o francês ainda não era 100% como é hoje, mas falava, tinha estudado antes de vir e tinha feito a entrevista no consulado em francês também. Meu francês era mais um francês internacional naquela época, não tinha as expressões era estilo *Alliance Française*. Hoje eu incorporei na língua essas gírias e expressões do Quebec.

Vivenciando a cultura da cidade ao longo desses anos você tem percebido a presença de associações de brasileiros, culturais ou não? Existem grupos pequenos sim. Existia um grupo de forró que saía no verão para praticar em um local aberto. Tem o festival de cinema brasileiro, que inclusive era patrocinado pelo consulado brasileiro. Durante o festival de jazz sempre tinha alguém vindo do Brasil. Mas não existe uma associação brasileira, uma "associação de brasileiros em Montreal" não existe.

Você vê associações voluntárias que auxiliam brasileiros e imigrantes? Não. Na verdade, existia uma associação, talvez não uma associação mas alguma coisa com brasileiros, que dava um suporte com a língua e por inúmeros motivos não foi para frente. Mas aqui existem muitas associações lusófonas que ajudam os portugueses e muitos brasileiros caem nessas associações porque falam português. Também existem vários brasileiros que estão infiltrados nessas associações de ajuda, existem por exemplo essas que ajudam com cestas de comida semanais, bancos de alimentos que as pessoas podem ir toda semana. Têm brasileiros que prestam serviços assim, existem três centros espíritas brasileiros que fazem trabalhos sociais e que ajudam, mas eles não divulgam. Fazem, mas não sai no jornal. Eles ajudam também os sem-teto. Ontem eu também vi o caso de um brasileiro que faz espaguete e leva para aqueles que necessitam, sem-teto e outros. Eu acho que o canadense tem muito disso de ajudar, tanto que o trabalho voluntário é muito bem-visto, inclusive para se colocar no currículo. É uma coisa que o empregador vai ver, eles têm isso desde pequeno tanto que a comunidade aqui é muito

forte. Você fazer algo pelo lugar onde você está, pelo seu bairro ou pela sua rua é uma coisa bem interessante por aqui.

Ao longo do tempo que você está aí, o que mudou da sua perspectiva sobre a comunidade de brasileiros? Você acha que os brasileiros se ajudam, se encontram...? Existem situações pontuais, não se tem uma associação. E o brasileiro eu não sei, é difícil generalizar. É engraçado isso porque vendo outras comunidades, por exemplo, a comunidade portuguesa que chegou aqui há 50-60 anos e se você for na rua Saint-Laurent eles criaram uma igreja portuguesa, do lado tem um prédio que é a associação portuguesa do Canadá. Isso eles fizeram há 50 anos quando eles chegaram aqui, isso mostra uma realidade diferente da nossa, até hoje você não tem nem uma salinha brasileira ou um clubinho. Então vendo isso parece que o brasileiro quando está no exterior quer se desapegar dos outros brasileiros, não sei se é só a minha impressão. Eu não sei por que isso acontece com os brasileiros, eu já vi casos que as pessoas escutam outros brasileiros e quando a pessoa fala português eles fingem que não entendem a língua e vão embora. É meio estranho isso quando se compara com outras comunidades aqui, vale um estudo antropológico.

Você já prestou auxílio para outros brasileiros? Sim, eu tenho amigos brasileiros que eu conheço desde quando cheguei aqui e mantemos amizade até hoje, a gente se encontra às vezes e faz um *happy hour* ou vai comer um *sushi*. Tenho esse grupo, tenho amigos canadenses também. Eu participo deste centro espírita como voluntário nesses projetos que eles fazem. A gente faz comida e distribui para as pessoas, e outras atividades. Eles ajudam não só brasileiros, ajudam à qualquer pessoa. Tinha um pessoal que trabalha com refugiados lusófonos, pessoal que veio de Angola e veio refugiado dos Estados Unidos, teve um grupo que dava assistência à eles. Aqui existem vários grupos de auxílio, mas um auxílio à qualquer pessoa não focado a grupos sociais específicos.

Os entrevistados comentaram sobre uma maior presença de restaurantes, padarias... como você têm observado esse movimento? Sim, isso tem acontecido porque mais brasileiros começaram a vir para cá. Eu conheço um brasileiro que está aqui desde a década de 70, ele chegou aqui em 73 e foi voluntário dos Jogos Olímpicos de 76 em Montreal, ele tem até uma foto com a camiseta dos jogos. Ele conta que naquela época não tinha ninguém. Brasileiros, talvez uns 10, porque Montreal não era um destino naquela época, o pessoal ia para Toronto.

Depois, o que aconteceu foi uma independência do Quebec escolher os seus imigrantes e facilitar o processo. Era mesmo um processo facilitado para você migrar, mais fácil até que o processo federal para o resto do Canadá, também por eles terem um escritório de divulgação do Quebec no Brasil e por fazerem uma propaganda muito pesada para levar brasileiros para lá. Uma das coisas que eles falavam que gostavam nós brasileiros é que não se formavam guetos e eles se integravam facilmente no país até por falar uma língua latina e o francês também é latino. Essa coisa de integração mais fácil talvez seja o motivo do porquê eles focaram muito tempo no Brasil, com um escritório em São Paulo que hoje não existe mais. Existiu durante muito tempo, eles faziam uma propaganda muito forte de mostrar as maravilhas daqui. E era uma propaganda na verdade, porque existiam defeitos, mas nunca os mostravam, sempre mostravam Montreal no verão e nunca em janeiro porque se fizesse o brasileiro não vinha pra cá (rsrs). Hoje já existem pessoas que fazem doces, salgadinhos, bolos...tinha um café brasileiro; tinha a Padoca, que hoje está Longueuil; tem o café Zezin, que é de dois cariocas; tem o restaurante Acaju, que é de um carioca e a mãe dele é baiana. No passado teve mais: teve o Chez Brésil, que fechou; teve o Caipiríssima, que era um restaurante brasileiro; teve o Lele da Cuca, de um baiano que era o chefe. Teve vários e isso mostrou que a comunidade começou a crescer e que tinha um público para isso.

Você percebeu essa diferença dos brasileiros que foram por conta do escritório de imigração e esse novo público que foi por conta dessa onda de *colleges*? Isso aconteceu, existe essa nova onda que hoje não sei como está por conta da alteração do PEQ (*Quebec Experience Program*), e na verdade esse PEQ era um atalho para a imigração. Eu fiz meu processo de imigração e fiz do jeito tradicional, com a entrevista pessoal. E essas pessoas de hoje vieram por esse atalho que o Quebec criou justamente para reter essas pessoas que vêm estudar aqui e segurar a mão de obra qualificada. Então com esse programa você poderia trazer o casal aqui, um vinha estudar e o outro ia trabalhar. Com essa mudança eu não sei o que vai acontecer, acho que talvez eles vão fechar essa porta. Inclusive o Legault [François Legault 32º premier de Quebec] quer diminuir o número de imigrantes que vem todo ano pra cá, talvez fechando um pouco o PEQ ele vai conseguir diminuir mais.

Pensando na sua inserção profissional no Quebec, você teve conflitos para se estabelecer? Não tive por que minha área é a informática, tenho um doutorado em física computacional. Minha área de formação é mais na área da computação e essa área não é

regulamentada no Canadá como não é no Brasil também, não existe uma ordem. A profissão de TI no Canadá é uma das melhores profissões para você vir para cá, primeiro porque paga-se muito bem, e segundo porque não existe uma ordem profissional. A partir do momento que você chega já tem qualificação, você tem uma certificação que vale no mundo inteiro diferente de um diploma da USP que eles não conhecem e não sabem o que é. Na verdade eles dão mais valor para um diploma daqui do que para um de fora porque eles conhecem. Quando eu cheguei fiz a validação dos meus diplomas, tanto no governo do Quebec quanto num órgão autônomo que pedia os documentos direto da universidade. No *college* onde eu trabalho têm um órgão do governo que faz essa validação de diplomas. Então quando eu entrei no meu trabalho eu já cheguei ganhando o piso da minha área pelo motivo de não ter ainda validado meus diplomas para o *college*, meus títulos de graduação, mestrado e doutorado não eram validados. Um ano depois a validação aconteceu, e veio esse retroativo de um ano. Eu fui do piso ao topo do salário na minha carreira em um ano depois que vieram as documentações. Existe uma carência muito grande de profissionais de TI. Eu tenho um amigo que veio para cá e trabalhou em grandes empresas de TI e dizia que era difícil de se reter um bom profissional de TI em Montreal. Quando ele chegava aqui não era difícil de conseguir trabalho só que o que acontecia com ele depois eram várias ofertas de outras províncias do Canadá e até dos Estados Unidos pagando mais. Eles não tinham como bancar isso e essas pessoas acabavam indo embora. Muita gente não vai embora porque gosta do estilo de vida aqui. Eu não moraria nos Estados Unidos de maneira nenhuma.

Durante o seu processo migratório você morou em outra província? Não, eu vim direto para Montreal. Cheguei em Toronto, fiz minha imigração lá, porque não tinha um voo direto São Paulo para Montreal. Lá eles carimbaram meu passaporte, me deram o "bem-vindo ao Canadá" e eu já fui direto para Montreal. Cheguei em Montreal já como residente permanente, em 2008. Cheguei no dia 15 de janeiro de 2008. Esse ano fazem 12 anos que eu cheguei aqui.

O que mudou na sua familiaridade e adaptação de quando você chegou para o que você vive hoje? Quando eu cheguei aqui havia pedido demissão em dois empregos do Brasil e vim para cá. Claro, você recomeça a sua vida, ninguém te conhece, você é mais um. Mas o que é legal aqui é das pessoas reconhecerem o seu valor quando elas percebem que você tem ele. Depois de 12 anos aqui muita gente me conhece, eles me chamam para dar palestras, teve um

artigo que foi publicado numa revista sobre a minha vida aqui e como eu trabalho. Esse reconhecimento existe hoje, depois de 12 anos trabalhando nessa área e isso é legal. Do lado econômico eu acho bom aqui também por conta da economia bem estável, não tem inflação e você consegue planejar bem a sua vida, comprar coisas aqui e ter acesso a bens materiais é muito fácil. Você vai comprar uma casa e o banco te dá mais do que você precisa. A vida aqui é muito planejada. Você tem acesso a financiamentos com juros muito baixos, por exemplo, o juros de cartão de crédito aqui é 19% ao ano enquanto no Brasil isso é ao mês.

Você acha que o fator econômico, o mercado de trabalho da sua área e a qualidade de vida foram coisas determinantes para você considerar ir para Montreal? Na verdade, sair do Brasil sempre foi uma coisa que eu quis desde adolescente, sempre quis vivenciar novas culturas e conhecer outros países porque eu acho que isso me enriquece como ser humano. Eu quis expandir essa bolha que a gente vive e isso te abre para muitas coisas. Conhecer uma cultura diferente ou outra língua e aqui a gente tem pessoas do mundo inteiro, essa riqueza que não existe no Brasil que é mais homogêneo. O Brasil já teve isso no passado quando recebeu imigrantes, mas hoje não. Hoje você vai em um metrô de São Paulo e não escuta outras línguas, talvez só um pouquinho, mas não como aqui. O Canadá é um país de imigração constante, o Brasil teve um ciclo de imigração e acabou. E o Canadá precisa de imigrantes para continuar sobrevivendo como país porque a taxa de natalidade é muito pequena, aqui as pessoas vivem mais e passam dos 80-90. Alguém precisa pagar por isso, alguém precisa sustentar essas pessoas. Como a taxa é pequena eles precisam de gente de fora, e o que ele oferece em troca é a qualidade de vida, um país tranquilo e sem violência, as pessoas podem trazer as famílias e ter uma vida tranquila e estável. É uma sociedade que te respeita em vários aspectos da sua vida, diferente do Brasil (rsrs) inclusive por causa do governo, é institucionalizado o desrespeito. Isso são coisas que eu acho fantástico. Eu me sinto tão bem aqui que quando eu vou ao Brasil de férias e passa uma semana já tenho vontade de retornar (rsrs), as coisas que eu vejo... Quando você está no Brasil algumas coisas da vida cotidiana te anestesia, você vê uma criança na rua pedindo dinheiro no farol e se acostuma com aquilo. Quando você sai disso e fica um ano fora e não vê mais isso - porque aqui não existe isso - e você volta aquilo te choca tanto que você pensa "como é que isso existe". E dói muito, você vê um país como o Brasil ter essas coisas.

Os vínculos que você mantém hoje com o Brasil são unicamente a família? Exato. Quando eu vim para cá meus pais ainda eram vivos, minha mãe acabou falecendo em 2013 e meu pai ano passado. Eles já estavam bem velhinhos também, eu os visitava todo ano. Passava o Natal e ano novo, que era quando tinha férias do *college* e também era inverno aqui. Hoje eu tenho minha irmã que mora lá, meu sobrinho e meu cunhado, e meus amigos do interior de São Paulo. Eu sempre digo que se não fosse por isso eu nem voltava para o Brasil porque é muito caro. Eu gosto muito do Brasil, acho um país fantástico e que eu quero conhecer outras partes em turismo. E as pessoas, a riqueza do Brasil está nas pessoas. Eu ainda não encontrei em nenhum lugar o jeito como as pessoas te tratam. Eu visitei vários países mas nunca conheci um povo tão hospitaleiro.

Das pessoas que ficaram no Brasil e que conhecem a sua história, algum deles demonstrou interesse em imigrar para o Canadá? Sim! Eu tive amigos que me perguntaram, principalmente com essa situação que se encontra o Brasil, como poderiam vir para cá. Eu mando informações e eu já explico "dependendo da sua área pode ser que as coisas não sejam assim muito fáceis". Se você é engenheiro você terá que passar aqui na ordem dos engenheiros daqui, agora se você é da área de informática o Canadá te recebe de tapete vermelho e portas abertas. Inclusive tem um programa de recrutamento do Quebec que se chama *Québec en Tête*, isso é da cidade de Quebec e não de Montreal, eles vão até o Brasil e fazem entrevistas para trazer pessoas para cá. A pessoa já chega com um visto de trabalho e pode trazer a família, a ideia é que eles se tornem cidadãos aqui, tem a residência permanente e depois a cidadania.

Isso você observa somente com a área de TI ou acontece também com a área da saúde? A área da saúde tem as ordens respectivas, ordem dos enfermeiros, ordem dos fisioterapeutas... mas eu não acho ela tão complicada de entrar, com exceção dos médicos e dentistas, que são a mais difíceis de entrar. Enfermeiros e fisioterapeutas é tranquilo, existe uma carência muito grande e o salário é bem melhor que o do Brasil. Mas para entrar numa ordem dessas você precisa passar por exames de língua, inglês e francês, mas existe a possibilidade e ela é mais tranquila do que em outras ordens. Isso que as pessoas têm que ter em mente de que elas chegarão aqui e se tiverem algumas dessas profissões não poderão começar a trabalhar diretamente, eles terão que trabalhar em outras coisas, geralmente um sub-emprego, para pagar as contas e então estudar para passar nessas provas da ordem e aí exercer a profissão. TI é bem mais tranquila e é a maior parte do que eu vejo vindo pra cá. Tem muita gente que a partir de

uma certa idade não quer passar por uma situação dessas novamente. Você vai chegar em outro país e ter que passar mais 4 anos estudando para passar em um exame de ordem, não vou poder trabalhar na minha área e terei que ir para um sub-emprego. Você não vai ganhar muito, mas conseguirá ter um apartamento, carro, essas coisas são tranquilas. Teve gente que veio e não conseguiu passar no exame dessas ordens, se decepcionou e voltou para o Brasil. O problema de quando você volta é o esteriótipo que o brasileiro tem da pessoa que sai do Brasil achando que ela é rica, é milionária... e quando você volta para o Brasil imaginam que você está milionário já. E não é verdade. Esse é o problema, e é nesse retorno que o ego da pessoa vai lá embaixo. A pessoa que migrou nunca imagina que irá voltar e quando você volta é como se você fosse um derrotado para as pessoas "como assim você não ficou rico?". Eu lembro de quando estava participando em grupo de internet formado por pessoas que estavam imigrando para o Canadá, sempre tinha as pessoas que estavam no Brasil e queriam ir. Tinha relatos de quem estava fazendo o processo, mas nunca se tem relatos das pessoas que voltaram para o Brasil, um ou outro que falava. Muita gente fica com vergonha, se sente mal... isso porque é um plano de vida e você está colocando o futuro da sua família em jogo não somente o seu.

O que as entrevistas têm mostrado é que os perfis de brasileiros são muito ecléticos, que a rede ainda é muito recente, que tem momentos de imigração distintos... A imigração de brasileiros é bem recente inclusive nas estatísticas você nem vê brasileiros. Você vê lá as 20 maiores nacionalidades em Montreal, está lá: chineses, indianos, haitianos etc. Você portugueses, italianos, colombianos, argentino, chileno, mas você não vê brasileiros se aparece deve estar lá no final da lista. Tem também muitas pessoas que vem para cá e não notifica o consulado que está aqui, não transfere o título brasileiro para cá e por isso o consulado não te conta como uma pessoa que reside aqui. Eu acho que a imigração de brasileiros aqui em Montreal está passando por essa metamorfose, no passado era uma imigração mais voltada a famílias e para pessoas da área de TI, depois quando abriu esse PEQ você tem de tudo. Não tem mais aquela coisa "é só dessa área", e outra coisa curiosa também é que para você fazer o PEQ - isso era no passado, não sei como está agora - você tinha que fazer um *college* de pelo menos 1800h. Eu vi muitos brasileiros que faziam qualquer curso, faziam qualquer coisa de 1800h. Muitas dessas pessoas fazem esse contato com os "assessores", eu odeio essas pessoas, porque eles ganham dinheiro em cima dessas pessoas para fazer uma coisa que está tudo na internet. Eles têm contatos com esses *colleges* particulares que estão sempre à caça de alunos, porque eles vivem disso, e eles nunca falam para essas pessoas que existem os *colleges* públicos, por

exemplo, o que eu trabalho é público. Eles não falam porque eles não ganham nada. Mandam 5 opções desses *colleges* privados porque para cada aluno que mandarem eles recebem um valor. Isso é uma sacanagem com quem está lá no Brasil, ela está pagando um valor absurdo em uma assessoria. Elas não mostram a verdadeira realidade, jogam esses cursos pagos, quebequenses não vão para esses *colleges*. Eles empurram para os brasileiros.

Virou um mercado da imigração de fato... É um mercado total. Isso é um atalho, você não faz o processo de imigração tradicional que leva mais tempo onde a pessoa não quer esperar 3 ou 4 anos. Ela quer vir direto, vai pagar o valor mais alto para o *college* porque ela é estrangeira. Pagam um valor alto, na verdade eles estão comprando a imigração. O curso para eles não interessa, por que fazer um curso durante 3 anos que você não irá usar, é uma coisa muito estranha. Para que você vai perder tempo da sua vida. Eu lembro que quando estava chegando as pessoas comentavam que o Quebec dava curso gratuito de francês por um ano, eu falei "mas eu não quero fazer um curso de francês por um ano, é um tempo que eu estou perdendo". Porque eu ficaria fazendo um ano de francês e recebendo 400 dólares do governo se eu posso aprender no Brasil, estou perdendo um ano da minha vida. Desde sempre o Quebec dá um valor muito grande para a língua francesa, então se você vai trabalhar no Quebec você precisa saber. Existe uma falsa ideia de que se eu falar bem o francês eu vou arrumar um ótimo emprego, não é verdade. Você tem que saber bem o inglês e o francês, você acharia apenas um emprego "ok" com o francês. Para você ter um ótimo emprego você teria que falar as duas línguas.

Entrevista nº 2 - Diego, 37 anos (realizada em 24/06/2020)

Cidade de origem: Jacareí, SP

Formação: Técnico em Soldagem

Nível de qualificação: Graduação incompleta

Situação legal no Quebec: Brasileiro(a) que obteve cidadania canadense

Tempo de residência em Montreal: 12 anos

Idioma(s): Inglês, francês e espanhol

Em qual bairro da região metropolitana de Montreal você mora? Em Villeray Saint Michel Parc Extension, fica perto do metrô Jarie.

Você já havia feito alguma viagem internacional antes de cogitar o Canadá? Eu tinha ido para Vancouver dois anos antes de imigrar definitivo.

Você já possuía algum familiar ou conhecido no Quebec? Não, ninguém.

Você foi sozinho? Sim, eu fui sozinho.

Você já saiu empregado do país? Quando fiz meu processo de imigração era o momento do processo mais fácil, meu processo de imigração começou a 13 anos atrás mais ou menos. Eu comecei meu processo em 2003, fui para Vancouver em 2002 e comecei meu processo em 2003. O processo era mais fácil, eles não exigiam nível universitário, o francês que eles exigiam era 100h e não precisava passar por nenhuma prova como eles pedem hoje. Eu vi a possibilidade porque no começo eu tinha essa ideia de querer morar no Canadá, querer morar em Quebec não tinha esse objetivo fixo. Quando eu voltei de Vancouver comecei a estudar alemão e - por causa do destino - minha professora da Wizard me ofereceu um curso de francês com desconto. Pensei: "ah vou estudar também". Eu estava me adaptando melhor ao francês que ao alemão. Aconteceu que meu curso da Wizard não iria continuar, então a professora falou que não haveria próximo nível e eu fui buscar a Aliança Francesa em São José dos Campos. Na aliança francesa em um momento tomando café eu vi um *folder* de publicidade que dizia "você quer imigrar para o Canadá francês?", peguei esse papel de publicidade, desconfiei no começo. Depois, entrei na internet e fui entender o porquê do Quebec, o que o Quebec é diferente do Canadá, qual a diferença de um para o outro... Foi quando percebi que o que estava lá era sério. Justo quando eu comecei a fazer essa pesquisa era o momento em que eles davam seminários na Aliança Francesa sobre a imigração no Quebec, explicando do processo. Eu participei de um desses seminários na Aliança sobre o Quebec.

Essas pessoas que iam apresentar os seminários eram do governo do Quebec? Eram os próprios agentes de imigração do Quebec.

Eles eram vinculados ao escritório do governo que existia em São Paulo? Na verdade, antes o escritório era na Argentina, em Buenos Aires, só que haviam muitos pedidos. No começo do ano 2000 começou a ter muitos pedidos de brasileiros, de 2000 até 2008-2010

os pedidos aumentaram e o escritório de Buenos Aires estava limitado para fazer as entrevistas e todo o resto. Aí foi quando eles abriram o escritório em São Paulo.

Você teve apoio dos seus familiares durante o processo? Quando eu apliquei falei com a minha mãe porque eu tenho mais confiança, eu gosto não gosto de falar antes de acontecer. Guardei o segredo para a minha mãe, somente fui falar para o meu pai somente quando eu estava com o Certificado de Seleção do Quebec. Minha mãe sabia de todo o processo. Ela me apoiou, ela falou que era meu destino. Eu já tinha dado entrada no processo federal quando falei para o meu pai. Os dois me apoiaram a buscar sempre o melhor para mim.

Você teve auxílio de empresas para fazer a aplicação para o CSQ ou para o processo federal? Nada, eu fiz todo o processo sozinho via "Google". Até sobre a entrevista eu vi lá "perguntas da entrevista Quebec". Tinha uma lista de perguntas padrão que eles fazem: quem é o primeiro-ministro do Quebec; quem é o primeiro ministro do Canadá; se eu conheço algum artista famoso daqui (Montreal); se eu conheço algum filme... Eles perguntam muito da cultura, se eu conheço um pouco a história do Quebec. Me preparei sozinho. Na verdade, o site do governo explica tudo sozinho, no site ele te dá um check list de documentos e você vai fazendo, depois você manda todas as cópias para eles por correio. Eu tive uma ajuda do governo para conseguir emitir o Certificado de Antecedentes Criminais, eles me mandaram um link por e-mail porque eu estava tendo dificuldades de conseguir com a polícia.

Quais são os vínculos que você tem com o Brasil hoje? Se você tem propriedades negócios ou se você manda auxílio para a sua família. Para que os minha mãe não tire dinheiro da aposentadoria do meu pai, com todas essas mudanças do governo, e eu as vezes mando para pagar essa taxa para o governo. Eu ajudei um projeto do Brasil, projeto Cidadania, aproveitei a alta do dólar e doei 100 dólares para um 100 dólares para outro. São projetos da sociedade em geral, por conta dessa situação de pandemia eles compram cesta básica e entregam para o pessoal. Eu pensei que tinha que fazer alguma coisa pelo meu país.

Os seus pais já lhe visitaram no tempo que você está aí? Já, minha mãe veio me visitar ano passado. Ela veio duas vezes, uma há 3 anos e outra ano passado. O meu pai veio uma vez só em 2011, minha sobrinha veio uma vez e meu irmão não veio ainda.

O que motivou seu interesse em imigrar para o Canadá? Quais eram seus objetivos ao chegar na cidade? Primeiro, foi um pouco mais estabilidade e estava em busca de novos desafios. Não era nem econômico porque quando eu saí do Brasil em 2008 o país estava crescendo 7% no ano, o Brasil estava numa ponte de crescimento econômico. Foi realmente por essa estabilidade econômica, de trabalho. Eu sei que o Brasil tem as suas fases, sabia que para o futuro isso poderia pesar. Estou com 37 anos hoje, no Brasil com essa idade eu já sou considerado velho para o trabalho e eu sabia que aqui não. Aqui se eu tenho 57 anos e faço alguma coisa que eu não gosto e com essa idade decida mudar de profissão, carreira ou voltar a estudar, serei muito bem recebido no mercado. Com 37 anos eles me consideram até jovem para o mercado de trabalho, um jovem experiente. A pessoa não vai ser infeliz com o que ela faz. No Brasil, ela pode chegar aos 45 e estar infeliz com o que ela faz, mas ela continua porque ela tem que trabalhar já que aos 40 - 45 ela não vai conseguir ser contratada tão fácil mesmo se ela voltar a estudar. Ela não vai conseguir um outro emprego. Aqui pouco importa a idade que eu tenho, posso estar com 40 - 50 que serei bem recebido no mercado, não é tarde para recomeçar não.

Quando você ficou sabendo da possibilidade de imigrar o que te chamou atenção para Montreal e não ir para Vancouver? O que te fez escolher estar na região metropolitana de Montreal? A imigração era para Quebec, eu estava estudando francês para vir para Quebec. O que me fez ficar em Montreal todo esse tempo foi o acesso aos serviços do governo como a francisação, a escola, transporte público. Eu cheguei em julho, tudo era bonito e muito quente, mas eu não sabia como era o inverno e o que me esperava no inverno. Eu não queria morar em uma cidade em que o ônibus passa a cada 40min, não queria me arriscar. Eu decidi ficar em Montreal sobretudo pelo acesso ao transporte público e serviços. Pela confiança nos sistemas de transporte público e também nas escolas de francisação, que na região metropolitana de Montreal as escolas estão em Montreal apenas. Não tem em Laval ou em outras cidades.

Quando ainda estava no Brasil você tinha conhecimento das palestras do governo do Quebec fora da Aliança Francesa? Eu escutei falar na época que eu estudava na Wizard, era um pessoal que fez aula comigo. A professora perguntou qual era o objetivo deles estudarem francês e eles falaram "a gente quer imigrar para o Quebec". A professora comentou sobre a possibilidade, mas eu não fui atrás na época.

Você já veio como residente permanente e por esse motivo quando você chegou o objetivo inicial era trabalho? Ou você estudou, se requalificou? Quando eu cheguei aqui meu objetivo principal era aprender o francês, eu sabia que sem o francês aqui eu não seria nada. Já me virava no inglês, mas eu tinha como objetivo aprender o francês. Trabalhei em um bocado de coisas, mas estudando o francês. Entrei na universidade aqui, fiz um técnico em ciência, tive que parar porque o curso era tempo pleno e eu tinha que trabalhar. Fiz uma pausa, fui fazer outro técnico em soldagem.

Você chegou a trabalhar na área? Cheguei a trabalhar quase um ano na área. Estava com planos e ganhar experiência para entrar na STM, que é a empresa de transporte público, e trabalhar na manutenção; ou trabalhar na manutenção de trem. Apareceram outras oportunidades e eu acabei seguindo outro caminho.

Olhando o para o seu processo hoje, você pensou que a residência permanente era o único caminho para a imigração? Ou você sabia de outras possibilidades? Quando fui para Vancouver eu pesquisei sobre as possibilidades de imigração e eles me disseram que eu poderia estudar, sobretudo estudar informática. Era um valor alto, 20 mil dólares por ano, era caro. Isso faz 15 anos, já era muita coisa. Eu voltei de Vancouver, mas não tinha definido "eu vou morar lá", as coisas foram acontecendo naturalmente. Eu ia voltar para o Brasil, não iria ficar trabalhando lá ilegal.

Quais foram os conflitos que você vivenciou ao longo do processo de aplicação? Você teve ajuda de outras pessoas para solucioná-los? Durante o processo eu fui na cara e na coragem, não existia Facebook nem WhatsApp e a única ferramenta que eu tinha era Google. Não tive auxílio de ninguém. Toda dúvida eu buscava na internet. E eu não conhecia ninguém que estava aqui. Cheguei do zero mesmo. Cheguei aqui e fiquei em um albergue. Tinha o meu francês da Aliança, mas quando eu cheguei aqui percebi que meus 2 anos de francês não serviram para nada (rsrs).

Você foi direto para Montreal ou passou em alguma outra cidade? Eu vim direto para Montreal.

Como foi o seu processo de adaptação? Sentiu familiaridade com os costumes e hábitos? Tudo é completamente diferente, a questão da segurança e da educação das pessoas foi um choque grande para mim no início. Teve o choque da língua que foi bem difícil no começo.

Você conseguiu encontrar trabalho assim que chegou? Eu passei um tempo, assim que cheguei tive que correr atrás de documentos. Tem que tirar o cpf daqui que é o NAS; tinha que tirar minha "*Carte de Maladie*", que funciona como o cartão do SUS e todos os documentos. As três primeiras semanas eu tinha que correr com os documentos e também de lugar para ficar. Encontrei um quarto e tive que comprar minhas coisas pouco a pouco. No primeiro mês foi buscar onde ficar, no segundo foi procurar trabalho. Meu primeiro emprego foi numa empresa de cabides, mas como tinha muito imigrante e muitos indianos eu consegui me virar bem com o inglês já que ela não exigia o francês. Ao mesmo tempo que eu estava lá trabalhando comecei a francisação, um de manhã e outro à tarde.

Nessa época se recebia para fazer o curso de francisação? Na época eles pagavam para quem estudava em tempo completo, mas para quem fazia meio período como eu eles não pagavam. Hoje eles pagam.

As suas maiores dificuldades se referem ao idioma? Sim, foi por conta do idioma. Se não entende você não pode falar, e por não falar você acaba se frustrando e ficando com medo de falar.

Ao longo tempo que você reside em Montreal você foi vítima de alguma situação de preconceito relacionada a sua nacionalidade, cor de pele ou por conta da língua? Já, já. Em restaurantes quando você está falando em português alguém olha e fala "aqui no Québec você tem que falar francês". Até hoje a gente escuta. Você sempre escuta isso. Eu tenho alguns amigos hispânicos e em alguns momentos alguém fala "aqui vocês têm que falar francês". É insuportável. Essa coisa tem em qualquer lugar.

Você chegou a se graduar no Quebec? Não, não cheguei a fazer faculdade.

Você teve auxílio do governo para alcançar seus objetivos profissionais? No segundo ano o governo me emprestou três mil dólares por conta do curso. Só que eu não tinha como pegar bolsa porque precisava estudar mais horas por semana. Uns dos motivos de eu ter parado de estudar era por conta dessa condição. Eu fiquei 2 meses e meio, mas estava puxado para mim. O técnico era em tempo integral e por isso consegui pegar emprestado com o governo.

Você foi para Montreal com uma reserva financeira? Se sim, por quanto tempo ela te sustentou? Quando você fazia a entrevista de imigração tinha que ser comprovado um custo de vida de 3 meses. Como o custo de vida na época aqui era barato tinha que ser comprovado 1.300 por mês como gasto, como um mínimo para se manter por três meses. Mas logo que eu cheguei já comecei a trabalhar então não tive muito problema não. Eu não esperei a reserva acabar para ir atrás, eu corri enquanto ainda tinha porque aí têm fôlego para respirar. Eu ganhava pouco e usava minha reserva para completar, não cheguei a acabar com tudo.

Você tem contato com outros brasileiros em Montreal? Se sim, qual o nível do vínculo construído entre vocês? Eu tenho sim. Tenho amigos que eu sou bem próximo mesmo, como família. Na verdade, é como uma família já que eu não tenho ninguém aqui. É gente bem próxima mesmo que eu passava o Natal junto, a gente sempre se encontra e vamos no parque. Tinha uma amiga e nós fomos para Mont-Tremblant, a gente sempre está sempre junto nem que seja para tomar uma cerveja e fazer algo juntos.

Você teve auxílio de outros brasileiros ou quebequenses para encontrar oportunidades ou fazer *network*? Quem me ajudou neste termo de *network* foram os latinos mesmo, colombianos... Foi realmente para entrar no mercado de trabalho. Eu tive ajuda de uma colombiana que me indicou para uma oportunidade de trabalho e foi a partir desse emprego que arrumei outros. Foi a partir dessa colombiana que trabalhava numa empresa de limpeza, o chefe era chileno e tinha morado no Brasil e falava português enquanto meu francês ainda era pobre. Ele me ajudou em tudo, até na entrevista ele estava do meu lado e quando eu não entendia ele respondia por mim na entrevista. Foi um dos que mais me ajudaram, essa colombiana e meu chefe chileno. Tive muita sorte.

Depois de adaptado você prestou auxílio a outros brasileiros recém-chegados ou que tinham interesse em migrar? Bastante, no começo mais. Teve um casal de brasileiros que eu cheguei a alugar meu apartamento, eu tinha um apartamento de um quarto com sala e cozinha que aluguei para eles e fui morar com uma amiga. Ajudava bastante os brasileiros, tanto que eu tenho um amigo da minha cidade que hoje está aqui mas foi eu que dei o empurrão para ele. Ele sabia que eu estava aqui e veio me perguntar "poxa, que legal que você está no Canadá" e eu falei para ele "vai na Aliança Francesa, se inscreve no francês, entra no site da imigração Quebec", ele foi fazer um curso intensivo e conseguiu o número de horas que tinha que comprovar, deu a entrada e está aqui também hoje.

Ele também saiu como residente permanente na época? Sim, ele já saiu direto como residente.

Além dele, houve outras pessoas que souberam da imigração através de você ou ele foi o único caso? Teve uma outra menina também que conseguiu a residência permanente, mas ela não ficou. Ela veio, ficou alguns dias aqui em casa, mas foi sem pegar a carteira de residente permanente dela. Ela estava com um pouco de medo de deixar o trabalho e tinha começado um namoro no Brasil, ela ficou em cima do muro.

Durante o tempo aí você teve conhecimento de alguma associação voluntária de brasileiros voltada a cultura ou para auxílio de outros brasileiros que estão chegando? Você tem conhecimento? Hoje sim, sei que tem grupos mesmo que seja no grupo de Facebook. Principalmente depois desses grupos eu percebi que os brasileiros se ajudam mais, tem grupo de doações... Quando eu cheguei aqui não tinham essas associações, não tinham muitos brasileiros aqui ainda em 2008. Tinha a associação luso que era misturado brasileiros, portugueses e africanos, mas hoje eu descobri que tem. Tem centro espírita brasileiro, hoje eu sei que tem bastante associações que ajudam os brasileiros.

Você frequenta esses lugares? Não cheguei a frequentar nenhuma vez.

Você tem conhecimento dos auxílios do governo para os recém-chegados? Quando eu passei na entrevista do CSQ e que eu fui aceito, recebi do pessoal da imigração uma folha que dizia tudo o que fazer quando chegasse aqui. Ele disse "chegando lá você terá que ir nesses

aqui e tirar o seu *nombre d'assurance sociale*, você terá que tirar a sua carta *assurance maladie* (que funciona como a do SUS), você terá que buscar a francisação, etc" ele me deu uma lista de escolas de francisação. Ele me deu vários papéis com telefone e endereços de todos os serviços. Eu sabia que o governo ajudava, mas na época para mim valia mais a pena eu trabalhar e estudar meio período do que ficar na ajuda do governo, porque era muito pouco. Para quem estudava em tempo integral o governo pagava 500 dólares, acho que era 140 por semana. O básico mesmo para a pessoa pagar o transporte e comer alguma coisa, mas não pagava o aluguel. Sabia dessa ajuda do governo, mas banco alimentar eu não sabia, fiquei sabendo de uns anos para cá.

Depois de descobri-lo você chegou a usar desse serviço? Desses 12 anos eu acho que a única vez que eu usei foi mês passado, fui mandado embora por causa da pandemia e fiquei no seguro-desemprego. Fiquei 3 meses com demissão temporária. Tenho um amigo que busca, só que ele fala que vêm muita coisa só para ele e ele dividiu o dele comigo. Foi a única vez que eu utilizei.

Desde o tempo que você está em Montreal em algum momento ouviu falar sobre possibilidade de se tornar um cidadão canadense? Eu já tenho a cidadania também, mas quando eu vim para cá com a residência permanente eu já sabia da possibilidade e das regras. Não lembro como fiquei sabendo, mas eu já sabia que depois de três anos aqui eu tinha direito a cidadania canadense. No governo anterior eles colocaram algumas barreiras, porque quando eu cheguei você precisava ter três anos somados para você pedir a cidadania e depois desse governo você teria que estar a cinco. Teria que ter ficado cinco anos no Canadá dentro de sete anos. Exigiam também teste de francês ou inglês, que passou a ser obrigatório.

Hoje você pensa em voltar para o Brasil? Ah não. Não penso em voltar para o Brasil, hoje seria muito difícil para me acostumar com a cultura de novo. Eu amo meu país, mas a cultura agressiva do país me afeta muito. Eu to acostumado aqui com a educação, o pessoal é mais tranquilo para dirigir e respeita o limite de velocidade. Se ela ela quiser ir mas rápido ela vai desviar de você e seguir sem te ofender, agora se você no Brasil a pessoa iria jogar o farol alto e buzinar. Pra mim é muito estressante dirigir no Brasil. Só estou dando esse exemplo, mas existem muitos outros sem ser no trânsito. Esse tipo de agressividade me choca muito, talvez para as pessoas que se acostumaram é tranquilo, mas para eu que chego ai me afeta muito. Vou

passar um tempo com a minha família, mas quando passa três semanas eu já quero voltar, é quando eu começo a entrar no cotidiano no Brasil que eu vejo que isso não é para mim. É quando bate o desespero, quando eu volto mesmo que tenha a neve eu digo "graças à Deus, cheguei em casa".

Entrevista nº 3 - Ana, 36 anos (realizada em 01/07/2020)

Cidade de origem: Florianópolis/SC

Formação: Mestrado em Geomática

Nível de qualificação: Mestrado completo

Situação legal no Quebec: Brasileiro(a) que obteve cidadania canadense

Tempo de residência em Montreal: 10 anos

Idioma(s): Inglês e francês

Qual é o bairro da região metropolitana de Montreal que você reside? Na verdade eu moro na Ville de Longueuil, fica no Montreal-Sud e é fora da ilha de Montreal, e em Longueuil eu moro no Vieux-Longueuil que é a parte mais antiga da cidade. Eu moro em um bairro que é considerado de classe média baixa, que tem muitos blocos de apartamentos. É uma região com bastante imigrantes.

Antes de ir morar em Quebec você já havia feito alguma viagem internacional? Tinha ido para o Peru, tinha ido visitar Machu picchu.

Na época em que você estava indo para Montreal você já possuía algum conhecido na cidade? Quando eu comecei o processo não, eu fiquei sabendo quando comecei a falar para os meus amigos, tinha um irmão de uma amiga que estava vindo e que hoje em dia ele mora aqui ainda e a gente é bem próximo. Mas a gente meio que fez o processo ao mesmo tempo, que foi a época que tinha escritório aí em São Paulo. Quando a gente começou a fazer essa fase de entrevista e tinha que ir para São Paulo, a gente conheceu algumas pessoas lá. Algumas delas vieram antes da gente. E quando eu vim morar pra cá tinha algumas pessoas que eu conhecia, mas quando começamos o processo nós realmente saímos do nada.

Você havia comentado que tinha feito seu processo com seu ex marido, então quando vocês aplicaram o processo foi através dele? Sim, ele estava como aplicante principal porque ele era formado como técnico em eletrônica, ele tem uma graduação em geografia aí na federal (UFSC) e tem um mestrado em geografia e hidrologia também aí. Mas ele conseguiu vir para cá com o diploma de técnico em eletrônica dele.

O mestrado nem chegou a pontuar nada? Pontuou porque eles queriam alguém que tivesse ensino superior, eles fazem aquelas continhas "têm ensino superior? tantos pontos" mas a formação de base em que ele foi aceito foi o técnico. Nunca trabalhou aqui, o processo é meio bizarro. E eu vim basicamente aceita para ser professora. Eu fiz o bacharelado e a licenciatura em geografia e aí eu apliquei como professora que dava mais pontos e então fui aceita.

Na época que você aplicou eles exigiam um nível intermediário de francês? Não, na teoria eles diziam que sim. Eu fiz duas sessões de francês na Univali porque eu morava em Tijucas-SC nessa época, mas era coisa super de base. Quando eu cheguei para fazer a entrevista meu ex marido falou um pouquinho mas coisas muito de base. O que eles queriam saber na verdade era se nós tínhamos pesquisado um pouco sobre as cidades e como que era o mercado para emprego. Eu só corrigi ele dizendo que meu nome não estava certo, foi tudo que eu falei em francês. Era outro tempo, era uma grande janela aberta que eu não sei se voltaria.

Você acha que talvez seja uma janela que não se abra mais? Olha, está diminuindo tanto a quantidade de trabalhadores no mercado que eles não vão ter outra escolha. Só que agora com o governo que está vai ter que esperar um pouco mais.

Quando vocês decidiram ir houve apoio da sua família para o projeto? Sim, meu pai achou maravilhoso dizer para as pessoas que tem uma filha que ia morar no exterior, mas apoio... Ninguém fazia ideia do que a gente estava embarcando. Minha mãe tinha muito medo que a gente não conseguisse emprego, eu estava grávida e ia ter um filho depois de três meses da minha chegada aqui. Eu sempre me virei muito sozinha então eu só avisei eles na verdade. Apoio tinha no sentido de "a gente está aqui torcendo para vocês" mas nunca tive apoio financeiro, nada. Eles não têm muita experiência de vida no exterior, meu pai foi uma vez para a Itália faz uns dois ou três anos e minha mãe nunca viajou. Eu venho de um meio sociocultural que não tem essa experiência de explorar o mundo, eles fizeram o máximo que eles podiam que era rezar.

Você manteve contato com as pessoas que conheceu durante o processo de aplicação? Você ficou sabendo se elas conseguiram ou se o processo foi barrado? Das pessoas que a gente tinha mais contato eu acho que elas ainda estão aqui.

Hoje os vínculos que você mantém com o Brasil são a família? Você não deixou mais nada que te prenda lá? Não. Olha se eu voltasse para o Brasil eu seria novamente imigrante e teria que reconstruir tudo mais uma vez. Aqui está um momento de crise também, mas eu posso dizer que a principal coisa que eu acho que é a diferença, primeira coisa que eu acho, é eu sendo mulher e sair sozinha de noite na rua sozinha de carro e eu não ter medo. Eu sei que vou voltar para casa. Eu vou fechar meu carro e não preciso sair correndo porque tem alguém me olhando. E a segunda coisa é eu sendo mãe solteira com duas crianças e ter uma vida razoavelmente estável sem precisar ir morar com a minha mãe pra poder passar essa fase difícil. Não é fácil, mas é mais fácil que estar morando no Brasil nesse momento. Eu consigo me virar melhor sozinha, eu diria. A parte mais difícil é que a sua rede de suporte é muito pequena, eu não tenho um avô ou uma tia que eu posso dizer "estou com problema, me ajuda". Mas ao mesmo tempo a escola e a maneira como é construída me permite trabalhar, diferente do Brasil.

A sua família já demonstrou interesse em estar com você, ou até mesmo seus colegas? Pessoas que viram através de você que Montreal é uma oportunidade. Teve alguns amigos meus que comentaram, coincidentemente da UFSC, a maior parte de pessoas da área de humanas e para essas pessoas não é fácil. Com o processo de imigração nenhum deles seguiu adiante com a ideia porque custa muito caro e tem toda essa questão de ter que vir para cá e estudar para poder conseguir o visto. Da minha família tem um certo interesse da minha sobrinha, talvez de estudar inglês, mas a gente não é um pessoal que sai muito de onde a gente vem. Eu que fui morar em Floripa e nunca mais voltei já é uma coisa como sair do ordinário.

Você mantém um contato frequente com a família? A gente se fala bastante e a gente se mete um na vida do outro como se faz em família.

Como você e seu marido ficaram sabendo da possibilidade de ir para Montreal? Naquela época, se a gente quisesse sair do Brasil as únicas portas que estavam abertas para brasileiros legalmente eram Austrália e Canadá, que você podia aplicar e ir trabalhar. Aí tinha

um amigo que chegou e disse - "nossa, fiquei sabendo que está tendo umas palestras em São Paulo que o Quebec está querendo imigrantes. Vamos, vamos" - a gente falou "beleza", era um pessoal super gente boa. Aconteceu um mês depois, ele mesmo disse "ah eu não vou é muito difícil, minha profissão não é reconhecida" e a gente continuou e ele ficou. Foi por acaso assim.

E o que motivou vocês a seguirem com o projeto? Quando eu tinha 10 anos nós recebemos uma intercambista que vinha do Canadá, foi a primeira pessoa que eu conheci que vinha do exterior. Imagina que lá nos anos 90, Pato Branco não tinha internet, não tinha nada. Então quando eu conheci essa pessoa eu vi que existia um mundo que eu não conhecia e lá que começou a história da geografia também. De lá eu queria fazer um intercâmbio, mas meus pais não tinham condições e eu falei "ah beleza, um dia eu farei sozinha". Aí quando chegou esse amigo e falou que o Quebec estava de portas abertas - sabia que existia o Canadá e tinha algumas informações gerais mas não conhecia em detalhes. Eu comecei a colocar pilha e acabou funcionando. Meu marido gostou da ideia também, a gente queria formar uma família e ter mais possibilidades de educação para os meninos. A partir do momento que você começa a investir dinheiro você não quer que termine, né?

A questão da carreira acadêmica não foi uma âncora para você ficar no Brasil? Naquela época não era fácil ser professora, eu imagino que hoje seja ainda mais difícil e por mais que eu goste de pesquisa fazer um doutorado eu não sei se é para mim. Eu nunca tive essa paixão de seguir esse caminho e me especializar, eu sempre gostei muito de fazer várias coisas e isso não ajudou. Eu acabei fazendo vários mestrados, mas não parti para o doutorado, eu não sei se a carreira acadêmica é para mim.

Quando vocês chegaram no Quebec houve a ideia de voltar a estudar ou validar o que você já tinha de estudo e trabalhar com isso? Eu acho que a linha não é tão bem dividida assim, tem muito da expectativa. Ai eu estou falando num contexto das ciências humanas porque tem muitas pessoas que chegam aqui e vivem uma experiência completamente diferente dependendo da área de formação. Quando cheguei aqui tentei procurar emprego como geógrafa, não sabia exatamente o que faziam os geógrafos aqui, mas aí falei "ah, vou mandar o meu currículo e ver o que acontece" nunca recebi uma resposta. Primeiro porque meu nível de francês era muito baixo, eu não era fluente. Na verdade, eu não falava quase nada, pensei em abandonar tudo e fazer o curso de chef, virar cozinheira. Depois, abandonei isso e voltei a estudar, eu comecei a fazer um mestrado aqui na área de geomática, que é o que eu queria fazer

quando terminei o mestrado na UFSC. Eu acho que a principal coisa que faltou foi não ter uma rede de contatos, não conhecendo pessoas é muito difícil arrumar um emprego aqui.

O seu interesse em fazer geomática partiu somente da sua vontade ou você identificou como uma tendência? Os dois. A questão com o mercado de trabalho aqui é que as vagas não estão expostas nos sites, e eu tinha o meu filho dizendo que era uma boa área, que tecnologia sempre vende e eu conseguiria um trabalho.

E o governo ofereceu alguma oportunidade para você se inserir, uma bolsa...? Olha, pode ser que apareça minha parte mais crítica aqui. Eu cheguei grávida, ninguém me ajudou em nada. Eu passei 8 meses em casa, fui em um lugar pedir ajuda e eles disseram "você está grávida, eu não posso te ajudar, quando seu filho crescer você volta aqui que a gente te ajuda". Ai nesses 8 meses eu comecei a fazer a francisação que é um programa do governo, então nessa parte teve apoio. Eu fiz o nível 2 e 3 da francisação mais um nível de francês escrito. Quando estava nessa parte eu comecei a mandar os currículos, mas não tive muita resposta, não tive muito apoio, fui em um lugar que me ajudou a fazer meu currículo e não tive uma resposta também. O currículo não era bom de todo modo, a maneira que foi feito não estava boa. Bom, aí eu pensei em voltar a estudar porque eu poderia pedir o empréstimo-bolsa deles aqui. E foi a maneira que eu achei para me manter até resolver, até conseguir um emprego e achar meu caminho profissional. Teve apoio financeiro porque eles oferecem para todo mundo, mas não teve um apoio especial imigrante "a gente te ajuda no teu percurso inicial", e é uma coisa que tem mais hoje do que antes.

Você teve muitas barreiras? Pensando nessa condição de estar esperando um filho. Como foi essa adaptação para você? Meu filho nasceu 3 meses depois que eu cheguei. Esses 3 primeiros meses era montar a casa, achar um lugar para ter o meu parto e fazer consulta e comer bem. Não era fácil no início porque eu cheguei aqui e não falava bem o francês, eu conseguia aprender algumas coisas vendo televisão e indo no mercado. Eu cheguei e o pessoal da francisação disse que o meu parto estava próximo e por isso não poderia estudar, tinha que esperar ele nascer. Depois que ele nasceu eu não tinha lugar numa creche e tinha que esperar ele ter seis meses para ele ir e eu poder fazer alguma coisa. Nesse período não tinha o que fazer, não tinha ajuda. Poderia ter algum grupo comunitário, mas eu não conhecia. Não procurei também, não tinha conhecimento de nada que estava acontecendo. O fato de você ter uma

criança pequena e não falar bem a língua tem as suas dificuldades. A primeira creche que ele foi era muito cara mas a gente não conseguia vaga em nenhum lugar e a creche era meio estranha e nós não sabíamos disso porque era a única que a gente conhecia. Nós acabamos entrando nessa roubada porque não sabíamos que poderia ser melhor. E como você vem de uma experiência pior ou com muito menos apoio, de você não ter apoio para ter quase nenhum é bom. Difícil foi, ser imigrante continua sendo um desafio. Mas o início é duro, eu ouvia muito comentário que meu nível de francês era muito ruim, tinha toda a frustração de você ter que gerenciar ter filho pequeno com o trabalho. Nem todas as empresas têm essa conciliação trabalho-família. Eu tenho uma experiência diferente porque eu cheguei grávida, eu tive meu filho quando eu tinha 27 e os jovens daqui estão começando a explorar e viajar o mundo, eles tentam alguns pequenos trabalhos. Tentam a carreira de músico e quando não dá certo vão para a universidade (rsrs). Mesmo as relações de amizade quando eu falava que tinha filho pequeno era diferente. Sempre foi visto como "porque você se casou e teve filho muito cedo?".

Foi difícil construir um *network* que pudesse compreender a sua realidade de fato não é? Mas continua porque agora tenho 36 e tendo filhos tão velhos assim, enquanto a maior parte tem filho pequeno com seis, cinco, quatro... e os meus já estão em outra fase. É uma diferença cultural que às vezes não é percebida aqui.

E seu ex marido conseguiu se inserir na área de formação dele? Durante esse primeiro ano que eu fiquei em casa. Meu ex-marido voltou a estudar, ele começou a fazer um certificado em geologia na UCAM, nesse primeiro período a gente sobreviveu com a bolsa que ele tinha. E as crianças recebiam dinheiro do governo que eles dão para todos os pais. Depois desse período, quando eu comecei a estudar, ele continuava estudando e depois ele conseguiu um emprego na área dele. Foi dois anos em que ele estudava e eu comecei a fazer a francisação e depois iniciei os estudos também. Ninguém tinha emprego.

E como vocês enfrentaram esse processo? Houve sequelas? Com certeza ficou e eu diria que uma das consequências do processo e desse período duro foi o divórcio. A gente acaba crescendo e mudando, as coisas não são tão fáceis assim. Teve a questão de ter filho pequeno mais a condição de estar em outro país. Eu também tive depressão pós-parto e não tinha a minha família. Foram várias coisas no percurso e também de frustração profissional que acabou puxando. E eu te diria que não foi completamente superado, passaram 10 anos e ainda tem

sequelas. Não é fácil. Principalmente sobre a saúde mental, a questão falta de ter uma rede de suporte e também o frio. O inverno é muito longo. E o Brasil não é como o México que em 4 horas vocês está lá e passa um mês ou uma semana e volta pra casa. É uma distância que não é facilmente superável. Eu tenho muito amigos imigrantes, principalmente latino-americanos porque a gente é muito mais próximo um do outro, que tiveram um período de saúde mental afetada com a imigração.

E eles tinham filhos também? Alguns até tinham, alguns vieram com seus filhos pequenos. Eu sou a única pessoa que conheço que veio grávida de todos os imigrantes que eu conheci até hoje. Com certeza minha experiência foi diferente. Ter um bebê no Canadá... enfim, passou e eu não sei se faria de novo.

E com todo esse processo a sua família não pediu para você retornar? Ou você não compartilhou isso com eles? Não, porque eu sabia que só traria sofrimento e de todo modo eu sabia que eles não poderiam me ajudar. Você acaba sofrendo sozinho. No momento do divórcio sim, conversei com a família e eles nunca me disseram "volte para o Brasil". Mas às vezes eles perguntam "e aí quando é que você volta?". As pessoas que não são muito próximas desconhecem que não há para onde voltar, alguns dizem "não passou muito tempo? Tá na hora de voltar!". Aí você explica que não tem para onde voltar. Até se eu voltasse eu não saberia para qual cidade iria, onde trabalhar... e mesmo para os meninos não é uma boa opção de educação para eles, só se eles quiserem muito.

O que mudou na condição de migrante quando se compara a Ana que chegou com a Ana que hoje é cidadã canadense? Uma das coisas que mais eu acho positiva de ter passado um tempo e ter aprendido mais a viver nessa sociedade é ver a diferença do papel da mulher aqui. Essa coisa de sempre estar em segundo plano que eu sentia no Brasil eu não sinto aqui. Eu não via isso no início, eu agia de uma maneira parecida com que a gente age no Brasil de sempre se colocar a disposição e ter essa coisa de serviçal, responsabilidade com filhos e tudo. Isso é uma coisa que eles me ensinaram. Outra coisa que mudou é eu não ver mais o Canadá como via antes, é um país com os seus problemas. Existe preconceito, existe seus problemas sociais, tem que aprender a gerenciar, mas a gente é capaz de viver bem. Eu era muito sonhadora no início e agora sou mais pé no chão, "vamos entrar na onda deles" e o importante é ter uma semana para ir para Cuba.

Hoje você tem uma rede de contatos de brasileiros que você criou ao longo desta história? Tenho.

Eles chegam a fazer parte da sua rede de convivência? Tem sim. Há muita gente que vai e vem, alguns que são constantes. Têm os estudantes que vem no verão, você conhece e depois tem um período que você faz atividades juntos, mas que depois vão embora. E acaba que você tem vários amigos que estão em vários lugares do mundo. Aqui eu tenho um pessoal que estão no churrasquinho de sempre, tem o curso de samba... A comunidade se encontra. Esses dias meus filhos chegaram em casa com um sonho na mão e eu disse "onde vocês conseguiram um sonho", o pai deles os tinha levado em uma padaria. São pequenas coisas que a gente acaba entrando em relação tanto na parte de compra de produtos específicos até com a coisa de fazer uma festa. Querendo ou não essa interação acontece muito mais com os imigrantes do que com os quebecois.

Você percebeu diferenças na presença de associações culturais, padarias, etc., do tempo que você chegou e do momento presente? Sim. 10 anos atrás não tinha nem polvilho para comprar. A gente ouvia falar de um açougue aqui em um bairro vizinho que teve em algum momento tinha um brasileiro que sabia cortar picanha, era o único que sabia. Hoje em dia tem padarias, botecos, tem muita gente que faz salgadinhos. Eu diria que começou a aumentar mais ou menos entre 2010 e 2015, nesse momento aumentou bastante. Agora você acha para todos os gostos. O pessoal está se especializando. O homem vem com um visto de trabalho e a mulher tem que arranjar o que fazer, a mulher nem sempre tem o visto de trabalho ou de estudo. Elas acabam fazendo salgadinhos, unhas ou cabelo, do mesmo jeito que a gente sabe se virar no Brasil. Isso era uma coisa que não tinha antes, eu e meu ex-marido viemos como profissionais, viemos com CSQ (*Certificat de Sélection du Québec*) na mão os dois, já estávamos a caminho da cidadania e já podiam arrumar emprego. Hoje em dia não é mais assim. Então tem um bico que você faz aqui, uma costurinha que você faz lá.

Você teve que se submeter a trabalhos sem qualificação antes de estar inserida na sua área de formação? Meu diploma foi reconhecido. Vou contar essa peripécia profissional. Eu fiz o bacharel e a licenciatura no Brasil, fiz o mestrado com a Leila, chegando aqui eu fiz um primeiro mestrado na geomática ligado a recursos naturais - esse eu fui quase até o final,

mas recebi uma oferta para fazer um outro que é mais geomática voltada a pesquisa. Nesse percurso, antes de começar esse mestrado, tentei arrumar emprego somente com o meu currículo, meu nível de francês não era bom, não tinha muitos contatos, minha experiência tecnológica não era muito boa. Nesse meio tempo, fui trabalhar em uma cozinha industrial de marmitas onde meu trabalho era fechar marmitas de ervilhas para serem entregue em uma creche, consegui ficar lá 3 dias (rsrs). Fora isso, tentei trabalhar como garçoneiro, mas eu não sou muito hábil. Já fiz vários pequenos projetos, mas até arrumar meu emprego que eu estou hoje em 2017 eu acabei vivendo com a minha bolsa de estudos do mestrado que veio do governo.

Você prestou auxílio a outros brasileiros que estavam em seu começo de jornada?

A gente sempre ajuda. Quando eu já estava empregada eu tive que contratar um estagiário, aí uma brasileira que morava perto de onde eu trabalho mandou o seu currículo. Eu não conhecia ela, ela não foi escolhida. Para não gerar um conflito eu perguntei para o meu chefe "eu posso ajudar ela?" e meu chefe falou sim. Eu conduzi ela um pouco nas coisas que ela queria, consegui dar um pequeno mandado de trabalho para ela ter uma pequena experiência canadense. Depois, em função disso, ela conseguiu um primeiro emprego temporário em uma cidade com esse meu chefe. E agora ela está trabalhando como funcionária municipal em função dessas experiências de trabalho que a gente acabou achando para ela. Quando você tem uma rede é tudo. Teve muita coisa na universidade também, dicas de assuntos de imigração quando era da mesma maneira. Arrumar trabalho é difícil mesmo, mais fácil para quem é da sua área mesmo. Outro tipo de auxílio que é difícil de saber que existe é sobre o divórcio, tem muita gente que chega aqui e se divorcia. A vida muda, os interesses mudam. Têm grupos de apoio para mulheres divorciadas, têm grupos para mães solteiras brasileiras divorciadas. São informações de como não cair nas "pegadinhas" legais. Esses grupos têm tópicos mais específicos é mais fácil você ajudar, você conta sua história e a pessoa que tem alguma dificuldade têm uma rede que se cria no entorno dela. Tem grupo que trata de violência doméstica, tem grupos de mães com crianças, pais com crianças, etc. É aquela coisa da falta de alguém que entende da sua realidade para conversar sobre determinado assunto.

Sobre diferentes redes de migrantes em Montreal e mudanças nos migrantes brasileiros: Os chineses e os indianos têm uma história que foi construída com os canadenses,

por exemplo, os chineses vieram aqui para construir os caminhos de ferro. Os indianos também têm uma grande comunidade que vive aqui. O brasileiro está pipocando na imigração. Tenho uma amiga que está aqui há 30 anos, ela comentou que quando ela veio para cá era ela sem conhecer ninguém e ela se virou. A família do marido dela era de poloneses, ela se colou na família do marido e ficou nisso. Hoje em dia que começa essa pequena comunidade. Comentei que havia uma pequena comunidade de brasileiros se formando perto de uma estação de metrô, o nome dela é Cadillac. Não sei como começou, mas ali existe uma comunidade se formando. Mas é uma imigração muito recente que não teve tempo de se organizar ainda ao meu modo de ver. Outra coisa que é diferente se refere ao status que vêm os imigrantes, conhecendo algumas pessoas que estão em Toronto vêm para tentar a vida e quando você vem dessa forma há uma dependência em outras pessoas: para manter o segredo que você está ilegal, para te dar um primeiro emprego por debaixo do pano. São coisas que te aproximam mais das pessoas porque você é dependente da ajuda delas por não poder pedir ajuda do governo. As pessoas de Montreal eu vejo como mais independentes porque já vem com um nível de estudos muito mais elevado; pessoas que, em consequência disso, acabam falando a língua muito mais fácil, duas línguas até para poder entrar no mercado de trabalho. O que resulta em uma não criação desta dependência.

O que você percebe como um determinante no processo migratório? O que eu percebo em Montreal, em sua grande maioria, são pessoas de uma classe média alta. Brasileiros de classe média alta que já tiveram boas oportunidades no Brasil. Para mim essas boas oportunidades no Brasil permitem a essas pessoas de conseguirem um visto antes de vir para cá. Para quem é da área de TI o pessoal já vem do Brasil com o visto. E não é uma fuga do Brasil, é um sentimento de querer alguma coisa melhor. Eu vim para cá com duas malas, uma barriga e 7 mil dólares, era tudo o que eu tinha. Todo o dinheiro que eu ganhei como professora da UFSC eu guardei para vir para cá, e se acabasse o dinheiro não tinha mais, não tinha onde buscar. Mas eu era legal e poderia tentar me virar, o que é uma diferença. A maior parte das pessoas já vêm com casa alugada, com pessoas para fazer a mudança e tem gente que traz os móveis do Brasil por contêiner. Então a realidade que a pessoa tinha no Brasil é a primeira influência e o fato desse meio de onde ele vem permitir algum visto e com nível profissional que permita uma escolha.

Entrevista nº4 - João, 32 anos (realizada em 02/07/2020)

Cidade de origem: São Paulo, SP

Formação: Graduação em Direito

Nível de qualificação: Graduação completa

Situação legal no Quebec: Brasileiro(a) em processo de obtenção de residência permanente (candidatos que já aplicaram - ARRIMA ou PEQ)

Tempo de residência em Montreal: 4 anos e 9 meses

Idioma(s): Inglês e francês

Em qual bairro da região metropolitana de Montreal você está mora? Eu moro no bairro chamado Villeray, não sei se você conhece bem aqui a cidade, mas é próximo da estação Jarry do metrô.

[Pergunta feita posteriormente por e-mail] **Você já fez alguma viagem internacional antes de cogitar ir para o Canadá?** Eu fiz viagens por puro turismo. Eu fui pros EUA com uns 12 anos. Depois, já adulto, fui pro México. E pouco antes de vir morar no Canadá eu viajei para Portugal e Inglaterra, mas já sabendo que viria morar no Canadá.

Quando decidiu ir para o Canadá você já tinha algum conhecido no Quebec ou até mesmo no Canadá? Não, não conhecia ninguém. Foi um tiro no escuro. Eu me lembro bem até quando eu decidi vir para cá eu era casado, eu vim com a minha ex-esposa a gente procurou no Google Maps mais ou menos tipo onde a gente gostaria de morar, e a gente achou uma estação de metrô usando o Google Street View pra dar uma olhada nas casas, a gente gostou muito do bairro e decidiu morar aqui. E depois de um tempo quando tudo começou a dar certo eu consegui o visto de estudante e ela conseguiu o visto de trabalho ligado ao meu visto. Eu estava com os estudos encaminhados, a gente contratou uma moça e conseguiu alugar uma casa exatamente naquele bairro. Depois que a gente se mudou para cá e foi para aquele bairro, não tínhamos a menor noção de onde a gente estava, era meio afastado do centro. Não era muito bom não... é bom mas não era bom para gente. E a gente também não tinha ideia nenhuma de inverno e distância do metrô, então a gente chegou em agosto né - o verão estava bombando ainda – e estava até que tranquilo, a gente andava até o metrô que dava uns 10-15 minutos numa boa. Quando chegou o inverno a gente não conseguia andar pro metrô, era muito frio. Aí a gente

começou a depender dos ônibus, aí você percebe que em algumas regiões que os ônibus atrasam mais do que outras. Em certos pontos os ônibus são bem pontuais, e agora melhorou muito porque você tem o GPS ligado no ônibus, você sabe se o ônibus está atrasado ou não, cinco anos atrás você não sabia isso, você saía na hora que estava marcado lá no ponto de ônibus e se tivesse atrasado você ficava esperando. Fazia uns -20 graus e você esperando o ônibus.

Você tinha comentado que você foi com a sua ex-esposa, então você entrou como aplicante principal no de estudo e ela como visto aberto de trabalho? Isso, nós dois e um cachorro.

Você teve algum auxílio de empresa para aplicação do visto de vocês? Pra ser bem sincero, tinha uma garota que ela tem uma empresa de imigração para ajudar gente que quer vir estudar, eu não sei se você já viu falar tem a “Bonjour Hi” e a “Hi Bonjour”. São duas empresas daqui - elas até meio que se bicam porque tem praticamente o mesmo nome - uma é uma empresa relativamente grande, tem umas sócias e bastante gente que trabalha para empresa. E a outra que foi com quem eu entrei em contato na época, é só uma garota que mora aqui já algum tempo e ela tem algumas ligações com alguns *colleges*, ela faz o meio de campo. Não chega a ser uma empresa bem consolidada nem nada. Eu nunca tive problema com ela e nem com a outra empresa também. Depois de um tempo a minha ex-esposa chegou a contratar os serviços deles para alguma coisa, acho que para um visto de estudo, alguma coisa assim, mas era de graça né. Normalmente o que eles fazem é o seguinte: eles têm um meio de campo com o *college*, então se você fecha contrato com o *college* usando eles como intermediários você consegue descontos em outros cursos, então pra gente não teve custo nenhum. Ela entrou em contato com o pessoal do *college*, eu mandava os meus documentos para ela, ela mandava para o *college* e depois ela me retornava assim “ah você precisa mandar mais esse documento e mais aquele documento”, mas foi isso. O visto inteiro, o CAQ e o visto de estudo eu fiz tudo sozinho pela internet, eu não usei nenhum intermediário.

Você teve apoio da sua família quando estava pensando em vir para Montreal, eles o incentivaram a seguir esse sonho? Eu já morava com a minha ex-esposa, mas a gente não era casado oficialmente. Eu lembro que a gente já estava pensando em se casar, ou já estava até noivo, já tinha até data marcada, e eu lembro que um dia a gente reuniu os meus pais e os pais dela na minha casa para contar a novidade “a gente decidiu que vamos para o Canadá”. A gente

não precisava de muito apoio naquela época, porque a gente já era grande o suficiente para tomar esse tipo de decisão. A minha mãe ficou meio em choque para ser bem sério, e acho que a mãe da Juliana também ficou meio em choque com toda essa ideia “ah lá vão os nossos filhos para outro país”. Ao mesmo tempo o meu pai e o pai dela ficaram super felizes falaram “essa é uma decisão boa de se tomar, acho que vai ser bom para vocês dois”.

E a família também ajudou vocês financeiramente com a papelada, comprovações e afins? Financeiramente eu acho que quando eu apliquei para o visto que precisava mostrar um pouco de independência financeira eu cheguei a juntar uma Certidão de Imposto de Renda do meu pai se eu não me engano. Não sei se ia dar certo se não tivesse feito isso, porque eu tinha bastante dinheiro na época por ter vendido o carro. A gente vendeu tudo o que a gente tinha e deixou numa conta poupança. E eu usei os extratos daquela conta poupança para comprovar os meus fundos. Então, acho que foi isso. Mas eles ajudaram sim, de certa maneira. O carro que a gente tinha o meu ex-sogro acabou comprando, ele falou “ah já que vocês querem ir e querem vender o carro, eu compro o carro de vocês.” foi uma ajuda. A gente tinha comprado um apartamento no Brasil e estava financiado. E assim a gente decidiu se mudar de lá a gente falou “vamos tentar alugar esse apartamento que vai virar fonte de renda para gente” e até para pagar o próprio custo do financiamento. E também minha mãe, que é advogada, falou “eu tomo conta disso, eu fico administrando o imóvel para vocês enquanto vocês tentam a vida no Canadá”. Eles não deram dinheiro pra gente, mas ajudaram a gente com questões que precisávamos.

Na sua família as pessoas já saíram para estudar fora, fazer intercâmbio, alguma coisa do tipo? Não, meus pais nunca moraram fora, acho que os pais da Juliana também nunca moraram fora do país.

Pensando na época que você e sua ex-esposa chegaram aí os vínculos que vocês tinham com o Brasil era só as famílias ou vocês deixaram, além do apartamento, deixaram responsabilidades, e tal? Ou a família de vocês é o principal vínculo que você tem que o Brasil? Eu sou um pouco mais antissocial, assim, nem digo antissocial, mas o meu círculo de amizades é meio pequeno. Eu tenho, digamos, acho que 10 bons amigos, e é dessas 10 pessoas que eu sinto muita falta. A Juliana sempre foi mais comunicativa e sempre fez amizade muito rápido, ela tinha centenas de amigos e alguns amigos que nem eram de tão longa data. Ela sentiu

muito mais falta das amizades, mas ao mesmo tempo quando ela chegou aqui já tinha feito muitas amizades. Eu não fiz quase nenhuma amizade, estava estudando e por isso tinha o meu relacionamento com os colegas de classe, mas meus amigos mesmo se tivesse qualquer problema era pegar o celular e mandar mensagem para os que estão no Brasil.

Quanto à sua família você já chegou a mandar auxílio financeiro, ou à receber auxílio financeiro enquanto você está aí, assim desse tipo de relacionamento de dependência? Eu cheguei aqui em 2015, aí mais ou menos em abril de 2017 eu me separei da minha esposa, a gente não estava se entendendo mais, ela estava meio acho que decepcionada com toda experiência e a gente começou a se separar. Aí isso foi em abril, eu tinha aula até o final de abril ou começo de maio. Então, fiz as minhas provas finais, entreguei os meus trabalhos, e como eu não tinha muitos amigos aqui e estava me separando eu estava me sentindo meio sozinho. Por conta disso pensei “ah vou aproveitar as minhas férias que são basicamente o verão inteiro, de 3 à 4 meses, e eu vou para o Brasil, passar um tempo com a minha família e os meus amigos” e ela ficou aqui durante esse tempo. Quando isso aconteceu, a gente tinha uma poupança que basicamente custeava a gente no Canadá e os meus estudos, que são caros né - você paga como imigrante, e não como canadense. E essa grana que a gente tinha era basicamente para cobrir os estudos, enquanto a Juliana estava com um visto de trabalho dela. Ela trabalhava e conseguia custear os custos de vida, o aluguel, comida, essas coisas do dia a dia mesmo. E aí a gente se separou e eu não tinha fonte de renda nenhuma, porque eu estava só estudando, e dessa poupança que a gente tinha para pagar os meus estudos a gente meio que pensou “bom metade é meu, e metade dela.” Só que com a minha metade não era o suficiente para custear o resto dos estudos que ainda tinha mais um ano pela frente, dois semestres. Eu não sabia o que fazer, por algum tempo até pensei em desistir de tudo, falei “quer saber, vou voltar para o Brasil porque não consigo custear meus estudos.” E outra, eu estava pensando que eu ia ficar triste no Canadá, não ia ter amigo, não ia ter família, não ia ter ninguém. Fui para o Brasil, passei três meses lá e eu consegui duas coisas: primeiro conversei com a Juliana e ela disse “olha, não precisa me pagar agora, você fica com o dinheiro que a gente tinha na poupança para pagar os estudos, e você me paga no futuro”. Mas ao mesmo tempo, aquela grana era suficiente só para pagar os estudos, eu não ia ter dinheiro para pagar o meu aluguel aqui e tudo que precisa para sobreviver. Então nesse momento se eu não me engano a minha mãe tinha uma grana guardada ela falou “olha se você precisar eu transfiro essa grana para você”. Então ela me deu uma grana que era o suficiente para eu me manter por um ano mais ou menos, só

pagando o aluguel de um quarto, porque eu saí de casa e fui morar em um quarto, dividindo um apartamento com uma galera, e mais comida e roupa para mais oito meses. Bem contadinho o dinheiro, eu lembro que quando eu me formei em 2018, eu me formei em maio e eu tinha que arranjar um emprego logo em seguida como formado. Eu tinha dinheiro para sobreviver uns dois meses. Se eu não arranjasse um emprego em dois meses eu não saberia o que fazer. E isso devendo metade da poupança para Juliana, acho que naquela época era equivalente a uns 12 ou 15 mil. Então eu tinha grana para sobreviver dois meses, estava devendo R\$15.000 para minha esposa, eu falei meu eu não sei o que vou fazer da vida. Só que por sorte, eu consegui um emprego logo na semana que me formei, e é o emprego que eu estou até hoje. Então pouco a pouco a qualidade de vida foi aumentando porque eu tinha uma renda boa em dólar canadense. No começo, nos primeiros seis meses, eu continuei gastando muito pouco dinheiro, e com todo o excesso eu fui pagando a Juliana de volta. E aí quando isso acabou ano passado, em 2019, depois de um ano quase, eu consegui sair daquele quarto que alugava, aluguei um apartamento, e é onde eu moro agora.

E ao longo desse processo você teve auxílio de outros brasileiros, de outras pessoas, até mesmo de canadenses para lidar com todo esse processo – porque querendo ou não, você acabou enfrentando o divórcio aí? Cara eu tenho um grupo de amigos aqui que a gente joga futebol, porque essa coisa é bem de brasileiro, quer dizer, de não-canadense. Porque canadense não é muito ligado em futebol. Você vai no parque você encontra pessoas jogando futebol, e normalmente são imigrantes. Mas a gente tem esse grupo de brasileiros que jogam futebol, eles me ajudaram emocionalmente do tipo “ah vamos sair, vamos tomar cerveja, vamos fazer qualquer coisa, tipo coisa de vida solteira.” Depois de um tempo que eu voltei para cá, após o meu término, eu comecei a namorar. Namoro uma garota colombiana e ela já tinha passado por quase tudo que eu passei no sentido de imigração. Ela já tinha se formado e veio para fazer um mestrado - ela fez mestrado e doutorado. Depois que ela terminou o doutorado, ela deu entrada na residência permanente, já estava empregada na área e recentemente até conseguiu tirar a cidadania canadense. Ela me deu muito apoio e me dizia “olha não desanima que vale a pena, você termina seus estudos, consegue emprego e as coisas vão se encaminhando”. Foi bastante suporte emocional.

Você começou a trabalhar no seu nível de formação contando com a graduação, ou você foi empregado justamente por conta do College? Foi justamente por causa do College.

Eu sou formado em direito e no Brasil trabalhava no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, tinha um cargo comissionado e trabalhava diretamente com uma juíza no gabinete dela. Eu tinha uma estabilidade boa, era um trabalho tranquilo, mas não era muito feliz. Aqui no Canadá eu nunca fiz nada relacionado a direito. Quando eu cheguei aqui tinha pouquíssimo conhecimento em programação, sabe, eu sempre fui meio curioso, mas nunca tinha aprendido nada. E o meu emprego foi totalmente baseado no que eu aprendi no College e ao conhecimento que eu tinha na época. Eu dei muita sorte que é uma empresa quase como uma Startup, mas um pouquinho mais consolidada. Eles já estavam começando a entrar numa curva de dar lucro e queriam contratar bastante gente mesmo com conhecimento quase zero e sem experiência. Eu entrei nessa leva, eram seis programadores que tinham pouquíssima experiência e aí depois de um tempo dois acabaram saindo, e eu fiquei no grupo. A gente fez um treinamento de seis semanas e aí fiquei e estou lá até hoje.

Quando você estava trabalhando até no tribunal, como é que você ficou sabendo da possibilidade de fazer o College, como é que você conseguiu essa estratégia? Olha eu lembro que provavelmente uns 10 anos atrás eu fui numa palestra promovida pelo governo do Canadá se eu não me engano, tinham umas palestras em São Paulo. Era mais um negócio de imigração, era um plano completo de migração pelo Quebec. Eu fui nessa palestra com uma ex-namorada, lembro de ter visto um panfletinho “venha morar no Canadá”. Eu vi na Poli (Escola Politécnica da USP) que essa minha ex estudava, fui buscar ela depois da aula e vi esse panfleto. Fui ver essa palestra e ela foi comigo. Lá eu fiquei interessado, mas depois nunca mais tocamos no assunto. Depois de um tempo, namorando a minha ex-esposa a gente foi na mesma palestra. E a ideia de vir já estava plantada na minha cabeça, mas a Juliana tinha perdido o emprego - a gente já estava morando junto - e ela não sabia o que fazer da vida. E ela sabia que eu estava de saco cheio do meu trabalho, porque eu nunca gostei realmente de direito, eu já estava pensando em fazer outra graduação, queria estudar ciências atuariais e o curso da USP era diurno. Decidi que eu não largaria o trabalho pra fazer isso, e que eu faria o mesmo curso na PUC de São Paulo que era oferecido no período noturno. Então por um ano mais ou menos eu trabalhava durante o dia, estudava durante a noite e pagava R\$ 1000 por mês de mensalidade. E aí a Juliana falou que se a gente pegasse esse dinheiro e tentar morar no Canadá os meus R\$ 1000 por mês de mensalidade por quase quatro anos talvez seria a mesma quantia. O único problema é que se a gente fizesse isso eu não teria o trabalho como fonte de renda. Então a gente precisaria juntar uma grana, e aí investir essa grana para morar no Canadá.

Mas ela já estava sabendo que existe essa possibilidade, ela tinha mais informação que você? Eu acho que sim. Se eu não me engano tem um vídeo no YouTube. Eu não sei se era uma família que morava aqui ou se era um serviço desses do tipo “imigre para o Canadá”, mas era feito por brasileiros. Teve uma entrevista com um rapaz brasileiro, que é professor no College Dawson, ela assistiu o vídeo e falou “acho que é possível a gente ir estudando ao invés de tentar imigrar trabalhando, e aí estudando a gente até tem mais chance de arranjar emprego porque pelo menos você fez os estudos lá”. E foi bem isso que a gente fez.

E vocês foram procurando informações na internet? O primeiro passo foi na internet, porque eu lembro que esse cara dizia “você precisa de três coisas pra viver no Canadá: seu visto de estudo, só que para esse visto de estudos você precisa ter aprovação do Quebec através Carta de Aceitação do Quebec (CAQ) e para conseguir isso você precisa ser aprovado por uma instituição de ensino canadense”. Aí meio que te dava três passos fáceis, “primeiro você tenta ser aprovado por uma escola canadense”, a gente viu que se você tem um diploma de ensino superior será aprovado numa instituição aqui, principalmente nas instituições privadas porque não tem teste de francês nem nada. Foi aí que a gente contatou a garota da Bonjour Hi. Ela falou que era isso mesmo, você basicamente manda o seu diploma da graduação e vai ser aprovado. E realmente foi, a gente recebeu uma cartinha falando “olha você foi aprovado para o *college* LaSalle”. E aí usando esse documento a gente aplicou para o CAQ, e foi tranquilo também. É chato porque é pelo correio, não é online. Mas também chegou uma cartinha dizendo “você foi aceito pelo Quebec”. E aí com essa carta de aceitação a gente dá entrada no visto de estudo que é um pouco mais demorado, mas é online e deu tudo certo. Um dia a gente recebeu uma informação dizendo para levar o passaporte na Embaixada Canadense e saiu o visto de estudo e o de trabalho.

Você não teve algum empecilho nessa hora da aplicação do visto? Ou o processo foi tudo meio que dinâmico? Foi tudo muito fácil, inacreditavelmente fácil. A ponto de a gente ter feito tudo isso pensando que a gente chegaria aqui em janeiro do ano seguinte. A gente começou a fazer isso tudo em fevereiro ou março de 2015, pensando que a gente nunca conseguia chegar aqui para o segundo semestre. Mas foi tudo tão rápido que eu acho que a gente achou que ia chegar lá em agosto mesmo.

Talvez porque na época não tinha tantas aplicações assim para College. Hoje as pessoas estão comentando que acaba demorando um pouco mais né? Acho que sim, eu lembro que quando a gente fez não tinha muita gente que tinha feito. Era quase que uma novidade sobre um novo jeito de chegar no Canadá. E é um jeito que também é muito bom para casal né, porque permite que uma pessoa estude e a outra trabalha ao mesmo tempo. Porque se não chega a ser quase proibitivo por conta do custo, é muito caro você vir aqui sozinho estudar e trabalhar. Porque os estudos aqui são bem puxados. Sempre fui um bom aluno no Brasil e nunca tive problema com nota e qualquer coisa, mas cheguei aqui e fiquei impressionado com o volume de atividade que você tem no currículo.

Sem falar na dinâmica de horários, né? É, você tem uma aula de manhã às 8h, depois você tem uma janela de quatro horas, depois tem uma aula bem na hora do almoço, aí uma outra janela e aí a última aula das 4 às 6 da tarde. É uma sacanagem, porque você basicamente não consegue trabalhar e não consegue manter uma agenda regular.

Você acha que ter sabido desta informação do Quebec, de perceber que era tão simples, foi uma coisa que atraiu vocês para aí e não para outro país? Eu acho que sim, a gente não tinha nem pensado em mudar do Brasil para qualquer outro país. Acho que o primeiro que a gente pensou foi o Canadá e deu certo assim. Na minha vida eu lembro de uma vez ter visto alguma coisa para morar na Austrália. Teve uma época que a Austrália estava na moda. Eu tenho vários amigos que no mesmo período de dois anos foram para Austrália. Acho que eu cheguei a pesquisar isso, mas eu também nunca dei muita atenção. Quando eu cheguei a ver coisa para ir para Austrália, eu lembro de ter pensado que era muito caro. É possível, mas sairia muito caro. Mas eu acho que o que fez a diferença nesse plano de vir para o Canadá, era bem isso aí, vindo em casal uma pessoa trabalha a outra estuda e é possível. Se você tiver a renda de uma pessoa você consegue manter um casal.

Você já aplicou para o PEQ, ou PGWP (*Post Graduate Work Permit*)? Quando eu me formei em 2018 logo em seguida pedi o meu visto de trabalho pós-estudo (PGWP), ele é válido por três anos e vai expirar em 2021. No finalzinho de 2019, então mais de um ano depois, que eu dei entrada finalmente na residência permanente. No meio do ano passado eu pedi o CSQ (*Certificat d'Acceptation du Québec*) que você precisa só provar que você se formou aqui e que você tem um nível B2 de francês. Eu me formei e ainda não me sentia confortável com o

francês, pensava que se fizesse o teste eu falharia, seria reprovado e lá vai grana. Sem contar que estava emocionalmente achando que eu não era capaz. Como meu trabalho é muito bilíngue, na maior parte das vezes eu converso em inglês, mas eu ouço muita gente falando em francês também, e eu tenho essas conversas bizarras em que uma pessoa tá sempre falando em francês e você está respondendo em inglês e funciona. Você entende o que ela está falando, ela entende o que você está falando, mas ela não quer falar em inglês e você também não quer falar em francês. Aí depois de um ano trabalhando eu falei acho que agora consigo fazer esse exame, fiz o exame que é praticamente só percepção oral e expressão oral. Eu consegui C1 ouvindo, e B2 falando, daí consegui. Aí quando isso chegou em casa depois de um tempo juntei uma grana - porque é caro - e dei entrada no CSQ, que saiu rápido, acho que em dois meses eu recebi uma carta. Pensei, E agora só preciso reunir os documentos e o dinheiro de novo, para residência permanente. E aí consegui também, dei entrada em dezembro do ano passado, só que é muito lento. Eu sei que eles receberam a papelada porque é tudo pelo correio, mas eu ainda não consegui fazer o link pelo site deles. E eu sei que um pessoal que aplicou antes, aplicou no meio de 2019 começou a receber agora uma confirmação que os documentos estão lá e estão sendo processados.

E no caso se o teu visto acabar, e você ainda não tiver essa resposta, você entra num tempo de visto implícito? Eu acho que sim, eu nunca fui muito afundo. Eu acho que ainda que não seja implícito, eles dão um jeito se você pedir uma extensão de visto de trabalho, eu acho que eles devem permitir.

E desculpa perguntar, mas só para entender um pouco melhor, na época quando você e a sua ex se divorciaram – ela era dependente do seu visto? Ela continua dependente do seu visto, ou ela seguiu com outra opção? Ela continuou ligada ao meu visto por um tempo. O plano era, a gente se separa, mas não se divorcia e aí você continua trabalhando e eu continuo estudando, e aí a gente pode até aplicar para a residência permanente juntos só para ter o status. Mas depois de um tempo, acho que ela achou que era muito arriscado, e realmente era, ela pensou em dar entrada na RP (Residência Permanente) pela província de Ontário. No final das contas ela simplesmente abandonou a ideia da residência permanente e do visto, não sei se ela recebeu alguma resposta negativa, mas ela se mudou do Canadá e foi morar em Portugal porque é cidadã brasileira e portuguesa. Ela foi morar em Portugal por um tempo, e depois de um ou dois anos, ela foi morar no Brasil de novo.

Agora pensando no momento da chegada, você sentiu familiaridade com os costumes, com o hábito da cidade, conseguiu se adaptar com facilidade? Acho que me adaptei rápido, não senti nada gritantemente diferente, fora do padrão Brasil. Certamente você se acostuma rápido com as coisas boas como a sensação de segurança que você tem na rua de madrugada, nem parece novidade. Você percebe um dia que você está voltando pra casa às 3h da manhã levemente bêbado, abre o celular, e sabe que não vai ter ninguém chegando e falando “passa o celular”. É diferente, mas a gente não tem problema nenhum em se acostumar com isso porque é muito positivo. Olha, coisas pequenas que eu me lembro de ter sentido é que não se cumprimenta ninguém no Canadá com beijo no rosto, não é uma coisa comum. Era o meu instinto quando eu cheguei aqui. Mas choque cultural acho que não tive nenhum. Até porque é uma cidade muito cosmopolita né, São Paulo também é. Aqui tem muito mais oriental que em São Paulo, aqui você percebe que a imigração de alguns povos é mais recente, e percebe o grupo dos chineses, dos marroquinos que tem um pouco mais de segregação cultural já que ainda não abriram mão da cultura de onde vieram. E você percebe até portugueses e brasileiros têm muito da nossa cultura aqui.

Durante a sua trajetória em Montreal você teve alguma experiência de preconceito ligada a sua nacionalidade, por não falar francês, cor da pele, por ser latino? Eu acho que eu ouvi uma ou duas vezes na minha vida alguém falando para eu pedir em francês. Fui numa loja – normalmente são lojas menores - que você percebe que a loja é de uma família, sabe, e você chega a ver um pouco mais de discriminação. Lembro que uma vez eu pedi manteiga de amendoim, que o pessoal come muito aqui, achei uma manteiga de amendoim apimentada interessante, pensei em comprar aí o cara falou alguma coisa em francês e eu não entendi e respondi em inglês e ele falou “você pode falar em francês?”, respondi “eu realmente não sei como isso aqui se chama em francês”. Ele foi um pouco rude sim, mas não saí de lá ofendido nem nada. Mas eu sei de gente que já passou por mais coisas, nada muito agressivo.

Pensando na sua relação com os brasileiros, e na comunidade que está aí. Você tem contato próximo com outros brasileiros, pessoas que são teus amigos e que te encontram? A gente tem um grupo que deve ter uns 20 à 30 brasileiros que jogam futebol, a gente costumava se encontrar mas agora com coronavírus não mais. A gente se encontrava uma vez por semana para jogar e eventualmente a gente ia a algum show juntos. Mas ao mesmo tempo eu nunca

entrei na casa de nenhum deles, e também nenhum deles nunca foi na minha casa. Para mim não chega a ser amizade, é mais só camaradagem porque partimos da mesma cultura. Dentro desse grupo tem um pessoal que é mais amigo entre si. Tem gente que está aqui há mais de dez anos, e construíram uma amizade maior. Não foi o caso pra mim.

Essas pessoas já te ajudaram com network, com oportunidade de trabalho enquanto você tá aí? Eu nunca precisei, eu acho que o pessoal se ajuda muito mas pessoalmente eu nunca precisei porque, como eu falei para você, eu dei muita sorte quando eu me formei. Fiz a minha última prova numa sexta-feira, nessa mesma sexta-feira eu fiz a minha entrevista, e comecei a trabalhar na segunda. Não tive nem uma semana de descanso. A gente tem um grupo de WhatsApp onde de vez em quando alguém fala “olha a empresa da minha esposa está contratando”. Eu sei que alguma galera lá já arranhou emprego por conta de outros do grupo. Um rapaz que trabalhava como RH de uma empresa também falava “minha empresa está contratando, eu vou fazer entrevista então vocês quiserem só me manda o currículo”.

E você já chegou a prestar auxílio para brasileiros recém-chegados? Contribuindo com dicas de como foi o processo, de falar sobre migração, e hoje até em ajudar com móveis e doações... Eu acho que pessoalmente nunca ajudei ninguém. Eu lembro de na semana anterior a minha chegada havia uma brasileira que me prestou muito auxílio, cheguei duas semanas antes da minha esposa porque ela vinha com cachorro. Vim antes para arrumar a casa e para poder recebê-los. E aí tinha essa brasileira que morava a três blocos de onde eu estava então eu cheguei para morar e ela me levou para conhecer o metrô, para conhecer o mercado mais próximo, uma dollarama para comprar coisa pequena... Eu acho que eu não tive a oportunidade de fazer isso por alguém dessa forma.

Você chegou a estudar com outros brasileiros também, a dividir espaço de sala de aula? Sim, quando eu entrei no *college* tinha mais quatro brasileiros na minha sala, mas logo no começo um deles largou os estudos – nossa eram mais de cinco brasileiros na minha sala - e um deles teve o visto de estudo negado, ele já estava aqui como turista e pediu a conversão de turista para estudante e foi negado. Ele voltou para o Brasil, um deles largou os estudos, depois outro deles estudou um ano com a gente, teve problema financeiro e mudou de *college* para um mais barato somente para terminar os estudos e conseguir o diploma. E aí os outros dois ficaram comigo, colegas de classe durante o curso todo e até se formaram comigo.

E assim que chegou você já tinha conhecimento da existência de associações governamentais do Quebec para apoio ao imigrante, tais como: banco alimentar, órgãos que ajudam a encontrar emprego, e tudo mais? Eu lembro desse banco alimentar, eu acho que eu cheguei a buscar uma caixa de comida uma vez. Mas dava muito trabalho, era longe e acho que não compensa o esforço de ir até lá para pegar uma caixa, não cheguei aproveitar. Fora isso eu não sei se a Juliana chegou a usar algum serviço para tentar aprimorar o currículo dela alguma coisa assim, mas eu acho que não, acho que ela já fez tudo por conta própria.

E você já ouviu falar, talvez até junto com seus colegas do futebol, sobre a existência de associações voluntárias de brasileiros ou comunidades formadas por brasileiros que ajudam outros brasileiros? Eu sei que tem um pessoal que organiza o “Galo na Neve” que é uma festa enorme lá em Quebec, mas acho que o pessoal é mais do Nordeste. Eles têm uma comunidade bem forte aqui, o pessoal de Recife. Eu sei que os restaurantes brasileiros tendem a contratar brasileiro, acho que é por duas razões: para manter a cultura, a identidade cultural do restaurante; mas acho que não é por camaradagem, uma mão ajuda a outra. Ouvi dizer também que esse pessoal explora brasileiros, restaurante brasileiro contrata brasileiro, mas explora, sabe. Paga menos que o mínimo, paga por fora, evita imposto. É coisa que eu ouço falar, mas nunca fui atrás porque nunca me impactou. Uma das garotas que estudei comigo, a Lívia, que é de Recife, e conhece bastante gente aqui porque a comunidade de Recife é grande. Ela chegou a ajudar uma instituição que eu não sei se era religiosa ou não, acho que eles se organizavam em uma organização a parte da igreja que tem uns eventos de ajuda. Acho que eles fazem algumas feiras, e acho que eles também entregam um banco de comida, mas não lembro o nome. Eu lembro que o site deles era em francês, mas acho que o pessoal que comandava era brasileiro e português.

E assim de associações culturais você costuma ver por aí, por exemplo assim você tem aquela padaria que é de brasileiro? Tem a Padoca, que é famosa, eu nem sei se está aberta. Eu morava próximo e eu ia comer alguma coisa lá de tempos em tempos quando sentia falta de um pastel ou um pão de queijo. Sei que tem uma banda de brasileiros aqui também, eles se reúnem e tocam nessa festa do Galo, também são direto à outros lugares. Sei porque o baterista da banda é o goleiro da nossa pelada semanal. Então os grupos de brasileiros acabam se sobrepondo, é sempre a mesma galera em subgrupos diferentes.

Deste tempo que você está aí você tem percebido se tem alguma comunidade imigrantes mais organizada que a de brasileiros, você tem alguma percepção neste sentido? Olha, sendo bem pessoal tá porque eu não conheço muito outras comunidades. Eu sei que a comunidade portuguesa aqui é gigantesca. A gente não tem um bairro brasileiro aqui, mas tem uma parte de um bairro ali quase que um bairro português. A minha namorada é Colombiana, ela é muito anti social em relação à cultura colombiana, ela adora cultura dela para ela, mas ela não se reúne com os colombianos aqui só porque são colombianos. Uma vez ela me chamou para ir num evento só de música colombiana, o evento foi meio que grande, tinha bastante gente da comunidade colombiana, mas ela não conhecia ninguém porque não se interessava, só sabia que tinha porque ela recebeu um e-mail que falou que ia ter música colombiana nesse lugar.

Você comentou que agora tá se formando um bairro português, mas não tem nenhum bairro indiano por exemplo? Indiano tem também. Aqui perto de onde eu moro, se chama Parc Extension, é um bairro bem indiano e você percebe – bom, quando eu digo indiano é generalizando, pode ser que tenha gente de Bangladesh e outros países daquela área - mas você percebe até em relação à religião, é um pedaço do bairro que tem mais centro religioso hindu e singh, e você percebe que nesse bairro tem uma concentração muito maior. Até por curiosidade, eu corro às vezes na rua e quando eu passo por lá tem um cheiro de curry. Existem muitas outras comunidades que acho que são fortes, mas como eu não faço parte delas é difícil dizer se são mais ou menos organizadas.

Hoje você pensa em voltar para o Brasil? Olha eu acho que só como turista viu. É difícil dizer porque a situação do Brasil está bem decadente, e aí quando você se acostuma com a qualidade de vida aqui dá um desânimo ainda maior, você olha para o Brasil e vê que não está nem indo para o caminho certo. Não é nem que está distante, é que não está indo na direção, realmente está estagnado ou piorando. E aí isso é muito complicado. Coisas que aqui já são muito consolidadas e faz parte da cultura de qualquer um, no Brasil não faz nem parte do plano.

Entrevista nº 5 - Lucas, 30 anos (realizada em 29/06/2020)

Cidade de origem: Campinas, SP

Formação: Mestrado em Matemática

Nível de qualificação: Doutorado incompleto

Situação legal no Quebec: Brasileiro(a) com visto de trabalho ou estudo que tem interesse em migrar

Tempo de residência em Montreal: 2 anos e 9 meses

Idioma(s): Inglês e espanhol

Qual é o bairro aí da região metropolitana de Montreal que você mora? Eu moro no Plateau, fica dentro da ilha.

Antes de você ter ido para o Canadá, você já tinha feito alguma viagem internacional? Já. Durante o mestrado eu fiz 6 meses de estágio na Itália e também fui em algumas conferências.

À turismo e também acadêmico, nada pra morar de fato? Sim, mais acadêmico que à turismo. Mas a minha única experiência assim morando fora foram esses 6 meses na Itália durante o mestrado.

Na época que você cogitou ir para Montreal, você já tinha algum conhecido, familiar, ou amigo que já morava aí? Morando aqui não. O contato que eu tinha, na verdade, é minha namorada que na época tinha feito estágio aqui na mesma Universidade – eu estudo na McGill. Mas foi só o que trouxe Montreal para o meu radar. Mas quando eu vim não tinha ninguém.

E você veio à estudo? É, o visto é de estudo. Eu estou fazendo doutorado, então o visto é de estudo e ele permite trabalhar no campus, por exemplo, esse semestre eu dei aula, mas eu sou assistente.

E assim na época quando você foi, a sua namorada foi com você, ou você foi sozinho para Montreal? Não, fui sozinho.

Você teve auxílio de alguma empresa alguém que te ajudasse na documentação?

Não, fiz sozinho. O Canadá pelo menos tem um site que meio que estrutura o caminho bem. Imagino que outros lugares devam envolver mais papel.

Você teve apoio dos teus familiares, eles te incentivaram nessa decisão? Foi meio

neutro assim, a reação. Ninguém teve nenhuma objeção.

Quando você havia considerado a fazer o doutorado em Montreal, já tinha alguma referência de brasileiros que haviam feito esse percurso e tiveram sucesso, você tinha essa informação? Fazendo o que eu fiz, não. A única referência que eu tinha essa dessa minha namorada na época, que tinha feito também um estágio do mestrado aqui.

E hoje quais são os vínculos que você mantém com o Brasil - aqui pensando os vínculos desde familiar, de uma certa dependência, até propriedades, negócios, um possível retorno para a universidade? Basicamente familiar. Também algum contato com os amigos de lá, então sempre que eu volto – eu não estudei na cidade que eu nasci - mesmo quando eu volto no verão e me programo para ir nas duas cidades para encontrar todo mundo.

Sua família ou amigos já demonstrou interesse em te visitar, ou até mesmo de morar em Montreal? Morar não. Meus pais quiseram visitar, mas aí, enfim é um rolo com o visto do meu pai que nunca saiu, então nunca vieram. Mas demonstrar interesse sim, eles quiseram vir.

Você recebe, ou manda auxílio financeiro para a sua família? Regularmente não. Quando eu cheguei, em geral, a ajuda é menos financeira e mais prática. Porque quando eu cheguei, não tinha cartão de crédito, então se eu tivesse comprar uma coisa no Brasil era mais fácil eles pagarem e daí a gente ajeitava de eu pagar de volta. Mas de ter um trânsito constante, não.

Nessa época e o que te motivou o interesse de imigrar para Montreal? Até porque eu estava buscando doutorado, eu nunca olhei especificamente para Montreal. Eu tinha um plano de tentar fazer o doutorado fora. Eu tinha sondado algumas universidades, na verdade. E basicamente o lugar pouco me importava. Eu coloquei algumas restrições, por exemplo, eu

não queria ir para os Estados Unidos, porque tem todo um estresse extra. Mas não tinha nada especial em Montreal não. Eu sabia que a universidade era boa, eu apliquei em algumas tantas universidades, me aceitaram aqui.

E nesse primeiro momento quais foram as tuas principais fontes de informação, de documentação, etc. Foi grupo de discussão, foi você sozinho procurando no sites, como que foi isso? É, foi procurando mais no site da Universidade no momento mais de prospecção, digamos assim, e quando eu vim para cá aí sim teve comunicação com a Universidade, e depois eu fui buscar grupos no Facebook, e tal. Mas já para meio que acertar, ver detalhes da mudança, enfim.

Nesse início do processo de aplicar para o doutorado, o que que a imigração do Quebec te oferecia que você não poderia ter no Brasil, e também não poderia ter em outro lugar? Para entender bem o que que têm de especial para você. A princípio é meio o que eu disse, eu queria ter uma experiência internacional, mas aí tanto as Universidades aqui no Canadá quanto na Europa me eram pouco indiferentes. Até preferia ir para a Europa, se tivesse tido a chance, mas foi aqui que me aceitaram.

Eles te aceitaram e te deram algum benefício, uma bolsa, alguma coisa do tipo? Isso, e também qualquer opção teria que ter algum tipo de financiamento. Até meio que por isso, mas não diretamente. Como o Canadá é um lugar que tem mais financiamento em geral isso acaba facilitando a entrada aqui.

E quando você chegou em Montreal quais eram seus objetivos nesse primeiro momento? Você veio a estudo né, mas você tinha interesse de continuar estudando e trabalhando, vi que você tem interesse de imigrar? Talvez não necessariamente no Canadá. Na carreira acadêmica tem um pouco de onde tiver lugar a gente fica né, a gente não pode escolher tão livremente em que cidade você vai morar no mundo. Eu não teria problemas em ficar aqui, mas podendo eu preferiria ir para outros lugares.

Você já ouviu falar nas palestras de seleção de trabalhador qualificado que o Quebec faz em outros países e também no Brasil? Nunca fui atrás, mas já vi anúncios.

Você veio à estudo, então você realmente pode trabalhar 20 horas, né? Tem que intermediar estudo e trabalho, não é? Sim, é que o visto tem duas previsões diferentes. É até 20 horas em qualquer lugar mais ou menos, mas você tem uma previsão separada para trabalhar no campus, então se eu trabalho dentro da Universidade meio que o tempo não importa. Claro que você também não ultrapassa isso, mas é mais livre nesse sentido.

Não tem aquela coisa de declarar imposto e tudo mais? Eu declaro imposto porque tem dinheiro aqui. Mas eu não corro risco de ter problemas com a imigração enquanto trabalhar dentro da universidade. Eu não sei dentro do campus, agora que está tudo remoto, como que fica isso. Pelo menos esses trabalhos normais na universidade não criam problema.

E durante todo o teu processo, até mesmo quando você tinha começado a sua vida em Montreal, no doutorado, quais foram os conflitos que você teve que enfrentar, talvez situações de dificuldade que você teve que enfrentar nesse processo de adaptação, algum obstáculo para você nesse processo de imigrar? Não teve nenhum obstáculo assim muito insistente, nada que me impedisse tanto. Talvez mais a questão do visto do meu pai que nunca saiu, que enfim é uma coisa que fica no ar sempre. Chegando aqui tem algumas coisas, um dia você recebe uma carta da universidade, ou um e-mail, que falta algum documento que você não sabia que tinha que mandar. Eu lembro também quando eu cheguei a gente está acostumado com a cabeça do Brasil que você paga o aluguel no fim do mês e aqui se paga no primeiro dia então para entrar no apartamento eu não ia precisar ter o dinheiro do aluguel na mão, e eu ainda estava fazendo conta em banco. Então tem alguns enrosocos aí, mas nada incontornável.

E você teve auxílio do governo ou até da universidade para solucionar esses possíveis conflitos? Você tinha onde recorrer, se precisasse, ou você estava sozinho? Eu nunca precisei buscar. Eu sei que a universidade tem serviço de assistência ao estudante internacional, e agora eu estou tendo que renovar o visto, eu mandei um e-mail para eles perguntando detalhes, coisas assim. Mas eu também nunca precisei de nada muito urgente. Não sei quanto eficiente é a coisa, mas que existe, existe.

Como foi a sua adaptação quando você chegou aí? Sentiu familiaridade com os costumes e hábitos? Foi tranquilo? Não tem nada muito chocante, nenhuma diferença muito forte entre o Brasil e o Canadá. Tem algumas coisas pequenas, a forma como as pessoas

cumprimentam é um pouco mais distante. Eu lembro que morava num prédio e brasileiro entra no elevador cumprimenta a pessoa que nem conhece, aqui pessoal virava a cara. Você faz umas duas três vezes e percebe que aqui não funciona assim. Mas também não é nada muito chocante.

Na McGill você acaba convivendo com pessoas do mundo inteiro, é uma universidade bem conhecida. Durante essa experiência que você está tendo em Montreal, você teve alguma experiência de preconceito ligado a sua nacionalidade, cor da pele ou por falar português? Não, eu pessoalmente nunca tive nada neste tipo. Eu sei que tem algumas coisas que podem acontecer né, que a gente escuta o pessoal falando. Particularmente, como a universidade é de língua inglesa, eu não preciso saber francês. Eu sei o francês mais ou menos. E eu sei que isso é uma coisa que poderia dar problema. Mas como Montreal é uma cidade mais ou menos bilíngue, e o trabalho é em inglês, eu nunca tive esse tipo de atrito.

Isso acaba sendo um problema que as pessoas enfrentam por exemplo se tivesse que estar trabalhando em algum lugar fora da universidade, não é? Atendimento ao público se você tem sotaque às vezes a pessoa é menos tolerante. Mas eu nunca tive problema com isso porque eu estou no Universidade.

Você tinha comentado que você trabalha na universidade né, isso é vinculado estritamente a condição de estudante ou você conseguiu um trabalho através da sua formação? Meio que todos os trabalhos eu consegui por ser estudante. Mais ou menos independente da formação anterior. O primeiro trabalho “para estudante” foi agora esse mês de maio que eu dei um curso como professor principal da disciplina, e aí não é uma vaga unicamente de estudantes, então meio que conta que eu sou matemático. Mas também se não fosse estudante da McGill eu não conseguiria aplicar pra ela, é um caso um pouco mais diferente. Mas via de regra, o que conta é o fato de eu ser aluno da McGill.

Você conseguiu apoio do governo de alguma forma para conseguir essas vagas, ou foi única e exclusivamente por conta da universidade? Uma bolsa, um edital alguma coisa assim? Não, minha bolsa é uma bolsa da Universidade, não é uma bolsa estatal.

Na época da sua chegada você veio preparado com uma reserva financeira? Por quanto tempo que ela o manteve? Eu recebi o primeiro salário mais ou menos na primeira

semana. Eu vim com dinheiro para viver os dois meses mais ou menos, usei para pagar o primeiro aluguel, talvez alguns móveis, mas eu recebi logo. Então não precisei por muito tempo. Vou dizer umas duas semanas à três semanas no máximo.

Do tempo que você tá aí você já teve contato com outros brasileiros? Sim. Eu tive contato um tanto - digamos - acidental, você vai num bar, para reunir estrangeiros e sempre tem algum brasileiro lá. Até já fui em evento organizado pela comunidade que é algo que tem alguma regularidade. Por exemplo sempre que eu preciso de mudança ou transporte de alguma coisa eu vou primeiro no grupo de brasileiros, tem sempre alguém que trabalha com transporte e aí costumo contactar as pessoas. Quando eu comprei a máscara agora na pandemia, também perguntei lá no grupo, e lá tem algumas costureiras que estavam fazendo máscaras. Para essas coisas a gente costuma ir em grupo de Facebook para fazer, eu costumo buscar o de brasileiros.

Então esse o vínculo que você tem é mais sobre essa questão de necessidade, ou você tem amizades e frequenta algum local onde vários brasileiros que estão na cidade? Isso, eu tenho essa amiga brasileira, mas eu conheci meio que por acidente. Não tem grupo de brasileiros com os quais eu me reúno. Mas eles existem.

E quando você chegou aí você teve algum tipo de auxílio dos brasileiros para a sua adaptação, para network, ou para oportunidade de trabalho? Você comentou que tinha eventos né? Isso de certa forma se enquadra aqui. E essas pessoas te ajudaram de fato, te deram dicas, ou te indicaram o caminho? Eu nunca busquei muito, até um pouco pela natureza do que eu estou fazendo. Eu tenho muito mais conexão com a universidade do que com conexões externas. Por exemplo, se eu quisesse buscar um emprego aqui seria natural para mim buscar nos grupos com uma outra visão, parar e conversar com as pessoas para ver como que a comunidade se organiza.

Você já chegou a fornecer dicas, a ajudar alguém que tá aplicando para visto ou que está enfrentando alguma dificuldade? Já, às vezes. Desde pessoas procurando onde comprar paçoca. Sempre tem alguém buscando informações sobre a universidade, como entrar em contato com o professor e coisas assim. Então alguma coisa já, mas apenas pontual e em geral online.

E você sabe da existência de associações voluntárias de brasileiros aí? Sei que tem. Tem... me vem à cabeça meio que imediatamente, tem um serviço de cidadania que é mais ou menos ligado ao consulado, eu não sei exatamente a natureza jurídica que é meio que um faz tudo da comunidade. Por exemplo, teve um voo de repatriação semana passada, e eles que ajudaram a organizar isso. Outros grupos eu não sei se tem específico de brasileiros, têm grupos de ajuda à imigrantes, mas eu não sei se tem algum específico de brasileiros para brasileiros.

Você já chegou a utilizar o serviço dessas associações de apoio ao imigrante, banco alimentar, por exemplo, associação de busca de trabalho? Não.

Você já tinha comentado de talvez ter uma possibilidade de aplicar para residência permanente - você sabe que existe uma possibilidade de você conseguir a cidadania canadense através do processo do doutorado, por exemplo? Sim. Eu sei que as regras estão mudando agora, não sei o quanto que isso seria diferente para uma pessoa fazendo doutorado. Porque é uma coisa um pouco particular. Se eu quisesse ficar aqui provavelmente eu ia estar buscando um pós-doutorado, não necessariamente entraria pelo PEQ. Doutorado é um curso mais especializado, então talvez não mude tanto se eu quisesse fazer uma coisa dessa.

E você se vê se inserindo de fato na cultura do Canadá, digamos assim, finalizando seu doutorado e decidindo ficar aí? Eu acho que não seria nada muito difícil não. Seria mais difícil em outros lugares do Quebec por causa da língua, mas em Montreal especificamente acho que seria mais ou menos natural.

Você pensa em voltar para o Brasil de alguma forma? Não. De novo, na carreira acadêmica às vezes a gente não tem muita escolha.

Entrevista nº 6 - Gustavo, 32 anos (realizada em 26/06/2020)

Cidade de origem: Florianópolis, SC

Formação: Doutorado em linguística

Nível de qualificação: Doutorado completo

Situação legal no Quebec: Brasileiro(a) com residência permanente

Tempo de residência em Montreal: 1 ano e 10 meses

Relação com a cidade: Trabalho

Idioma(s): Inglês e francês

Qual o bairro da região metropolitana de Montreal você mora atualmente? Eu moro mesmo em Montreal e o bairro aqui é Ville Marie.

Antes de ter ido para Montreal você já havia feito alguma viagem internacional? Sim, eu fiz. Mas como bom manezinho, que você bem conhece, a gente é meio preso a terra. Mas eu fiz uma viagem, a minha primeira viagem foi em 2010 para a Europa. Depois eu em 2011 eu fiz uma viagem exploratória aqui para o Quebec, em Montreal, para conhecer. Adiantando aí, para iniciar o processo de migração. Depois em 2011 ainda eu fui para a Europa, em um congresso. E em 2012-2013 eu fiz o meu *sandwich* também fora, eu fiz na Noruega.

E mesmo com a possibilidade de ir para o Quebec você escolheu ir para lá? Você tem uma ideia né? Doutorado a gente vai onde está o nosso orientador. Se ele estivesse lá na China eu iria pra lá, como ele estava na Noruega eu fui para lá. E eu também fiz várias viagens para Cuba, sim eu fui para Cuba. Várias e à trabalho.

E na época que você cogitou ir para o Quebec você já tinha algum familiar ou conhecido aí? Não, não tinha. Isso em 2011 quando eu fui em turismo para fazer inglês esse tipo de coisa e também não quando eu cheguei aqui (Montreal).

Você chegou e começou do zero a construir suas relações aí? Isso, isso.

Nesta época em que você foi você veio sozinho para Montreal? Ou foi com a família ou algum conhecido? À turismo foi realmente sozinho para fazer o curso de um mês de inglês e para conhecer o país. E agora definitivamente - eu to aqui desde 2018 - e nessa época eu vim sozinho também.

Eu vi que você é residente permanente, então você já saiu com o CSQ do Brasil? Isso, isso.

E nesta época você teve algum auxílio de empresa para poder fazer a aplicação do visto? Não, foi tudo pessoalmente.

E nesta época o que os seus familiares acharam da ideia? Eles te apoiaram? Vou ser bem sincero contigo - agora entram as exceções da pesquisa - na verdade minha família não sabia de nada, eu fiz tudo sem contar para eles.

E você contou quando já estava tudo pronto então? contei quando faltava um mês. Eu sempre fui meio ovelha negra, eu já vivia fora, já vivia em São Paulo quando estava na UNICAMP. Eu sempre fui meio desvirtuado da família, não tenho um contato muito grande. Mas para minha mãe eu contei um mês antes "olha, eu estou indo para o Canadá".

Eles te apoiam, te deram suporte? Eu sou super distante da minha família. Realmente sempre foi assim, eu sempre fui muito independente, sabe? Eu tenho uma família enorme e sempre fui muito por conta própria, nunca fui de pedir ajuda. É um dos motivos para eu estar longe do Brasil hoje, é família. Não tenho um grande contato.

Aqui a ideia de perguntar sobre a sua ligação com a família é porque tem casos de pessoas que têm essa conexão forte e dependem dela para estar ai (Montreal). As pessoas aqui quando você pergunta quais são os problemas de imigrar? A resposta é o inverno e saudade da família. São as duas coisas que eu mais gosto: longe da família e inverno.

Nessa época quando você aplicou para a residência permanente você já tinha referência de outros brasileiros? Sabia de outros casos de sucesso? Na verdade, quando eu fiz o processo de aplicação, é um processo longo começamos lá em 2010, eu fiz com meu ex parceiro. Ele que conhecia muito bem o Canadá, tinha amigos aqui. Então nós fizemos o processo juntos, eu fiz como "*conjoint de fait*", como cônjuge, e nós começamos o processo juntos. Então ele que tinha as referências, ele já era bem viajado conhecia muitos países já e estávamos juntos na época "vamos fazer o processo juntos..." "então vamos". Embarquei nessa.

Então você recebeu a residência permanente pelo seu currículo ou foi porque vocês estavam indo juntos? Na verdade, ele era o aplicante principal, ele já era mais experiente e mais velho que eu, então vendo pelos pontos ele com certeza tinha mais chances. Inglês fluente,

francês fluente ele já tinha na época. Ele com certeza como aplicante principal teria mais chances. Então eu fui como segundo aplicante, o "*conjoint de fait*".

Você comentou que com a sua família não possui vínculos fortes, mas você tem outros tipos de vínculos com o Brasil que não a família? Não, eu não tinha nenhum bem material, carro ou apartamento alugado, eu não tenho realmente nada, eu cortei tanto relações econômicas, fechei conta no banco...

E você está convivendo bem, convivendo como se fosse seu lar? Sim eu me adaptei, como disse eu já vivi fora. Eu me adapto muito bem às questões, aos ambientes, às pessoas... alguns dizem "eu não gosto deste lugar, blá, blá blá" e eu digo "gente, estamos aqui aproveitem o lado bom, todo lugar tem suas falhas e os seus problemas". Não importa, pode ser o IDH maior do mundo, o mais bonito, o mais rico... Todo lugar tem problema e todo lugar a gente tem que tirar as vantagens. Quem eu realmente vejo que não aproveita são aquelas pessoas "ai saudade da família, ah isso..." e então porque veio se realmente tem esse vínculo forte, sabe? Eu não entendo às vezes.

Algumas pessoas da sua família já lhe visitaram, ou você manda auxílio para eles? Ou tudo o que você tem é seu? Não eu não mando auxílio nenhum e também não recebi visitas. Quem eu poderia receber agora é meu sobrinho que hoje vive na Europa. A gente já estava combinando dele vir, mas com esse problema todo, voos cancelados... a gente não sabe quando vai normalizar, então. Pra vir para cá e ficar duas semanas em casa - que é a regra agora, quem chega de fora fica - a gente nem pensou em nada disso.

E seus colegas da universidade da época da UNICAMP já pensaram em morar no Quebec ou te tomaram como referência? Difícil falar de colegas de universidade, hoje cada um está em um canto do mundo. Quem está no Brasil assumiu vagas em universidades. Mas assim "Gustavo me ajuda" não recebi um pedido de auxílio.

E naquela época você ficou sabendo da possibilidade de ir para o Quebec por conta do seu ex-cônjuge? Isso, fiquei sabendo por ele. Eu era bem "tapado" para viajar. Eu fiz minha primeira viagem para a Europa graças a ele que estava fazendo sanduíche na França. A gente reflete hoje, realmente o manezinho têm essa fixação na terra. Eu realmente tinha muito medo

do exterior, de pegar um avião... Graças a ele existiu essa possibilidade de imigração para o Canadá.

E nessa época, claro que a relação é um ponto importante para a decisão, o que te motivou pessoalmente a encarar como uma possibilidade legal? Eu sempre tive essa vontade de morar fora, eu não tinha essa identificação, e nem vou dizer Brasil. Eu não sou daqueles que dizem "eu tenho nojo do Brasil, eu quero ir para fora...Eu quero ir para Miami". Me assusta às vezes as pessoas do quanto elas são ignorantes em relação ao país delas e "quero ir para fora a todo custo". Tem as mesmas características fora do Brasil também. Eu nunca tive essa identificação com o meu país muito mais em relação à minha família, eu me senti sempre um estrangeiro com eles. Então é essa a vontade desde criança, em relação a sexualidade e tudo mais. Eu tinha sempre essa vontade de ir para fora mais como uma fuga [...]. Eu me sentia sempre muito preso, em Florianópolis principalmente. Depois indo para São Paulo eu expandi meus horizontes, mas eu vi que era pouco precisava realmente, essa coisa de criança, ir para fora conhecer o mundo.

Tudo bem que você comentou que você já estava nessa vontade, já tinha esse desejo. Mas como vocês fez o *sandwich* na Noruega, por que ir para o Quebec e não ir para outro lugar? Em primeiro lugar conta muito o frio, sou uma pessoa que adora inverno, adoro a neve, me adaptei super bem. Conheci a neve na Noruega, nunca peguei neve em São Joaquim como muitos aí. Mas eu sempre quis um país frio. E como eu disse antes, não conhecia essas possibilidades de imigração. Então foi o meu parceiro que trouxe o Quebec, "o Canadá é uma possibilidade". Pelo processo, parecia ser muito mais fácil. O meu sobrinho estava também nessa de imigração, ele conheceu a Irlanda...então parece que o mais fácil era aqui. Além da língua francesa, eu nunca fui muito adepto a língua inglesa e realmente com a língua francesa é um outro chamativo.

Naquela época você chegou a participar de uma palestra do Governo do Québec no Brasil? Sim, em Campinas quando realmente o meu ex-parceiro falou "vamos para Quebec" estava tendo essas palestras e a gente foi a uma delas em Campinas. Hoje se as pessoas me perguntam como foi o processo, eu não lembro dos detalhes de cada etapa. Mas a gente foi, a primeira coisa foi ir a uma palestra.

Quando você chegou quais eram os seus objetivos na cidade? Você já queria trabalhar na sua área de formação ou você queria continuar estudando? Eu tive uma relação muito complicada com o meu doutorado. De quase largar tudo, de quase me matar literalmente. Eu estava fugindo do mundo acadêmico. Eu precisava de um tempo para mim. Eu fiz um doutorado inédito que me sacrificou em termos físicos, mentais e tudo mais... relação com o orientador... Então realmente queria fugir do mundo acadêmico. Emendei graduação, mestrado e doutorado [...]. Eu não estou hoje como professor. Eu estou em um emprego totalmente diferente. Mas já se passaram quase um ano e eu me questiono. A academia é o meu lugar, eu gosto da pesquisa, mas eu precisava deste sabático mesmo. Precisava de um tempo.

Você chegou e disse que queria esse tempo, mas você cogita a possibilidade de trabalhar na sua área de formação? Eu cogito, eu sinto falta da academia. É maturidade sabe? Eu acho que a gente passa por outras questões aqui, a academia é o meu lugar e talvez agora voltando eu lidaria de uma maneira muito mais fácil. Estou vendo aqui universidades, como eu posso me inserir, eu tenho que fazer um pós doc., como eu vou conhecer os professores, os grupos de pesquisa? Então estou vendo a melhor maneira de entrar. Eu jamais irei fazer outra graduação. Então é: por onde eu posso começar? E agora com estes problemas a gente fica meio em dúvida de como agir.

No andamento do processo de aplicação você enfrentou muitas barreiras, desafios e coisas que empacaram o processo? Como foi isso? Se alguém pergunta do meu processo ele é totalmente atípico. Eu lembro, a gente foi em uma reunião/ uma palestra em julho de 2010, nos aplicamos em outubro ou setembro não sei, fizemos a entrevista para o CSQ em dezembro de 2010 e fomos aceitos. Em janeiro de 2011 aplicamos para o federal. E a partir daí foi uma grande novela. Eu sei que teve um impedimento, o Quebec lançou "estamos parando as aplicações, vai demorar um pouco mais". Depois eu lembro que meu parceiro teve que ir para a Europa, e foi essa coisa de enviar documentos. Depois eu fui para a Noruega. E eu lembro de um tempo que os correios estavam em greve, nós tínhamos enviado a documentação e eu sei que ficou empacado nosso processo. Depois eu lembro lá no final para enviar os exames médicos, ele (o parceiro) estava fazendo outro sanduíche nos Estados Unidos e eu estava no Brasil. Eu enviei meus exames do Brasil e chegou rapidíssimo, ele estava nos EUA e não chegava no Canadá. Então foi realmente uma novela. As pessoas me perguntam hoje e eu realmente não sei. Foi um processo bem atípico. Teve essas barreiras de logística de transporte,

além de algumas pausas em que o Canadá avisava "nós estamos freando um pouco os processos de imigração, vai demorar um pouco mais". Foi um processo longuíssimo. Ah e teve outra situação, como meu ex era o requerente principal ele recebeu em agosto de 2013. Ele recebeu o e-mail que dizia que havíamos sido selecionados no processo federal, era só levar o passaporte para o consulado. Ele não viu esse e-mail, foi para o *spam*. Ele me pediu em algum momento para acessar que ele não estava conseguindo. Eu acessei e eu que vi o e-mail perdido lá há uma semana. Quase a gente perde o processo. Foi só isso de logística mesmo e dessas pausas, foi um processo bem longo.

Com toda essa burocracia acontecendo vocês tiveram algum auxílio ou foi somente os dois, pessoas ou então o governo? Tem gente que para a vida com a migração, que já sai do emprego, sai de casa e vive em um cubículo. Nós dois éramos da área acadêmica na época, cada um estava tocando a sua vida nós não paramos com o nosso doutorado. Ele foi para a França e EUA e eu fui para a Noruega. Nossa vida estava andando, não tínhamos pressa. Cada um estava tocando a sua vida. Eu sei que tem muita gente que para a vida dependendo do processo dar certo. Vai morar na casa da mãe, do pai para economizar.

Vocês receberam a aceitação em 2013 então? Isso, agosto de 2013.

Mas somente foram em 2018? Então, houve um rompimento de relação. Eu sei que ele deu entrada no Canadá sozinho em 2015 e eu estava no Brasil, tinha que terminar meu doutorado, teve um período crítico e eu só fui mesmo em 2018. E eu fui sozinho, com medo de não poder entrar sozinho eu tinha todas essas questões e eu não sabia. Eu acessava tudo quanto era informação, tentava entrar em contato com o consulado e não conseguia uma resposta concreta. Eu estava com um estresse terrível e entrei no avião sem saber se iria poder entrar ou não.

E deu tudo certo, você não teve nenhum problema? Não sei se você conhece, aquela carteirinha de residente permanente é válida por 5 anos. [...]. É porque a gente recebeu em 2013, aí para entrar no Canadá tem um prazo. Nós fomos em dezembro de 2013 e eu voltei em fevereiro de 2014. Era a minha dúvida depois se eu poderia voltar 4 anos depois. Eu não consegui informações concretas se poderia ou não voltar. Então em 2018 faltando 6 meses para expirar meu cartão de residente permanente eu fui sem saber se ia poder entrar ou não. Tanto

que não contei a família, foi um mês antes, e não contei aos amigos também, somente os bem próximos. Foi aquele medo, aquela vergonha de chegar aqui e ser deportado.

Quando você chegou em 2018 como que foi o seu processo de adaptação com a cidade, você sentiu familiaridade? Eu já conhecia previamente, por mais que tenha sido apenas um mês em 2011. E eu já tinha a experiência de morar fora desde São Paulo, grande cidade; na Noruega, então questão de adaptabilidade de cultura, tem gente que realmente é um grande impacto. Eu já estava bem adaptado, é aquilo a gente está aqui tem que se adaptar, sabe? Eu não vou chorar por causa do feijão que eu não acho, eu não vou chorar pelo churrasco que eu não tenho todo mês. São coisas que as pessoas não colocam na cabeça que são outros costumes, hábitos e tudo mais. Por mais que seja uma metrópole totalmente internacional com várias tribos, várias culturas, as pessoas realmente não colocam na cabeça que elas não estão no Brasil, não estão mais convivendo culturalmente e gastronomicamente. Eu tenho isso bem aberto na minha cabeça.

Você não teve nenhuma dificuldade com a questão do francês? Por mais que eu seja um Linguista não pense que nós somos políglotas, mas eu sempre tive muita dificuldade para falar. Eu leio e a gramática sempre foi muito fácil, posso pegar qualquer língua aqui que eu aprendo rápido, mas falar sempre foi uma dificuldade. Estava a muito tempo sem praticar. Na época da imigração, do processo eu fazia francês toda semana. Não tinha o francês muito bom não mas a gente vai se adaptando e vamos seguir em frente.

Você teve experiência de preconceito ligado a sua nacionalidade ou língua? Reconheço que existe preconceito, não sou uma pessoa alheia ao mundo, mas eu, talvez, por estar realmente aberto aqui a todas as possibilidades... Procurei desde o começo grupos de conversação de francês, procurei francófonos quebequenses para fazer contato, procurei grupos específicos desde quando cheguei no Quebec. Cheguei em julho de 2018 e em setembro de 2018 eu já estava participando de um grupo de dança do Quebec, só tem quebequenses [...] tem vários franceses, têm um italiano e eu sou o único latino. Eu não estou para ficar fazendo amigos brasileiros, mas também não sou daqueles "ah, não quero saber de brasileiros na minha frente". Eu não estou aqui para se encontrar todo dia para ver a novela da Globo, não estou aqui para seguir a rotina de um brasileiro. Quero conhecer quebequenses, pessoas de outras partes do mundo. Eu gosto de geografia física, gosto de saber de onde as pessoas são, eu adoro quando

eu conheço uma pessoa de Burkina Faso. Onde eu poderia conhecer uma pessoa de Burkina Faso, do Togo, eu adoro esse tipo de coisa. Pessoas de todos os cantos, eu adoro isso.

Quando você estava procurando informações sobre como se inserir na sua profissão, você já conseguiu/ sabe/ já pensou de algum auxílio do governo para te auxiliar neste processo? Eu nunca fui atrás, tu é da carreira acadêmica sabe como é. É diferente uma pessoa de uma área contábil que vai procurar uma empresa. Quando a gente fala que quer ser professor universitário parece que os caminhos são outros, parece que é por tua conta. Eu sempre vejo o pessoal de TI, tem muito profissional de TI mas a academia é sempre uma coisa mais isolada ou mais própria. Eu não dependo de governo ou de pessoa, preciso ir em uma universidade e ai me inserir. Você não vê uma vaga de emprego de professor universitário, é um processo diferente de uma pessoa da área empresarial. Não é apenas colocar o meu currículo lá, são processos diferentes.

Você possuía uma reserva de emergência quando você foi? Ela te manteve por um determinado tempo? Eu fui com uma boa reserva e eu sempre fui bem ciente, nunca fui uma pessoa consumista. É claro que eu não iria logo no primeiro mês alugar um apartamento de luxo, sempre fui muito o mínimo. Eu tenho roupa aqui que já tem 10 anos, eu não sou uma pessoa consumista. Eu estava preocupado com o dinheiro então eu usei o mínimo do mínimo. Tinha o meu *futon*, eu tinha uma televisão que quem me deu foi o dono da casa[...]. Eu sempre fui muito o mínimo. Eu fui para o país mais caro do mundo, a Noruega. As pessoas falam que é a Suíça, mas lá é mais caro. Isso com uma bolsa da CAPES, então eu penei. A cerveja mais cara do mundo está lá, eu sabia como economizar.

Você possui contato com outros brasileiros? Eu vou falar não querendo ser uma pessoa esnobe, infelizmente eu tenho. É que eu estou trabalhando numa empresa canadense, mas que representa um cliente brasileiro, então nós precisamos de pessoas que falam português na empresa. Mas eu também trabalho com equipes do Canadá e EUA, é uma empresa de comunicação. Hoje eu me sinto, falava que nunca teria contato com brasileiros. Eu tenho por conta do trabalho, mas ai eu penso, realmente são meus únicos contatos, apenas colegas profissionais. Não sou daqueles "ah vai ter um churrasco agora". A minha rede de brasileiros depende do emprego. Como eu disse, faço parte de um grupo de dança quebequense, estava fazendo parte de grupos de conversação com pessoas de fora e eu pensava nisso "não quero

conviver com brasileiro" muito mais em relação a língua até. Eu sou muito encucado até por ser da área da linguística - Ah e eu também ensinava português para estrangeiros, foi a primeira coisa que eu arrumei aqui, não convivia com brasileiros, mas falava português - eu evitava a língua ao máximo. O que mais me incomodava sobre ter contato com brasileiros é porque a língua é uma coisa que me incomoda, eu quero alcançar a fluência muito grande rápida.

Você chegou a ter auxílio de outros brasileiros, quebequenses ou de outras nacionalidades no seu processo de adaptação, *network*, etc? Não, na verdade eu fiz tudo por conta própria mesmo. Esse emprego na escola, de português para estrangeiros, eu vi um anúncio e me candidatei. Eu poderia ter ficado 100% na escola, mas como não era em tempo integral seria insuficiente para viver um ano ou até mesmo seis meses com aquilo. Eu fiquei em dois empregos, eu achei essa vaga em uma agência de comunicação representando o Brasil, trabalho em tempo integral e eu estava na escola a noite. Foi bem cansativo.

Você já prestou auxílio à outros brasileiros no seu processo de adaptação? Meu processo foi totalmente atípico então não dou ele como exemplo, não fico dando detalhes. E hoje você deve saber que muita gente não está mais vindo como residente do Brasil. Hoje eles estão aqui no processo em casal que um estuda em tempo integral e o outro trabalha, eu nem sabia que existia isso na minha época. E sobre dar auxílio a brasileiros, não realmente.

Você sabe da existência de associações voluntárias de ou para brasileiros, ou de brasileiros que atendem a comunidade? Eu conheço a comunidade brasileira por conta do trabalho, eu sei que tem uma colega que participa, não sei se de brasileiros, de algum voluntariado com pessoas que vivem na rua. Eu sei que tem um grupo de dança, de coral brasileiro. Sei que também igrejas, restaurantes que atraem muita gente, padarias... Não sei se são um grupo, mas sei que é onde brasileiros estão juntos. Eu acho que tem um grupo também de samba. Eu não procuro participar, não que eu deteste, mas pensando em língua e pensando em termos de que eu estou aqui no Canadá... Eu sou do Brasil, conheço a cultura brasileira, tá no meu sangue... Eu me interesse muito mais em um grupo, por exemplo, de mexicano ou ir em algum grupo africano para conhecer mesmo um pessoal diferente. Brasil eu já conheço, sabe? Se bater uma saudade de comer uma farofa eu vou a algum lugar. Eu sou uma pessoa que tem que provar comida de tudo quanto é canto. Tem gente aqui que só vai em mercado brasileiro

e tem vários mercados, iraniano aqui na esquina, mercado chinês. Experimenta gente! eu adoro experimentar coisa diferente.

Você sabe de organismos do governo que auxiliam imigrantes? Banco alimentar é um que eu conheço bastante, tenho colegas brasileiros que vão. Quando eu cheguei aqui eu participei da ALPA (Accueil Liaison pour Arrivants) que é uma organização para imigrantes, eu fiz a francisação lá, fiz aqueles grupos de "*recherches d'emplois*". E participava de tudo, das reuniões por exemplo: o inverno está chegando, o que a gente tem que fazer? Por mais que eu já soubesse como era o inverno né? Vivendo no norte da Noruega, sabe? Eu vi neve em setembro, mas eu queria participar e era uma palestra em francês. Então eu participei de um organismo no primeiro mês que tratava de imigrantes, como fazer um currículo em francês, participei de tudo isso.

Você pensa em voltar para o Brasil? Eu não penso em voltar para o Brasil, eu me vejo morando fora e eu não me vejo próximo a minha família. Alguns colegas da época do doutorado me perguntam "e tu voltaria para a universidade?", hoje vários colegas meus estão aí já inseridos em alguma federal, à duras penas porque são os concursos são concorridos. "Ah tem um concurso aqui na UFSC, vai tenta Gustavo" eu não teria essa vontade de ser um professor universitário no Brasil. não me vejo voltando mesmo. Vou passar esse tempo de residência permanente e vou aplicar para a cidadania, eu não me vejo voltando de jeito nenhum.

Entrevista nº 7 - Laís, 28 anos (realizada em 25/06/2020)

Cidade de origem: Recife, PE

Formação: Graduação em Letras Inglês

Nível de qualificação: Graduação completa

Situação legal no Quebec: Brasileiro(a) com visto de trabalho ou estudo que tem interesse em migrar

Tempo de residência em Montreal: 1 ano e 6 meses

Idioma(s): Inglês

Em qual bairro da região metropolitana de Montreal você mora atualmente? Eu moro em Downtown (centro), na frente da LaSalle College, entre as estações Guy Concordia e Atwater.

Você já tinha feito alguma viagem internacional antes de cogitar a possibilidade de ir para o Canadá? Sim, tive a oportunidade. Eu morei três meses em Vancouver em 2010, e tive a oportunidade de viajar a passeio para outros lugares como Argentina e Estados Unidos.

Você trabalha como professora de inglês, então? Você teve que voltar à estudar? No caso eu trabalhava como professora de inglês no Brasil. Me formei em Letras Inglês. Me formei em 2018 mesmo, e vim pra cá fazer um curso no CELTA que é um mês de certificado, e daí fiquei um mês de férias o mês dezembro, e as aulas começaram em janeiro.

E depois você retornou para estudar na LaSalle? Isso, aí eu comecei na LaSalle. Porque eu já iira de todo jeito, mas eu fui mais cedo porque esse curso ia abrir portas por aqui, que no fim não abriu porta nenhuma. Mas no Brasil vai abrir(risos). Aqui eu notei que o mercado de trabalho para professor de inglês é meio restrito se você for estudante internacional, porque eles não tem como no Brasil que a gente tem vários cursos a noite. Curso é só durante a manhã ou à tarde e de noite não dá pra estudar não, a não ser que seja francisação ou coisa assim. Eu não encontrei emprego assim e era a única coisa que eu podia. Comecei a LaSalle, e você sabe, não tinha tempo de trabalhar. Estou em um curso de educação infantil que eu jurava que seria como pedagogia mas não é. Olha, a gente estuda e o teórico do curso é lindo, bem parecido com pedagogia inclusive até mais completo, mas quando eu comecei meu primeiro estágio vi que é basicamente manter as crianças vivas, limpar fralda e dar de comer. Só isso. A gente faz cinco minutos de atividade por dia e é isso. Três anos para limpar bunda de menino.

Na primeira vez em Montreal que você fez o curso de inglês já possuía algum conhecido ou familiar que estava no Quebec? Meu irmão já estava aqui há um ano , eu vim para morar com ele. Mas ele já estava aqui há um ano, casa pronta, quarto separado, minha cama feita. Era só chegar, tomar banho e dormir. E a gente tem também um monte de casal de amigos também de Recife que moravam no nosso prédio e que eu conheço desde que eu tinha doze anos de idade. Eles já estão perto de receber a RP (Residência Permanente). A gente já chegou com um sistema de suporte, o que é uma vantagem. Foi ótimo, eu tive um começo muito bom.

Você tinha comentado que seus conhecidos brasileiros estão na busca do RP, então eles chegaram aí como estudante assim como você? Então, esse meu casal de amigos é o Vitor e a Livia, a Livia veio estudando e Vitor veio com o visto de trabalho atrelado ao dela. Foram eles que inspiraram todo mundo. Ela estuda na LaSalle, faz computação. Meu irmão se empolgou e convenceu a esposa dele, fez a mesma coisa. Minha cunhada veio para fazer curso de moda aqui e meu irmão trabalhando. Eu ainda estava fazendo o curso, então esperei me formar e quando me formei no mesmo ano vim para cá. Porque assim, meus pais já estavam juntando dinheiro faz tempo, minha mãe está pagando o meu curso e o da minha cunhada. Meus pais me mantêm aqui porque na minha vida lá eu ainda não consegui seguir.

Você disse que antes de você chegar já estavam os seus amigos, seu irmão e sua cunhada e somente depois você veio? Cheguei lá, já estava tudo certo e comecei a fazer o curso. Aí ele já tinha uns amigos dele daqui, quando eu cheguei já foi assim em festa.

Fora deste círculo de conhecidos, você conhecia outros brasileiros que foram para aí e tiveram sucesso? Não aqui para Montreal, mas eu tenho outras amigas. Na mesma época que eu estava indo, um mês depois uma amiga minha do mesmo prédio foi para Toronto com o marido. Eles estão super bem, super tranquilos. Ela veio para estudar, fazer a revalidação do currículo dela e já está trabalhando. Estão felizes lá em Toronto. E eu tenho outra amiga minha que trabalhava comigo lá em Recife que está em Vancouver.

E assim, para aplicar para visto de estudo é um pouquinho burocrático, você teve auxílio de alguma empresa que te ajudou nessa aplicação de visto? Sim. Agora é a empresa Neway, mas na época era ainda Planet. Foi com o André. Eles foram muito bons. Assim, tenho minhas ressalvas, mas o André é uma pessoa fofa, gente boa e solícito. E o pessoal foi bem atencioso comigo, conseguiram fazer tudo. Porque eu estava cheia de coisa, fiz o curso do CELTA com eles. Eu já falei pra eles “eu estou indo para fazer um *college*, mas eu quero fazer o CELTA antes. Como é que eu faço para tirar meu visto, adiantar as coisas que eu quero resolver minha vida.” e fiz tudo certinho, eles ajudaram. Foi meio estressante porque como eu ia mais cedo, os testes tinham que sair mais cedo para poder pegar o visto. Olha, meu passaporte estava ainda em São Paulo e o dia chegando de viajar eu com o coração na boca. E eu fiz uma cirurgia antes de ir, já estava já nervosa. Fiz bariátrica há 3 anos aí eu fiz uma reconstrução das mamas e cheguei em Montreal ainda com sutiã cirúrgico.

Eu pergunto isso porque geralmente pessoas da área de TI, as pessoas que vão fazer college e elas estão muito atreladas as empresas são poucas as pessoas que de fato fazem todo o processo sozinho até porque é um processo muito burocrático. É, exato. É muito burocrático, mas eu até me culpo pela falta de vontade de fazer sozinha, é realmente muito difícil. E aí eu terminei seguindo os passos dos amigos, do meu irmão e da minha cunhada. Só que depois eu vi que realmente teria sido melhor eu fazer, por exemplo, um curso do mestrado na Concórdia, porque eu sou apaixonada pelo curso de linguística deles. Teria sido o mesmo preço, eu estaria muito mais feliz profissionalmente e eu teria muito menos estresse porque até tempo de trabalhar teria. Então nesse sentido eu estou um pouco perdida. Mas vamos né, agora foi, já estou quase terminando. Eu só fui sacar depois, quando fui fazer o curso que eu vi que eles mentem, viu? Primeiro dia de estágio só manter a criança viva. (fala sobre o curso)

E os vínculos que você tem com o Brasil são relacionados diretamente aos seus pais ou você tem alguns bens, alguma coisa que você ainda gerencia? Eu nunca tive tempo de construir nada. Eu deveria ter construído algo, mas fiz quatro anos de Biologia na UFPE, descobri que estava no lugar errado, nem terminei o curso, larguei e fui fazer Letras. Ou seja, não fiz nada nessa fase da minha vida. Aí em Letras, realmente, estagiei o curso inteiro, trabalhei, basicamente. Mas eu só quis comprar livro e pipoca. Mas também não ganhava muito dinheiro não, era 500 reais por mês. E o que eu tinha, foi os meus pais que me deram. Tinha um carro, mas vendi o carro pra poder juntar dinheiro para poder vir pra cá também. O que teoricamente seria no meu nome mas não é, seria o apartamento que a gente tem lá em Recife que está no meu nome e do meu irmão para usos e frutos.

E seus pais já visitaram vocês? Mostraram interesse em imigrar também? Sim. É porque assim meus pais mudam de ideia muito rápido. E mainha e painho são “ah a gente vai fazer” e depois “ah não vamos mais não”. Então mainha e painho quando realmente está feito e eles ainda podem desfazer, viu?

Então eles nem chegaram a aplicar no processo, somente demonstraram interesse? Eles estão esperando a gente se estabilizar por aqui, porque meu pai é aposentado e minha mãe também, mas ela ainda trabalha. Os dois eram funcionários públicos. Então está tranquilo, minha mãe vive pensando no exército porque na época que meu avô morreu ele era militar e

então vai ficar a aposentadoria vitalícia para ela. Por isso que eu digo, minha mãe é uma galinha dos ovos de ouro, a gente só está aqui por causa da minha mãe.

Ela realmente impulsionou vocês? Exato e graças a Deus meus pais eles são muito daqueles “você quer? Eu tenho condições, vá, eu ajudo para você estudar, vá que eu pago” e não tem problema. Agora assim besteira coisas fúteis, assim “ah estou afim daquele sapato Louboutin” não, se vire. Trabalhe e compre. Mas assim, o curso da CELTA, que foi dois mil e quinhentos dólares. Eu aprendi mais coisa do que aprendi em quatro anos de Letras, e minha mãe disse “pago, não tem problema”. Aí realmente mainha e painho estavam nesse interesse, mas atualmente estou tendo alguns problemas de saúde. Eu não me dou bem no inverno, tenho muita asma, tem alguma coisa no ar aqui.

E na época que seu irmão e essas pessoas, eles foram o principal ponto de referência para você imigrar para Montreal? Foi, eu sou do maria-vai-com-as-outras. Porque na verdade eu sou louca por Vancouver, eu queria. Quando eu voltei de Vancouver, disse “eu quero voltar pra Vancouver”. Eu botei na cabeça que queria ir para o Canadá, mas aí ficou financeiramente muito difícil. Vitor e Lívia foram para o Quebec, estava tudo bem lá, tudo dando certo, aí o Rafael endoidou também, meu irmão né “eu também vou para lá”. Encheu o saco. Eu dizia “mas eu quero ir pra Vancouver” mas minha mãe disse “você vai pra Quebec porque seu irmão está lá”. Aí, fazer o que né? Não tenho dinheiro.

E o seu irmão ficou sabendo desta possibilidade de imigrar também por conhecidos ou ele foi atrás de oportunidades do Canadá ele mesmo? Ele tinha pesquisado e quando esses amigos fizeram isso ele fez a mesma coisa, entrou em contato com a Planet - atual Neway - trabalhou, juntou dinheiro, fez tudo que podia, mainha ajudou, vendeu o carro, e aí foi. E depois ficou eu né, não tem dinheiro e mainha falou “ai filha vai ficar muito dinheiro para você ir pra Vancouver”. Tudo bem, teoricamente dava, mas meus pais disseram “você vai para uma cidade onde você tem uma amiga lá”. Essa minha amiga se dava muito bem, mas eu nunca fui na casa dela. A gente trabalhava junto, eu adoro ela mas assim nunca tivemos essa experiência juntas. Então imagina que lá você só tem um contato, e aqui, no caso, já tinha o meu irmão e minha cunhada, a gente se dava super bem. Tinha Vitor e Lívia, que também a gente se dá super bem. Então, como eu sofri de depressão, meus pais disseram “a gente não está feliz em deixar você numa cidade sozinha” porque, imagina, ficou doente faz como? Então, como eu te falei né, tive alguns problemas de saúde antes, fiz algumas cirurgias. Eles falaram, vai junto com o

teu irmão, qualquer coisa se você não gostar, depois fazendo o sistema de PR você muda vai-se embora cuidar da sua vida. Tive muita raiva aqui.

Como seu irmão ficou sabendo das possibilidades de migração, ele pesquisou sozinho nessa fase? Ele fez muita pesquisa, ele leu muito. Leu diretamente no site do Quebec, viu sites federais, viu a possibilidade de fazer o *Express Entry*. Ele estudou todas as possibilidades antes de entrar em contato com a Neway. Ele já chegou à ir para a palestra da Hi Bonjour que teve em Recife na época.

A Hi Bonjour é um empresa? É, é uma empresa. É a mesma coisa da NewWay. E aí meu irmão achou melhor a NewWay porque ele conheceu o André e eles tiveram uma conexão de amizade, o André é super gente boa. E aí Rafael escolheu fazer com a NewWay mesmo porque era mais fácil, porque imagine você faz alguma coisa errada e perde esse dinheiro todo. É melhor pagar à empresa para antes prevenir do que remediar.

E assim, no começo do processo de aplicação o que a imigração do Quebec te oferecia que você não poderia ter no Brasil? Porque assim, como eu te falei, o meu irmão pesquisou muita coisa, e ele é uma pessoa muito carismática. Ele convenceu todo mundo que essa era a melhor coisa do mundo e eu fui na fé. Então como você sabe a situação no Brasil está muito complicada, a gente tá sofrendo muito com insegurança, Recife está muito perigoso. Por exemplo, eu trabalhava há uma quadra de distância e ia de carro porque você anda a pé está pedindo para ser assaltado. Eu já estava muito chateada com isso. Mas assim, em Recife nunca teve ninguém gritando comigo na rua aqui isso já aconteceu comigo. Eu já fui numa loja perguntar uma coisa, meu francês não é lá essas coisas, mas aí eu enrolei um pouquinho, não consegui falar, e perguntei “desculpa, você fala inglês, meu francês não é muito bom”, aí o cara ficou com raiva, falou “esses imigrantes que não sabem falar” e eu disse “olha, eu entendo, só não sei falar”. Enfim, ele resolveu meu problema, mas fiquei muito chateada com isso. Esse tipo de coisa é bem chato, aqui tinha a promessa de que ia ser mais seguro, diziam que o sistema de saúde daqui é maravilhoso... e não é. Eu fui no médico, como eu te falei, estava com problema de saúde de um jeito eu não conseguia falar de tanto que eu tossia, e como eu te falei, fiz bariátrica e tossia tanto que pressionava meu estômago e eu vomitava. Então eu cheguei para a médica falei que eu estava mal, tinha ido na farmácia, farmacêutico passou um xarope para aliviar, mas eu precisava ir no médico. Ela resolveu uma outra questão que eu tinha, e quando chegou nessa ela falou “ah tá tudo certo, pode tomar o xarope” eu disse “o xarope não

está resolvendo o problema, preciso de uma bombinha”, ela continuou “mas eu não vou passar bombinha você disse que não tem histórico de asma”. Ela falou “vai passar, tome chá de tomilho para abrir os brônquios”. Eu saí puta da vida, esfumando com raiva e ódio no coração e a sorte que minha cunhada estava no Brasil. Ela foi visitar a mãe dela, minha tia é médica, então ela trouxe as bombinhas. E não estou brincando, três dias de bombinha parei de tossir, voltei a falar normal e a voz voltou. Foram três meses para parar de ficar rouca

Outro exemplo, uma amiga minha teve uma crise renal, foi pro hospital, em três hospitais diferentes. Um deles ela esperou sete horas para o pessoal falar que não iriam atendê-la. No outro disseram que a previsão de atendimento era de doze horas, e quando ela finalmente foi para outro hospital fora da ilha de Montreal, lá em Dorval, o médico quando olhou pra cara dela – ela estava com febre e infecção urinária horrorosa – o médico disse “eu preciso desse procedimento de urgência, internaram ela, e em poucas horas ela estava fazendo o procedimento de retirada das pedras. É nesse nível.

O pessoal gosta muito de reclamar do SUS no Brasil. O problema do SUS é porque a gente tem poucos hospitais e poucos médicos e muita gente precisando. Mas no mundo ideal em que o Brasil tivesse médicos suficientes e hospitais suficientes, seria um sistema ótimo, porque você não espera. Eu já tive que usar o sistema público de saúde, passei mal em uma cidade onde não tinha hospital particular, e fui atendida. Aqui não, isso é uma questão do Quebec porque minha amiga, essa que eu te falei que está em Vancouver, o marido dela também teve uma crise renal e lá é diferente. Lá, quando você está estudando, depois de um ano que você mora em Vancouver eles consideram você como residente temporário.

Uma pena que o Quebec não faça isso ainda, não é? Quebec... Ano passado eu acho que tu deve ter ouvido falar que tentaram fazer a reforma e teve a confusão. Então, ele está de novo querendo fazer isso aí tá todo mundo de novo petição online para não fazer a reforma do PEQ.

Você soube da existência das palestras ou seleções de trabalhadores qualificados realizada pelo governo do Québec no Brasil? Não, essas eu não soube não, mas eu vi só palestras dessas empresas particulares uma inclusive da Planet. Meu conhecimento era limitado, então eu estava indo de boas, porque eu ia fazer com a empresa mesmo. Mas o recrutamento para a minha área não tem muito porque professor de inglês aqui é muito difícil, porém na área de TI sim.

Sei que você veio a estudo, mas quando você chegou na cidade qual que era o seu objetivo - além de estudar - com a chegada na cidade? Meu objetivo era de tentar me integrar à cultura e ao ambiente da cidade, tentar aprender o máximo possível e aprender a língua. Eu queria morar aqui, eu estava apaixonada pelo Quebec, cheguei aqui com olhinhos brilhantes. Aí acontecia as coisas e eu dizia “não, mas tá tudo bem”, aconteciam outras e eu “não, mas tá tudo bem.” Até que chegou um nível que eu mandei todo mundo se lascar, cansei. Assim, existe a possibilidade de eu mudar de ideia... mas se amanhã acontecer “está aqui o seu diploma, você quer fazer o quê?” Eu digo “eu quero ir para casa. Brasil, Recife. Cansei daqui”.

Então você não quer se tornar residente permanente, já que você teria que esperar mais um bom tempo? É, talvez se eu quisesse aplicar para o *Express Entry*, porque ganharia pontos porque eu ter feito os estudos aqui, e deixaria lá rolando. Assim, eu vou aplicar para o PGWP (Post Graduate Work Permit) porque se tudo der certo eu vou continuar neste emprego. Eu não sei se eu vou durar, espero que sim. Continuará trabalhando até o final do meu curso. Eu provavelmente vou ter que pedir uma permissão de trabalho pra ficar aqui até sair o meu diploma, que uma vez saindo o meu diploma arrumo minhas trouxas e vou-me embora. E minha mãe provavelmente vai vir me ajudar a fazer a mudança de volta.

Pensando em todo esse processo migratório e nos dois lados vivenciados desde quando você saiu até este momento que você está, quais foram os conflitos que você vivenciou e quais foram as solidariedades? Vamos começar com as coisas ruins, para terminar com as coisas boas então. As coisas que eu notei é que realmente existe muito preconceito. Às vezes as pessoas são um pouco insensíveis. Por vezes quando você vai à algum órgão, por exemplo, no hospital a pessoa te trata mal, ou então você vai numa loja, pessoal fica com má vontade. Se você não sabe a língua, as pessoas têm esse momento onde existe uma dificuldade maior. O fato de você estar em uma língua diferente da sua, até mesmo na escola quando tratam as coisas em inglês, os professores podem tratar a gente mal porque acha que a gente sabe das coisas da cultura daqui, mas nós não sabemos. E culturalmente a gente tem um choque. Acontecia bastante até com amigos meus.

A variação de cultura, costumes e até mesmo o clima. É muito difícil no inverno. E às vezes quando acontece alguma coisa e se tem um problema atrasa tudo, metrô quebra e aí você se lasca, porque os professores às vezes acham que o aluno está de safadeza “se lasque, fica do

lado de fora e leva falta”. Mas em contrapartida - vamos para as coisas boas – quando as pessoas são boas, elas são boas mesmo. Eu tive professores que me deram o número pessoal deles, eu contei minha história da depressão e eles me deram o telefone deles, se eu precisasse poderia ligar para eles. E na minha turma realmente eu dei sorte, galera do mundo inteiro, eu sou a única brasileira da minha turma, é todo mundo amigo mesmo. Já tive gente de vir me ajudar, vir me buscar de carro para a gente sair, pessoas parceiras mesmo. Tem os amigos brasileiros que a gente sabe que se cria uma conexão mais fácil. Essas pessoas são pessoas que eu quero levar para o resto da minha vida, que eu tenho um carinho enorme. E já aconteceu de estar andando na rua com o negócio super pesado e uma pessoa vir me ajudar a carregar. Então já teve essas coisas as pessoas educadas, de pessoas me ajudarem em situação na faculdade. Encontrei o meu primeiro emprego aqui na Concordia (University) que eu consegui com o contato do meu amigo lá do meu curso do CELTA que eu fiz. Estou até hoje, aplico a prova do IELTS. É pouco dinheiro, é pouco trabalho, mas duas vezes por mês é o meu luxo, porque meus pais me dão o estritamente necessário, que a gente sabe que o dólar está caro.

E pensando no seu círculo de amizade, as sociais que vocês fazem na casa do seu irmão, geralmente incluem só vocês que são mais conhecidos, ou tem canadenses também e pessoas de outras nacionalidades? A maioria das vezes são brasileiros, a gente é mais carente né? A gente se vê com mais frequência, mas esse povo diferente... a gente tem uns amigos que são internacionais, então quando o pessoal fala “ah vamos se ver” se junta todo mundo, de todo país, todo lugar, e a gente se vira, conversa... E

Desses brasileiros que você conhece que estão em Montreal, qual é o seu nível de vínculo com eles? Olha, eu criei uma família aqui, viu. Eu passei por um perrengue muito grande. A minha cunhada me expulsou de casa. A gente estava tendo uma dificuldade, porque são personalidades muito diferentes e eu sou uma pessoa que tenta fazer as coisas, tento fazer certas concessões, mas eu tenho os meus limites. Tenho uma criação de um jeito, ela tem de outro. Sou uma pessoa que evita conflito, então eu tento acomodar, tento fazer tudo para resolver a situação de modo pacífico. Já ela acredita que discussão resolve. Mas até a gente chegar nesse nível, ela estava brigando comigo e eu com os meus problemas psicológicos, só me fazia esconder. Aí Graças a Deus eu tenho um casal de amigos, onde fiquei morando durante um mês, já estava procurando lugar para sair. E aí meus amigos foram me buscar, eu já os conhecia faziam anos, fiquei com eles tipo família. A gente tem um grupinho da faculdade,

todo mundo fica lá conversando, se junta, faz reunião em casa... E do grupo, claro que existem as pessoas que a gente tem mais conexão né, que no meu caso é a Marina, Thaís, Marciel, Bruna, Patrícia, Kátia...

Você consegue ter ajuda dessas pessoas também? No dia que eu fui posta para fora, Patrícia estava na faculdade, ela me encontrou e falou “qualquer coisa pega suas coisas e venha para minha casa, eu dou um jeito, nem que você tenha que dormir na cama junto com meu marido, a gente dorme os três”. Ela é de Recife também. E eu disse “não, minha amiga tá indo buscar, está tudo certo, já estamos organizando tudo certinho” mas ela disse “mas qualquer coisa me diga”. Marciel, amigo da gente, tinha lá uma mesa na casa dele que eles não estavam usando e ele me deu a minha mesa. A galera me doando coisas, Patrícia me levou na IKEA, a Thaís foi comigo para ajudar a carregar as coisas, teve gente ajudando a carregar para fazer a mudança. Teve gente me dando coisa, muitas pessoas me ajudaram.

E você teve apoio também dos quebecoise, canadenses, ou a maior parte mesmo foi brasileiros mesmo?

Quebecoise eu só tenho uma amiga, e ela é mais ou menos, porque a mãe dela é chilena, então ela tem aquele sangue latino, mas é mais carinhosa.

As pessoas que te deram coisas e prestaram auxílio, também de certa forma te ajudaram a conseguir trabalho ou te ajudaram a criar outras amizades que se tornaram vínculos mais fortes?

Total, mesmo que as pessoas não tem me dado coisas estão me ajudando muito com apoio emocional. Eu tenho minhas amigas, tanto os brasileiros quanto de outras nacionalidades entram em contato “como é que tu tá aí? tá tudo certinho aí? tá comendo direito?”. Eu tenho uma amiga minha indiana que é mais velha, que tem aquele instinto materno e do nada, às vezes, ela fala assim “eu fiz comida demais, quer eu leve comida aí?”.

E você já chegou a prestar auxílio para outros brasileiros?

Eu já tentei ajudar o pessoal assim, a tentar arrumar emprego, ou às meninas da faculdade, por exemplo, que estão com dificuldade nos trabalhos, e eu corrijo as coisas das meninas, ajudo com a faculdade, mando coisa, ajudo como eu posso. Porque às vezes realmente não tem como, então eu tento fazer o útil. Quando a Thaís se mudou lá para o prédio, eles não tinham nada porque tinham chegado há pouco tempo, o apartamento que eles foram estava

mobiliado e no outro dia é que eles iam na IKEA para comprar as coisas. Eles tinham basicamente o colchão e a casa vazia, ela chegou lá em casa “eu estou desesperada, o Dollarama já fechou”, então desci peguei material de limpeza, ajudei ela, emprestamos móveis que ficavam na varanda, mesinha pra comer. Então, a gente tentou fazer essas coisas e as minhas amigas toda vez que alguém está precisando alguma coisa se eu puder ajudar ou então nem que seja apoio psicológico.

E assim, você já ouviu falar de alguma associação voluntária de brasileiros, alguma ONG ou grupo de brasileiros que trabalham auxiliando outros brasileiros?

Eu já fiz voluntário nessa ONG, quando me mudei porque estava um pouco apertada de dinheiro. Tem alguns órgãos aqui não só para brasileiros, mas tem várias de outras nacionalidades que ajudam com cesta básica, ou ajuda o pessoal a encontrar emprego. Existe um sistema de apoio bem legal, isso realmente é uma coisa muito boa.

Do governo que você tá falando?

Do governo eu não conheço, mas essas ONGs são particulares. Essa que eu fui é o CAF (Centre d’Aide à la Famille), é para lusófonos. Claro, eles também aceitam ajudar o Quebec, não iriam negar. Eles abrem, mas é principalmente lusófonos. As pessoas da administração falam português, então tem uma “cacetada” de brasileiros, têm os portugueses e tem a galera lá de Angola. E aí eu fui lá fazer um voluntário e recebi a cesta. E lá você paga o cadastro, se bem que é um pouquinho.

E aí nesse lugar que você fez voluntariado, você tinha que prestar um trabalho para poder ganhar a cesta básica?

Não, eles pedem para que você faça pelo menos um dia de voluntário no ano para você poder receber a cesta, elas não são 100% grátis mas é bem baratinho. Você faz o cadastro, eu acho que na época foi cinco dólares, e você paga a cesta. E o cadastro dura um ano, e eu acho que a cesta era sete dólares para mim porque eu sou sozinha e dependendo da quantidade de gente vai ajustando valor. Mas não estou brincando, era uma cesta do tamanho, tem uma lata de comida aí do ano passado.

E você já viu falar também no banco de alimento do governo?

Do governo já, eu só não sei como faz para pegar. As ONGs são mais fáceis e, às vezes, até são coisas melhores. Essa que eu te falei do CAF, por exemplo, é muita comida, e são coisas que os supermercados doam, porque vai vencer ou está próximo de sair da validade.

E além da associação que você comentou do Centro da Família, você já ouvi falar também de associações culturais, por exemplo samba alguma coisa do tipo, culinária... organizados por brasileiros?

No grupo dos brasileiros eu já ouvi falar mas eu nunca fui, nunca tive contato de verdade.

Você já comentou bastante coisa, mas eu queria só reforçar nesse processo de adaptação. Você sentiu familiaridade com os hábitos e com os costumes de Montreal?

É no caso eu me adaptei fácil porque eu já tive experiência fora. Eu me adaptei bem porque sou uma pessoa que eu já teve muito contato com outras culturas mais cedo, fazia inglês desde pequena e eu sei que existe essa questão, então eu já vim preparada para isso. Mas eu notei que os quebechoise realmente são um pouco mais calorosas do que nas províncias inglesas. Nas províncias inglesas eles são extremamente educados.

E você estava comentando que você já tinha sofrido situações de preconceito, elas envolveram principalmente a questão de você ser imigrante, ou por você falar português?

Não, quando eu estava falando português geralmente estou com no mínimo 3 pessoas, às vezes em grupo as pessoas não falam muito não. Mas essas situações de preconceito... assim porque não foi tão forte mas foi um pouco de discriminação. Era sempre eu falando em francês pedindo para que a pessoa falasse inglês porque eu não tinha muita habilidade. Eu cheguei a trabalhar num café também ano passado - trabalhei dois meses - às vezes eu tentava o máximo falar em francês, estava indo direitinho, mas às vezes a pessoa começava a falar e pedir para explicar as coisas da comida e eu dizia "meu filho, não sei" eu não sei nem português, imagina em francês. E às vezes a própria dicção é difícil, de Montreal em si é mais fácil.

Você já pensou em voltar a estudar alguma coisa na área de Letras para poder evoluir na sua área?

Quando eu comecei a ver que eu não estava tão feliz com esse curso e queria mudar foi quando eu fui ver o que ia ser mais caro. Eu teria que aumentar o tempo de curso se eu quisesse

mudar, por exemplo, o que eu quero fazer é o mestrado de linguística e não valia a pena, era muito dinheiro e iria aumentar o tempo que eu ficaria aqui, aí eu disse não.

E você não teve nenhum apoio do governo do Quebec, alguma coisa que te clareasse, te desse uma abertura de caminhos do governo para poder fazer isso:

Não, na verdade aqui para fazer informação muito difícil, até mesmo as próprias universidades, porque quando eu cheguei para essas empresas, disse “você me ajuda a fazer aplicação do mestrado?” e eles “não, a gente faz para o College, porque eles tem convênio com a gente”. Então, eles sabem que aquele aluno provavelmente vai ser aceito e eles já tem aquela comissãozinha garantida, como o mestrado realmente é um processo diferente, você tem que ter carta de recomendação que eles não fazem orientação. Eu trabalhava em Recife numa escola, a gente tinha o setor de orientação de estudos internacionais, mas eu não era orientadora, eu era estagiária. Eu só sabia até certo ponto. Chegou depois desse ponto, eu não sabia mais fazer. Vi que ia ser muito mais dinheiro, porque eu teria que contratar a mesma empresa que eu já trabalhava. Muito dinheiro, muito complicado, então vou terminar esse curso. O curso vai ser realmente muito bom pro meu currículo de toda forma.

Você pensa em voltar o Brasil, você já disse que sim, então por qual razão será este retorno?

Tive vários problemas pessoais, e é uma questão de emoção, eu sei que no Brasil não tá melhor, não existe comparação na minha situação do Brasil. Eu tenho muita família, graças a Deus, eu tenho uma família que realmente eu me dou bem com todo mundo. Tenho muitos amigos lá em Recife, do mesmo jeito que eu fiz amizades que eu te falei aqui. Eu estou realmente tenho sentido falta da família. E tem outra coisa também, profissionalmente falando, sou professora de inglês e eu quero dar aula, gosto disso e quero ser professora. Educadora aqui não rolou, não gosto de *daycare*, é muito chato! É muito mais trabalho físico e braçal que pensante, gosto de trabalhar com o cognitivo. É uma coisa que eu realmente amo. Quando eu fui ver aqui como era a situação do professor, era ruim também. Eles tratam mal os professores – digo que tratam mal porque aqui estava acontecendo isso, Quebec queria abrir as escolas de novo por causa do COVID, e estava dizendo assim para os professores que se eles não quisessem ir dar aula, tem profissionais que querem emprego. Se vire. Então eu pensei, aqui no Québec é assim, no Brasil é assim também, então prefiro lá que eu estou com a família.

Se você tivesse de fato foi encontrado essas portas abertas hoje você pensaria diferente e seguiria com o mesmo plano de pegar o PR.

Isso, no caso como eu te falei, se acontecer algo muito fora da curva, sei lá, apareceu um emprego dos sonhos, de dar aula numa escola boa, que me dê segurança essas coisas. Sozinha é meio difícil. Porque até financeiramente é difícil, porque quando você tem duas pessoas é mais fácil, porque é dois mais dois. Então se você ganha o seu salário, e você está com seu companheiro ou companheira, você tem duas rendas. Eu sozinha e ter que pagar todas as contas sozinhas e não é barato. E pensa, se você mora fora de *downtown* as coisas ficam muito distantes, é complicado no inverno, é difícil. Se eu tivesse vindo casada, seria outra coisa, seria muito mais fácil, teria mais oportunidade de fazer coisas, inclusive até viajar, porque a única viagem que eu fiz aqui foi para Tadoussac junto da Marina.

Entrevista nº 8 - Maria, 28 anos (realizada em 07/07/2020)

Cidade de origem: Curitiba, PR

Formação: Graduação em Administração

Nível de qualificação: Graduação completa

Situação legal no Quebec: Brasileiro(a) em processo de obtenção de residência permanente (candidatos que já aplicaram - ARRIMA ou PEQ)

Tempo de residência em Montreal: 1 ano e 5 meses

Idioma(s): Inglês

Em qual bairro da região metropolitana de Montreal você mora? Eu moro no bairro que se chama Verdun

Você já fez alguma viagem internacional antes de ter ido para Montreal? Ah já, eu já tinha morado nos EUA antes quando eu era adolescente. Já tinha viajado bastante para os EUA e também por alguns países da América do Sul.

Quando você cogitou a possibilidade de ir para o Quebec você já tinha algum conhecido ou algum familiar? Sim, quando a gente começou nosso processo de pesquisa sobre o Canadá o Quebec era a última opção. Na verdade, a gente não queria vir para cá. Eu tenho

bastante família aqui, tenho 3 primas com suas famílias e eu tenho um primo também, então eu tinha muita gente da família aqui e isso foi o ponto decisivo pra gente, ter família perto.

E essas pessoas já são residentes permanentes, já estão estabelecidos aí? Sim eu tenho uma prima que é residente permanente, ela é casada com um canadense. Tenho um outro primo que está como eu, a esposa dele estudando e ele trabalhando. E tenho uma outra prima que está no processo, ela só está esperando chegar a residência que ela já aplicou. Tem outras pessoas de outra parte da família que já vieram há muitos e muitos anos, os filhos já nasceram aqui.

Nessa época que você foi, você foi sozinha ou com família? Não, a gente veio todo mundo junto. Eu já era casada, veio eu, meu marido e minha filha.

E seu marido veio com visto de trabalho por conta do seu visto de estudos? Isso.

Ele já saiu empregado do Brasil ou conseguiu trabalho aí? Não, na verdade quando a gente veio o Luiz ainda tinha alguns projetos que ele estava trabalhando no Brasil. Então ele ficou um tempo aqui sem trabalhar porque ele estava finalizando um projeto. Aí depois que ele concluiu essa etapa ele começou a procurar emprego aqui. Ele começou do zero.

Vocês tiveram auxílio de outros brasileiros? Para conseguir trabalho, construir *network*, etc? Assim, acho que para o trabalho do Luiz sim, muito. Na verdade, ele conseguiu emprego assim: eu estava batendo um papo com uma vizinha no ponto do metrô (a gente morava em outro bairro antes) e ela falou que a empresa do marido dela estava procurando gente e naquele mesmo dia a gente foi na casa dela e o marido dela (todos brasileiros) já conseguiu a vaga para ele.

E ela era brasileira também? Essa vizinha é brasileira. Eu morava num prédio antes que tinha umas 20 famílias brasileiras.

Você teve apoio da sua família? Eles te incentivaram? Foi, por incrível que pareça os nossos pais e as gerações mais velhas ajudaram muito. A gente teve todo um preparo

emocional, mas também financeiro, a gente teve muito apoio da família. Acho que foi mais difícil para os amigos, para o pessoal mais jovem do que para os mais velhos.

Você teve auxílio de alguma empresa no seu processo de solicitação do visto? Tive. Na verdade, a gente passou por algumas empresas até chegar em uma. E não tinha condições, a gente estava numa rotina que eu não conseguiria fazer as coisas sozinha. Então teve uma empresa que auxiliou a gente, não sei se foi a melhor opção. Acho que quando você procura as coisas sozinho pode ser melhor até, mas foi uma segurança de alguma forma.

Você lembra de alguma empresa que te auxiliou na época? Na época era Planet, mas agora ela se chama Neway (NewWayForYou).

Quais são os vínculos que você tem com o Brasil hoje? Assim, nada que prenda. É emocional né? É família, nós não temos nenhum vínculo empregatício, no Brasil nós não temos nada. São as relações de amizade e família mesmo.

Seus pais, seus colegas já foram lhe visitar? Meus pais já vieram duas vezes, minhas irmãs e minha cunhada, toda a família do Luiz também veio. Amigos a gente não recebeu nenhum ainda.

Seus familiares já demonstraram interesse em estar com vocês no Canadá? Não. Mas é porque são situações de vida particulares, acho que uma coisa como a imigração não caberia.

Vocês recebem ou mandam auxílio para o Brasil, existe essa relação na sua família? Sim, vice-versa. Eu recebo dos meus pais os estudos, meus pais pagam meu estudo aqui. A gente já precisou mandar também, para ajudar familiares.

Como você ficou sabendo que a estratégia do *college* era uma boa e que o seu marido poderia ir junto também. Como você ficou sabendo desta possibilidade? A gente estudou bastante antes de vir. Um ano antes de eu vir foi quando a gente começou a fazer muita pesquisa, a gente pesquisou todos os processos migratórios que tinham nas províncias que a

gente considerava. A gente chegou a assistir uma palestra sobre o Quebec em Curitiba. Estudamos bastante e conversando com as pessoas que estavam aqui.

Essa palestra era sobre trabalhadores qualificados?

Era uma empresa em Curitiba que trazia gente para cá, meio o que a Planet faz. A apresentação era do PEQ (*Program Experience Quebec*), PEQ estudo e do PEQ trabalho. Mas não serviu para a gente, nós não queríamos o Quebec mesmo.

O que o Quebec oferecia que lhe brilhou? O que mudou para que você visse o Quebec como uma oportunidade? Na verdade, a gente tinha tomado a decisão de ir para Calgary, já tinha até feito a aplicação para lá em uma universidade. Foi bem em um período de final de ano, época de festa. Na época em que o meu processo estava rolando em Calgary para eu ser aceita lá eu recebi a minha prima que mora aqui (Montreal) com o marido dela que é canadense, lá em Curitiba. A gente conversou muito, foi uma combinação de coisas, o fato da importância da família e a gente tinha um bebê pequeno, o marido dela também trabalha em uma área similar ao que meu marido fazia no Brasil. Foram alguns pontos que começaram a pesar para a gente, na verdade foi mais um convite para abrimos a cabeça para o Quebec. Quando eu fiz isso, começamos a fazer a pesquisa e ver como eram os custos de vida aqui, e a gente viu que comparando Montreal com Calgary era muito mais acessível.

Quais foram as principais fontes de informação durante o processo? Site do Governo, primeiro de tudo, a gente lia muito lá. Assistimos muito canal de Youtube, eu nem tanto, meu marido tinha mais paciência. Eu ouvi um podcast sobre o Canadá, não lembro o nome direito, ficavam falando sobre imigração.

Além da família que já está aí, vocês tinham conhecimento de casos de sucesso de outros brasileiros? Conhecemos. Quando nós estávamos incertos sobre vir para cá ou não, a minha prima no processo dela de tentar convencer a gente a vir para cá (Montreal). Ela passou meu telefone para uma amiga dela que tinha um estilo de vida um pouco similar ao nosso, que tinha filha pequena e também não falava o francês. Eu troquei muito com ela e me ajudou a ver que era possível.

Quando vocês aplicaram já existia a vontade em imigrar, em se estabelecer? Já, desde o começo.

Como foi o processo de chegar e se estabelecer? Você viu solidariedade por parte de outros brasileiros? Nossa, a gente teve uma chegada muito privilegiada aqui. Eu cheguei e a minha prima já tinha alugado um apartamento para mim, já tinha achado uma creche para a minha filha. Várias amigas dela tinham doado uma cama, mesa, coisas assim para a gente. Chegamos e ficamos 30 dias na casa da minha prima até o apartamento que a gente ia entrar se liberar. Nesse quesito de moradia a gente recebeu bastante ajuda desse núcleo e de outros brasileiros também que ela (a prima) já tinha amizade. E depois a gente usufruiu, dica de brasileiros sobre lugares que fazia doação de comida, de ONG que tinha curso de francês barato. Enfim, sempre recebemos esses conselhos na comunidade.

Vocês mantiveram vínculo com esses brasileiros que prestaram apoio ou foi apenas por uma questão de necessidade? Eu acho que não, aqui é uma coisa engraçada. Aqui quando você chega e tudo é tão desconhecido, a língua o jeito, tudo é tão fora do que é a sua casa e quando você conhece um brasileiro você automaticamente já, praticamente, parece que sente um conforto só pelo fato de ser brasileiro. E conforme o tempo vai passando você vai vendo que não apenas por ser brasileiro que a pessoa vai ser sua amiga. A gente foi construindo nossas relações depois e não são ninguém daquela época, daquele início logo que a gente chegou. Foram relações que a gente construiu depois, mas que essas relações hoje dentro de uma amizade são muito mais fortes em se ajudar.

Essas pessoas se enquadram como vocês que vieram com família e têm filhos, são mistos, estão a mais tempo? Todo mundo está meio que na mesma fase que a gente do processo migratório, tem alguns solteiros, o resto é casal, temos alguns casais de amigos com filhos também. Mas eu acho que o que une muito, que depois eu percebi com o tempo, é aquilo que une em qualquer lugar. Vão ser pessoas que tem os ideais próximos aos seus, sabe?

No processo de adaptação você sentiu familiaridade com os costumes e com os hábitos ou foi muito difícil de você se adaptar? Eu acho que essa é a parada de Montreal, que é o grande desafio né? Porque você chega aqui e rola um choque, você chega aqui e não é uma cultura canadense, é um mix enorme de diversas culturas. Então não você se abrindo e

conhecendo uma cultura, são milhares de culturas ao mesmo tempo. E isso é muito legal e enriquecedor, às vezes você se sente muito burro, você vai conhecer gente de países que você nem sabia que existia. O choque é grande. Eu não senti dificuldade de me adaptar com coisas banais da vida como pegar o metrô, ir ao mercado, fazer essas coisas e até mesmo o clima é simples, sabe? Mas algumas outras coisas como no *college* onde a gente convive com muitas culturas diferentes às vezes era um choque maior.

Por conta da sua nacionalidade e de não falar o francês, você teve alguma experiência ligada ao preconceito? Eu venho de uma condição de muito privilégio. Eu sou branca, não tenho um estereótipo que logo de cara ela vai dizer "ah ela é latina" como outros latinos têm. Então eu nunca sofri por questões físicas. O que acontece muito, mas que eu não vejo como preconceito, eu acho que é algo que faz parte da cultura de Montreal, é quando você vai se esforçar para falar o francês e ele não sai naturalmente a pessoa automaticamente vai mudar para o inglês. E também, lógico, você construir amizades verdadeiras ou, enfim, ter mais vínculos em relações que são com pessoas daqui sem ter o francês, sem falar um bom francês, ela é mais difícil. O que eu sinto não é expressamente um preconceito comigo, mas é um afastamento por você não ter a mesma base de comunicação. É comum você estar se esforçando para tentar falar o francês e ele não sair exatamente perfeito e a pessoa mudar para o inglês. Ao mesmo tempo que é necessário não é tão "*welcoming*", não é tão aberto para receber nossas tentativas, sabe?

Vi que você tem a graduação completa. Você já chegou a trabalhar no seu domínio de estudos? Eu demorei até começar a trabalhar, mais por causa do *college*, aí eu peguei um trabalho de experiência, eu trabalhei um tempo passando roupa e agora eu trabalho em um mercado.

E o *college* é próximo da sua área de formação? É bem similar, eu sou formada em administração e o *college* é em contabilidade.

O governo te abriu portas para capacitações ou validação de diplomas para você trabalhar na sua área? Do governo a gente não recebeu nenhum auxílio nesse sentido de se colocar no mercado e a validação de diplomas aqui é particular. Então a gente teria que pagar para fazer e eu não fui atrás disso também. Esse tipo de ajuda não, mas eu não posso reclamar, o governo dá muita ajuda aqui. A gente recebe 60% dos impostos que pagou de volta, a gente tem benefícios da nossa filha. Eu sei que existem canais de inserção de mercado e sei que em

algumas culturas específicas quando as pessoas são "*newcomers*" aqui recebem um tratamento especial. Tipo um "acultramento" para se adaptar.

(a respeito da re-inserção laboral de pessoas qualificadas) É uma coisa a se pensar de cabeça bem aberta, eu tenho amigas que é doutora em psicologia e coordenadora do curso de psicologia em uma universidade federal no Brasil e aqui trabalha de babá cuidando de bebê. Ao mesmo tempo em que você olha somente por essa perspectiva é frustrante. Mas quando você se coloca no lugar da pessoa que está te recebendo aqui, você recebe o currículo de uma universidade que não conhece, de uma pessoa que trabalhou em empresas que você nunca ouviu falar, de alguém que está no seu país a pouco tempo e que não tem uma experiência cultural e que não vai ter o mesmo "*frame of reference*" com as pessoas com quem ela está trabalhando ali. Não tem "*networking*" nenhum, não tem uma indicação, não tem nada disso acontecendo. É natural que você dê muitos passos para trás e construa uma nova história aqui.

Ao longo do tempo que você está aí você já ouviu falar ou utilizou os serviços de associações voluntárias de brasileiros?

De brasileiros não.

Você ficou sabendo das que são do governo?

Isso, mas de brasileiros eu nunca ouvi falar.

Nem grupos de cultura?

Esses eu sei que existe, aula de música para crianças. Tem o "Brasileirinhos" que eles dão aulas para manter o português das crianças. Mas eu não participei.

Você já aplicou para o processo de residência permanente?

Não, ainda não.

Você está terminando os estudos?

Isso, a gente está fazendo a aplicação por outro sistema do Quebec que se chama ARRIMA e através dele nós já temos o processo encaminhado. Nós já enviamos a oferta de interesse, mas ainda não tivemos resposta.

Vocês tiveram problemas para a aplicação?

Não, por enquanto é tranquilo. Assim, a aplicação é em francês então não posso dizer que é 'tranquilo porque tem que traduzir do inglês tudo. Mas é um sistema bom, acessível.

No momento que estão da vida de vocês, há alguma possibilidade de voltar a morar no Brasil?

Não tenho vontade em nada.

O que o governo ofereceu que fez vocês perceberem como um caminho que faria sentido?

Eu acho que é um múltiplo de fatores. O primeiro, que é o principal motivo que a gente veio, era a segurança, acho que quando você tem uma criança e ela é mulher você respira essa preocupação o tempo inteiro no Brasil. E realmente a gente se sente seguro, a segurança está aqui. O segundo fator é a ascensão na carreira, meu marido está aqui trabalhando a um ano e meio e de um trabalho extremamente de entrada ele já teve oportunidade e continuou crescendo. Ele recebe essa abertura e esse incentivo pra continuar crescendo. Então, tem coisa que em Curitiba, que é uma cidade um pouco menor comparada a Rio ou São Paulo, para você produzir e crescer na carreira, isso era um ponto. E a estabilidade financeira, no Brasil a gente tinha essa sensação de que acordava e ia trabalhar todo dia com medo de ser mandado embora, porque se fosse mandado embora não tem outra opção, é ficar se sentindo sufocado. E aqui, se acontecer de a empresa quebrar, se eu for mandado embora, se os projetos acabarem existem outras empresas, existem outro mercado.

Você sabe da possibilidade de se tornar uma cidadã canadense depois do processo de residência?

Sim. É um processo delicado né? Quando você como brasileiro escolhe outra cidadania que não seja por herança familiar ou por casamento, você abre mão da sua nacionalidade. Então, não sei. É uma decisão que a gente não tomou ainda.

Eu acho que a cidadania é um sentimento também, isso precisa nascer e evoluir.